

Soca MAGAZINE



Revista da SOCA. Sociedade Caboverdiana de Autores. Nº 1 ◦ IIª Série – Agosto de 2012



Armando de Pina

Perfil



ARMÉNIO VIEIRA
e a sua escrita

Perfil



VUCA PINHEIRO
e a música

Dossier



JOÃO LOPES FILHO
35 anos de escrita

Homenagem



PEDRO RODRIGUES
canta Cabo Verde

Homenagens: Marino Silva & Luís Lima



DESTAQUE

Armando de Pina

68 a 72



PERFIL

Vuca Pinheiro

73 a 75



PERFIL

Arménio Vieira

Prémio Camões 2009

76 a 83



DOSSIER

João Lopes Filho

Prémio Sonangol 2011

84 a 97



ENFOQUE

Pano Terra

Por: Jorge Soares

98 a 102



EDIÇÕES & RECENSÕES

Tambor e também Amor na busca do sentir e da criação poética

103 a 105

HOMENAGENS



Pedro Rodrigues

116 a 123



Luís Lima

124/125



Marino Silva

126 a 128



... MAIS

- Fotos do Lançamento 106/107
- Requem/Homenagens Cesária e Maiúca Marta 129 a 131

- Audiovisual – Nasceu a Associação de Cinema e Audiovisual de Cabo Verde 110/111
- Notícias sobre a Soca 112 a 115



Danny Spínola *

Editorial

Iniciamos este nosso editorial sob os signos de uma máxima do escritor russo Nabokov e de uns versos da cantadeira de finason Nha Násia Gomi.

A máxima de Nabokov diz que «(...) a invenção da arte contém uma verdade muito mais intrínseca do que a realidade da vida»; e os versos de Násia Gomi dizem que «Un ben pa bira mal e mas faxi ki un mal pa bira ben»

Aparentemente, estas duas asserções nada têm a ver uma com a outra, mas se reflectirmos bem poderemos constatar que ambas estão a referir-se a algo muito importante na vida: a virtude.

Pois bem, Nabokov quer dizer com isso que a arte, quando «planeada correctamente» é uma força criativa e que, como tal, possui uma verdade intrínseca que é a sua virtude, a qual perdura, não obstante as tentativas de a destruir.

E é nessa linha e lógica que derivam os versos de Násia Gómi, isto é, que é mais fácil tentar denegrir, ou destruir algo bom, do que tornar algo mau, pernicioso, em coisa boa – diz o ditado que «no bom pano cai a nódoa»

É dentro deste parâmetro de raciocínio que achamos por bem avançar aqui com alguns esclarecimentos relativamente a algumas questões importantes, já que uma certa conjuntura a isso nos concita.

Assim, vamos dividir este nosso editorial à revista em três partes: uma primeira, em jeito de reflexão sobre determinados assuntos, preponderantes e de se ponderar, uma segunda em que faremos algumas considerações, a

modos de balanço, sobre o percurso da SOCA até este momento, e uma terceira que seria de projecção. Seremos um pouco repetitivos (tendo em consideração outras intervenções nossas), mas não poderemos fugir à situação, tendo em atenção o momento que atravessamos que nos impõe uma atitude de rigor e de discernimento para esclarecermos cabalmente todos aqueles que, por uma razão ou outra, não têm podido ver as coisas claramente, sem o véu da sugestão ou de determinadas implicações impostas. Nabokov diz que há coisas na vida que, tal como «Nas belas obras de arte, a multidão se recusa, durante muito tempo, a entender, a reconhecer e a cujo encanto resiste»

1 – Respeitando o trabalho dos nossos antecessores, sem os quais, se calhar, não existiríamos, afirmamos, sim, com orgulho, após estes três anos na Presidência da SOCA, que temos seis anos de existência e que herdamos um passado meritório, de árduo trabalho de organização da SOCA para que pudéssemos chegar aonde chegamos, neste momento, e que, ao contrário do que se possa afirmar é de um bom desempenho, visível à vista de todos aqueles que não sofrem de miopia colectiva ou de alguma síndrome, própria de determinadas aves.

Queremos, também, esclarecer aqui que a SOCA já tem reunidas as condições básicas para desempenhar o seu papel de gestão colectiva dos direitos autorais em Cabo Verde, alicerçada na portaria do Governo que lhe confere legitimidade para o exercício dessa função, com uma tabela mínima de execução pública que estabelece as tarifas de cobrança

dos direitos autorais, com critérios vários de distribuição, faltando, sim, fazer a distribuição dos direitos. Até este momento, a SOCA já enviou propostas de contrato e cartas de cobranças (desde Janeiro de 2010) a mais de 80 lugares que utilizam a música nas suas actividades, algumas reiteradamente. Se uma certa conjuntura do teatro da nossa actuação fosse outra, já teríamos atingido o nosso objectivo, pelo que estamos envidando esforços para o logramos este ano, ainda.

Achamos legítimo que a sociedade civil, os autores ou músicos tenham os seus pontos de vista sobre a SOCA e os direitos autorais, e que tenham a iniciativa de criar outras associações, assim como já existe a Associação de Escritores Cabo-verdianos e foi recentemente criada a Associação de Cinema e Audiovisual de Cabo Verde. Achamos legítimo, também, que todos tenham as suas opiniões sobre as coisas, pois, já dizia o outro que todos têm direito à opinião, mas nós também temos o direito de não estarmos de acordo com as opiniões dos outros.

Damos graças por Cabo Verde já ter crescido, e muito, em termos de democracia e de consciência das coisas para que não coabitamos com determinados tipos de domínio e tirania cultural como acontece em outras paragens, o que constituiria grande retrocesso para um país que tem as alvíssaras de ascender à independência sociocultural e intelectual. O Estado deve apoiar e estimular o florescimento da cultura e deve, sobretudo, proteger e preservá-la, mas não deve imiscuir-se, perseguir ou censurar os fazedores de cultura, que devem ser livres na sua criação, na medida em que a intervenção nesses moldes só acontece em regimes totalitários, de ditadores, em que os detentores de poder procuram o culto da sua própria personalidade. Congratulamos, pois, que Cabo Verde já tenha ultrapassado essa tentação, procurando pautar-se, cada vez mais, por um modelo de demo-

cracia que procura criar condições favoráveis à população detentora da cultura.

Partilhada a nossa reflexão, é chegado o momento de fazer um breve balanço geral do nosso percurso até este momento.

2 – Desde a eleição dos actuais corpos sociais, em Novembro de 2008, a SOCA programou um conjunto de acções e estratégias de implementação das principais atribuições e competências que lhe cabem, e tem envidado esforços no sentido de ter uma sede própria e de desenvolver várias actividades.

Entretanto, demos prioridade à questão da cobrança dos direitos autorais, realizando uma mesa-redonda, de onde saiu uma proposta de portaria, que pudesse garantir a legitimidade à SOCA enquanto entidade de gestão dos direitos autorais em Cabo Verde, que foi enviada ao Ministério da Cultura para o devido seguimento, através das instâncias competentes do Governo, e posterior publicação, que nos tem permitido exercer, de forma legítima, o nosso papel.

Após a publicação desta portaria começámos o processo de cobrança fixando uma tabela de execução mínima, baseada em tabelas internacionais e da Sociedade Portuguesa de Autores, adaptada à nossa realidade; enviámos propostas de contrato às rádios e televisões públicas e privadas, cartas de cobrança às discotecas, pubs, e casas nocturnas que utilizam a música como atracção principal da sua actividade, bem como a alguns hotéis que utilizam a música como acessório importante para a valorização da sua actividade.

Neste momento já enviámos cartas de cobrança a cerca de 80 locais que utilizam a música nas suas actividades, com reiteração a todas elas, por não termos tido respostas satisfatórias. A título de exemplo, destacamos a dita maior



empresa de comunicação social do país, a RTC, à qual enviamos uma carta em Janeiro de 2010, outras em Abril e Junho, e uma outra em Novembro, através de um advogado que contactamos para o efeito. Em Dezembro de 2010, enviámos uma carta à IGAE solicitando a sua colaboração no processo de cobrança às discotecas e casas nocturnas, a qual ficou, até hoje, sem resposta.

Enviámos, também, uma carta à Câmara Municipal da Praia com uma proposta de parceria para passarmos a cobrar a esses locais de execução pública no momento de obterem a licença para o exercício das suas actividades, só possível mediante a apresentação de uma autorização da SOCA para a utilização da música, ou do pagamento à Câmara dos direitos autorais no momento de passar a licença. Mas esta estratégia, também, não avançou.

Dando prioridade ao sector da comunicação, um dos veículos mais importantes da actualidade, para uma actuação dinâmica e eficaz no seio da sociedade civil, a SOCA apostou numa revista de periodicidade trimestral; num site que veicule informações sobre as actividades que desenvolve, mantendo uma dinâmica interactiva de comunicação e divulgação; e pretende, ainda, realizar programas radiofónicos e audiovisuais de informação e divulgação, tendo já preparado projectos nessas áreas.

Durante os dois últimos anos, a SOCA desenvolveu um conjunto de actividades culturais, mensais, como, por exemplo: sessões de música e poesia, exposições de pinturas, concursos fotográficos e outros; uma mesa-redonda sobre uma proposta de Tabela Mínima de Execução, etc.

Entretanto, estabelecemos como meta prioritária e fundamental a cobrança e distribuição dos direitos autorais; a aquisição de um espaço físico próprio, a ser equipado devidamente com

o mobiliário indispensável para o seu funcionamento, a capacitação jurídica da instituição para uma actuação eficaz nas questões pertinentes dessa área, assim como a criação de um Departamento de Administração eficiente que garanta a cobrança das quotas, a criação de fundos financeiros e a gestão dos bens e património da organização, que poderão ser atingidos já este ano. Os nossos esforços junto da DGPE não resultaram em nada de concreto.

Outra grande aposta da SOCA foi a criação de uma editora, a SOCAEdições, que responde às demandas de edições das revistas da SOCA e dos próprios sócios, tendo em conta as dificuldades e carências existentes nesse domínio, sendo de destacar a publicação de, até este momento, dois títulos: *Na Roda do Sexo*, de Fernando Monteiro e *O Diadema do Rei*, de Novíssil de Fasejo, para além dos cinco números da revista *SOCA Magazine*. Essa aposta só foi possível graças aos patrocínios e colaborações de pessoas que não cobraram pelos trabalhos que fizeram.

Podemos dizer, de forma esquemática e resumida, que levamos a cabo um vasto conjunto de actividades importantes para a nossa caminhada, tais como a realização de actos de homenagem a figuras e personalidades da cultura cabo-verdiana, tendo homenageado vários artistas, nomeadamente Daniel Rendall, Cesário Boca, Lela Violão, Fernando Monteiro, Pantera, Nela Barbosa, Isa Pereira, entre outros; a participação em alguns eventos internacionais, como, por exemplo a Feira do Livro e a Bienal de Cultura da Câmara Municipal de Odivelas; a Conferência sobre a Lusofonia, organizada pela UCLLA, e o I Encontro de Sociedades Lusófonas de Autores (não participamos no II Encontro por falta de meios financeiros). Toda e qualquer realização foram executadas com verbas proveniente de outras fontes que não as dos direitos arrecadados.



3 – Vamos reforçar o nosso pedido ao Governo para pôr cobro à situação de pirataria que grassa no país e pediremos, também, que instrua a IGAE a actuar, no sentido de contribuírem na resolução do pagamento dos direitos pelas discotecas e *pubs*.

Vamos imprimir um maior dinamismo às nossas actividades, com novas estratégias, que, esperamos, sejam mais frutíferas, nomeadamente a estrutura de contratos com uma empresa de gestão e contabilidade, para a cobrança, e com um advogado, para as questões legais.

Vamos apostar na organização de mesas-redondas, colóquios e outros géneros de debates sobre os direitos autorais e assuntos de natureza cultural, ou com incidência na vida cultural, abertos aos membros da SOCA, aos escritores, aos demais agentes culturais e à sociedade civil; na realização de concursos literários e leituras poéticas, como forma de incentivar o gosto e o interesse por essa arte no seio dos jovens; na organização de encontros dos artistas com os estudantes, ou com o público em geral, para falarem das suas obras ou das obras dos outros autores, como forma de melhor divulgar o conhecimento da arte e cultura cabo-verdianas; na organização periódica (anual) de encontros temáticos entre os artistas para abordagem e análise de questões diversas, aproveitando-se os materiais apresentados para edições especiais da revista da SOCA; na organização de Semanas de Arte Integrada, Bienais de Artes Plásticas e Literatura com: Feira de Livros, Exposições de Artes Plásticas (pintura, escultura, artesanato, fotografia), Teatro, Dança; Música e Poesia; Apresentações de Vídeos; Sites e Filmes; Gastronomia; na organização e/ou participação na organização de eventos culturais em colaboração com os Centros Culturais estrangeiros, sediados no país, e com outros organismos associativos, nomeadamente na atribuição de um Grande Prémio Bianual de Arte, com várias distinções nas diversas modalidades artísticas (ver os nossos programas de actividades no nosso *site*).

Quanto às Relações Públicas e Internacionais, um dos sectores chave para a projecção da SOCA, a nível nacional e internacional, vamos adoptar estratégias específicas e dinâmicas de actuação que possam garantir uma imagem de marca no seio da sociedade civil, com um relacionamento estreito

e cooperativo com todos os nossos sócios, e com acordos de parceria com organizações congéneres, a nível internacional, bem como intercâmbios com artistas de outros países. Nesse sentido, vamos reforçar cada vez mais o *site* e a revista, com uma aposta forte na divulgação e distribuição, ao mesmo tempo que erigimos um programa radiofónico que seja porta-voz dos artistas e sirva de meio privilegiado de divulgação das actividades da SOCA.

Pensamos também angariar fundos, com a contribuição dos mecenas culturais – empresas, organismos internacionais e ONG para a criação de um fundo que possa servir de apoio às actividades culturais e à promoção dos nossos sócios e estabelecer acordos de reciprocidade com organizações congéneres como a Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), a Associação Brasileira de Música (ABRAMUS), a Sociedade Moçambicana de Autores (SOMAS) e a Sociedade Angolana de Autores (SADIA), de entre outras.

Já temos um programa de actividades para o ano de 2012, que consideramos ambicioso. Vamos, pois, ter o seguinte: Encontro com centros e adidos culturais das Embaixadas sediadas na Praia para propormos parcerias para a organização da Bienal de Artes Plásticas que vamos implementar; Início do programa radiofónico SOCAMAGAZINE; Lançamento do IV número da Revista SOCA *magazine*, com sessão cultural; Lançamento de um Concurso de Fotografia Artística com sessão cultural; Seminário e *Workshop* sobre Questões Autorais e Pirataria, com especialistas internacionais; Encontro com Artistas em Lisboa: Grande Feira da Diversão, da Arte e da Cultura com: Feira e Apresentação de Livros; Exposição/Vernissage de Pintura, Artesanato; Música e Poesia; Homenagens a vários artistas e personalidades, com Recital de Música & Poesia; Encontro com Artistas em Portugal e nos EUA: Colóquios sobre Arte e Cultura Cabo-verdianas; Festival de Filmes e Documentários (uma semana) secundada de tertúlia cultural; Lançamento do V nº da Revista SOCA *Magazine*; Lançamento do livro de poemas: *Germinações* de José Luís Hopffer e de Rony Luís Moreno; Bienal de Pintura com o lançamento de um Grande Prémio de Arte; Primeira Distribuição de Direitos Autorais; e, finalmente, a III Assembleia-Geral da SOCA ■

*** Presidente da SOCA**



Sumário

| | |
|--|---|
|  DESTAQUE Armando de Pina 8 a 15 |  PERFIL Arménio Vieira Prémio Camões 2009 16 a 23 |
|  PERFIL Vuca Pinheiro 13 a 15 |  DOSSIER João Lopes Filho Prémio Sorrisos 2011 24 a 37 |
|  EDIÇÕES & RECOMENDÇÕES Tambor e também Amar na busca do sentido e da criação poética 43 a 45 |  ENFOQUE Pano Terra 38 a 42 |

HOMENAGENS

| | | |
|--|---|---|
|  Pedro Rodrigues 56 a 63 |  Luis Lima 64/65 |  Marino Silva 66 a 68 |
|--|---|---|

Konviti

Consúl Geral de Cabo Verde, em Boston, y Sociedade Cabo-verdiana de Autores ta konvida-u pa un "pôr-de-sol" Kultural na Konsuladu di Kabu Verdi, na dia 22 di Nuvenbru, pa 6:00H di tardi.

PRUGRAMA DI APRIZENTASON DI RIVISTA "SOCA MAGAZINE"

- Intervenson - Consúl Geral de Cabo Verde - *Pedro Graciano*
- Intervenson - Prizidenti di SOCA *Danny Spínola*
- Entrega di Diploma pa Armando di Pina y Vuca Pinheiro
- Múzika y Puezia ku Armando di Pina y Vuca Pinheiro
- Múzika y Puezia ku Vanusa y Danny Spínola



Armando de Pina

No meio do Oceano Atlântico, ladeado por quatro Continentes, o Arquipélago de Cabo Verde, formado de 10 bonitas ilhas, entre as quais, Brava, ilha musical e das flores, que foi o lugar de nascimento de Armando de Pina.

A imigração também cedo o convocou, e, assim, a primeira viagem para os Estados Unidos da América aconteceu em 1957 no navio *Ernestina*, agora ancorado no porto de New Bedford. Após o regresso a Cabo Verde, ainda no mesmo ano, Armando de Pina embarcou no navio a motor *Vera Cruz* a Lisboa de onde seguiria para os Estados Unidos, tendo regressado a Cabo Verde 9 anos depois, a fim de matar saudades da sua terrinha natal.

Tanto em Cabo Verde quanto nos Estados Unidos, a música sempre o acompanhou, tendo sido sempre solicitado a emprestar o seu talento em diversas actividades de carácter cultural.

No ano de 1959, incorporou à música a letra (de Falai e Nana) para dar origem a uma das mais solicitadas composições de Armando de Pina, a morna “Sara”

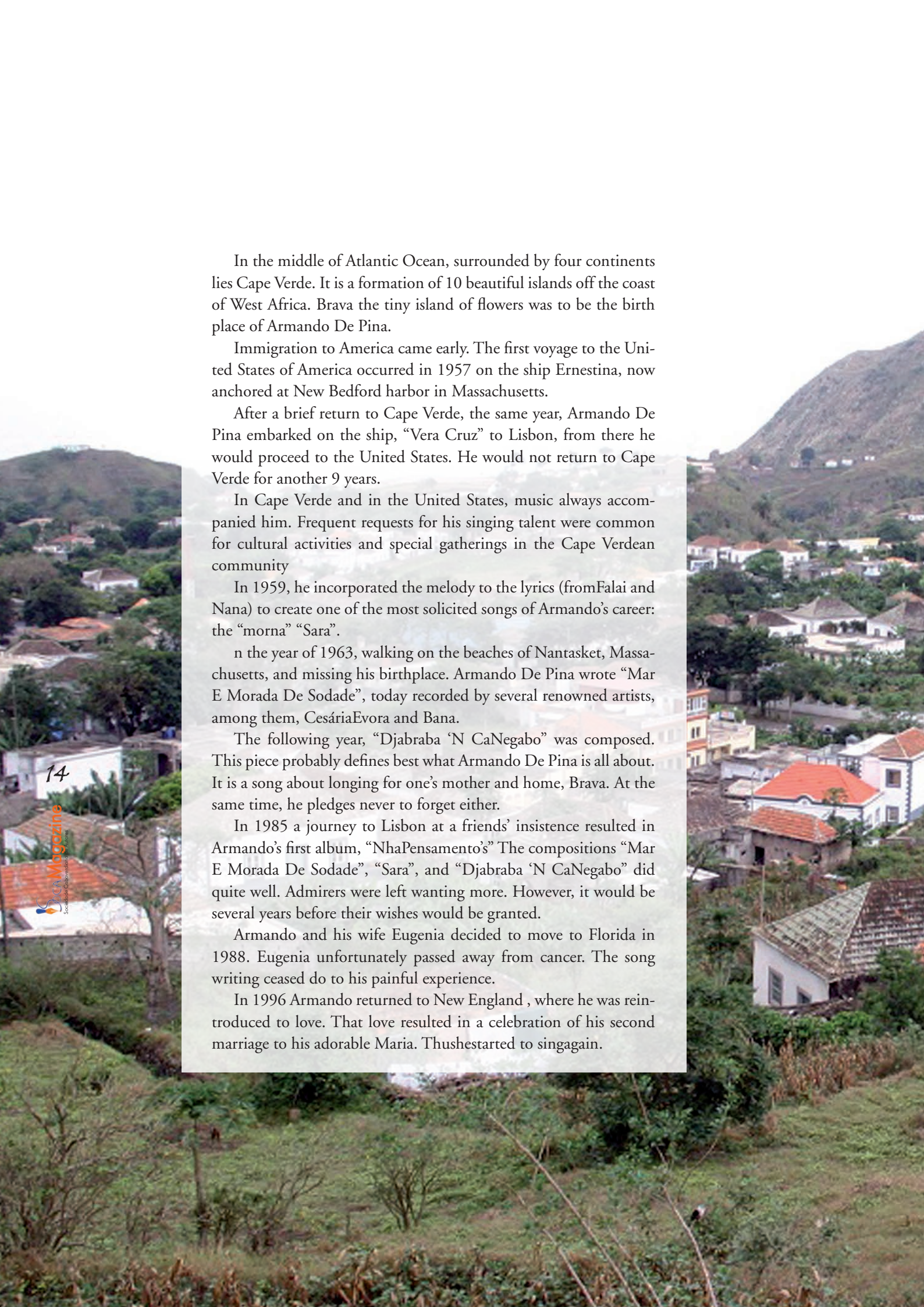
No ano de 1963, andando pelas praias de Nantasket, em Massachusetts, e sentindo as saudades da sua terra natal, Armando de Pina escreveu “Mar É Morada De Sodade”, hoje gravado por diversos artistas de renome, entre os quais Cesária Évora e Bana.

No ano seguinte, o tema “Djabraba ‘N ca Negabo” também se incorporou ao seu leque de composições que invariavelmente cantam o amor e a saudade da Mãe, e da Terra Natal.

Em 1985, uma viagem de férias a Lisboa e por insistências dos amigos resultou no primeiro disco musical de Armando, ao qual foi dado o nome de *Nha Pensamento*. As composições “Djabraba ‘N ca Negabo”, “Mar É Morada De Sodade”, “Sara” fizeram um sucesso estrondoso. Insistentemente questionado por admiradores sobre um próximo lançamento musical, passado algum tempo, os pedidos foram satisfeitos com o CD *Alma Cabo-verdiana*.

Armando e sua esposa Eugênia tinham decidido mudar para Florida em 1988. Eugênia infelizmente faleceu de câncer. Entretanto, após esta experiência dolorosa, a escritura de canções cessou por longo tempo.

Em 1996, Armando regressa para a Nova Inglaterra, onde se reencontrou com o amor. E desse amor aconteceu o seu segundo casamento com a sua adorável Maria, e começou a cantar de novo ■



In the middle of Atlantic Ocean, surrounded by four continents lies Cape Verde. It is a formation of 10 beautiful islands off the coast of West Africa. Brava the tiny island of flowers was to be the birth place of Armando De Pina.

Immigration to America came early. The first voyage to the United States of America occurred in 1957 on the ship Ernestina, now anchored at New Bedford harbor in Massachusetts.

After a brief return to Cape Verde, the same year, Armando De Pina embarked on the ship, “Vera Cruz” to Lisbon, from there he would proceed to the United States. He would not return to Cape Verde for another 9 years.

In Cape Verde and in the United States, music always accompanied him. Frequent requests for his singing talent were common for cultural activities and special gatherings in the Cape Verdean community

In 1959, he incorporated the melody to the lyrics (from Falai and Nana) to create one of the most solicited songs of Armando’s career: the “morna” “Sara”.

In the year of 1963, walking on the beaches of Nantasket, Massachusetts, and missing his birthplace. Armando De Pina wrote “Mar E Morada De Sodade”, today recorded by several renowned artists, among them, Cesária Evora and Bana.

The following year, “Djabraba ‘N CaNegabo” was composed. This piece probably defines best what Armando De Pina is all about. It is a song about longing for one’s mother and home, Brava. At the same time, he pledges never to forget either.

In 1985 a journey to Lisbon at a friends’ insistence resulted in Armando’s first album, “Nha Pensamento’s” The compositions “Mar E Morada De Sodade”, “Sara”, and “Djabraba ‘N CaNegabo” did quite well. Admirers were left wanting more. However, it would be several years before their wishes would be granted.

Armando and his wife Eugenia decided to move to Florida in 1988. Eugenia unfortunately passed away from cancer. The song writing ceased do to his painful experience.

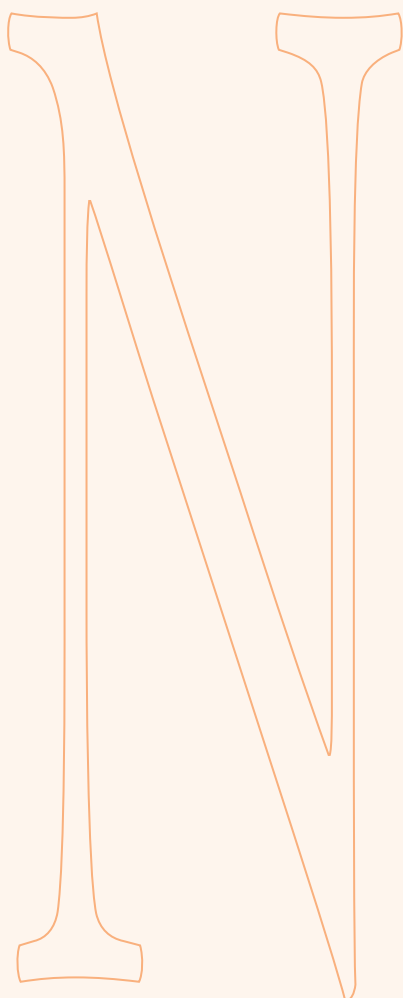
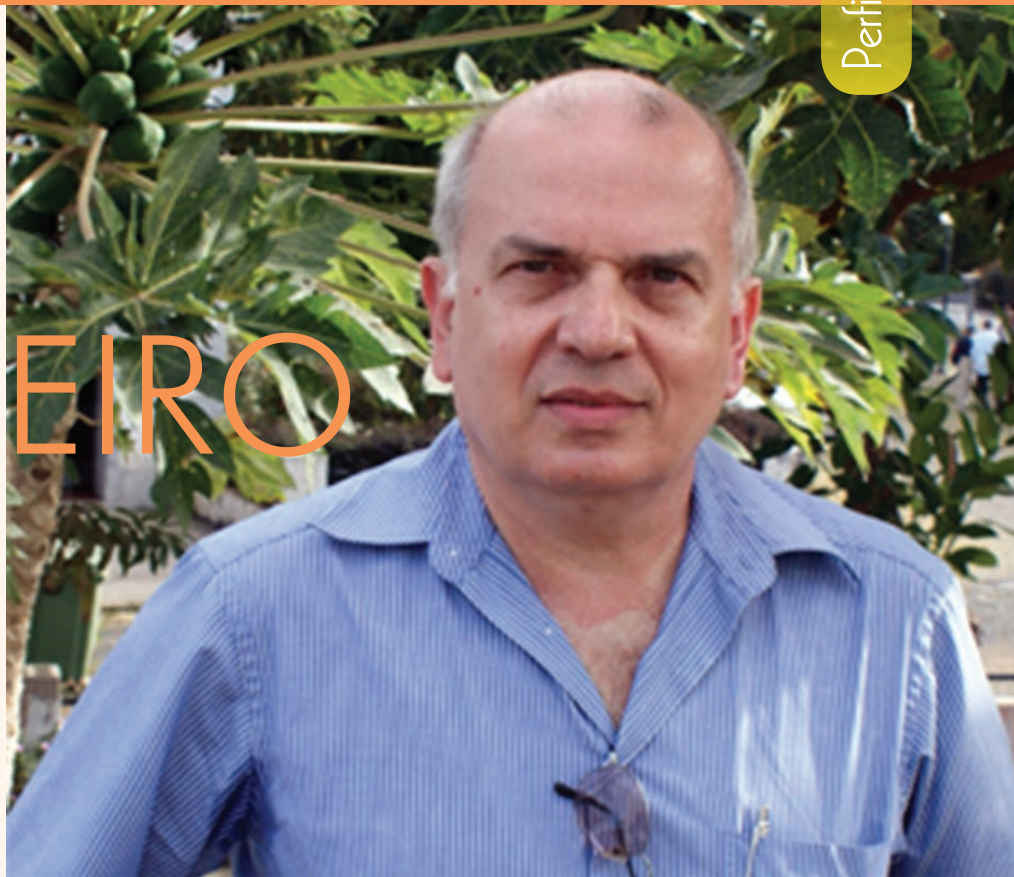
In 1996 Armando returned to New England , where he was reintroduced to love. That love resulted in a celebration of his second marriage to his adorable Maria. Thus he started to sing again.



ARMANDO DE PINA - Homenagem



VUCA PINHEIRO



atural da Vila Nova Sintra, na Ilha Brava, onde nasceu a 23 de Janeiro de 1948, fez os seus primeiros acordes ao violão por volta dos 12 ou 13 anos de idade, quando observava com atenção a actuação de outros músicos para então os tentar imitar. Com 13 anos de idade os seus desenhos técnicos e artísticos já eram elogiados nas diversas exposições realizadas no Liceu da Praia, Cabo Verde.

Por altura de 1965 organizou e dirigiu uma excursão do conjunto musical “Micá”, do qual era solista, à Ilha Brava, para espanto dos bravenses que ainda não conheciam instrumentos electrónicos.

Emigrou para o Brasil em 1967, a fim de continuar os estudos. Dividindo o seu tempo entre o estudo e o trabalho, ainda frequentou cursos de electricidade, electrónica e pintura a óleo. Os seus primeiros passos nesta última actividade rendeu-lhe alguns desenhos e quadros hoje ornamentando casas de alguns amigos.

Em 1971, após ter trabalhado, por algum tempo, como desenhador do ramo arquitectónico e ter concluído cursos em programação de computadores, decidiu juntar-se aos familiares nos Estados Unidos, quando, em 1972, teve a oportunidade de trabalhar para o ShawmutBank como operador de computadores.

De 1972 a 1974 fundou um conjunto musical aqui nos Estados Unidos e participou, já no Canadá, de programas de televisão onde mostrou e promoveu a música tradicional caboverdiana junto da audiência canadense.

Ocupou todos os cargos técnicos e administrativos existentes na área de computadores de grande porte, em empresas como o ShawmutBank (E.U.A.), Banco Fonsecas&Bourné (Portugal), Companhia de Processamento de Dados do Estado de Minas Gerais (Brasil), Fiat Automóveis (Brasil), Companhia Telefónica de Minas Gerais (Brasil), entre outros.



O trabalho diurno não o impediu de concluir um bacharelato em Administração de Empresas pelo Instituto Champagnat de Estudos Superiores de Belo Horizonte, Brasil.

Ainda dentro do seu espírito inovador e criativo, fundou uma escola de computadores em Belo Horizonte, Brasil, e frequentou escola de música por dois anos.

Em 1985 voltou para os Estados Unidos para a gravação do seu primeiro disco denominado *Força de Cretcheu*. A sua crítica afiada e o seu poder de análise, observação e percepção ajudaram-no a marcar uma época com o lançamento deste primeiro disco, um lindo trabalho de recompilação de mornas antigas dentro de um meio artístico onde a influência estrangeira sufocava a música tradicional da nossa terra. O segundo disco, *Es Quê Nha Terra Cabo Verde*, da mesma linha melódica, veio a ser editado dois anos mais tarde. Um terceiro disco intitulado *Cretcheu Na Paz*, com duas composições de sua autoria, foi editado em fins de 1993. Ainda participou de outros trabalhos discográficos, tais como *Paz & União* (no qual foram con-

gregados quase uma centena de artistas caboverdianos em um só disco), *Sãozinha Canta Eugénio* de Sãozinha Fonseca, *Boas Festas* de Danny Carvalho e *Bo Kin Crê* de Gardénia.

De um próximo trabalho musical resultou um CD intitulado *Fama Sem Prubêto*, editado em Dezembro de 1996 e gravado em seu estúdio privado, que é mais um trabalho de recompilação e reconstituição do folclore caboverdiano, tendo também nele rubricado quatro temas. Recentemente viu uma morna de sua autoria “Combersa co Deus”, uma apologia à vida, gravada pelo grande cantor caboverdiano Ildo Lobo.

Em 1998 ele se sentiu honrado ao poder produzir o álbum *Nostalgia* para o grande, único e inesquecível instrumentista Luís Morais.

No CD *Vuca Pinheiro & Amigos*, editado no ano 2000, ele conseguiu produzir um bonito álbum onde conseguiu juntar os talentos de 32 artistas caboverdianos que o ajudaram a expresser a sua visão política e social sobre os destinos do seu querido Cabo Verde. Todas as músicas deste álbum foram

compostas por ele. Muitos cantores foram convidados a participarem neste seu primeiro CD (não-instrumental).

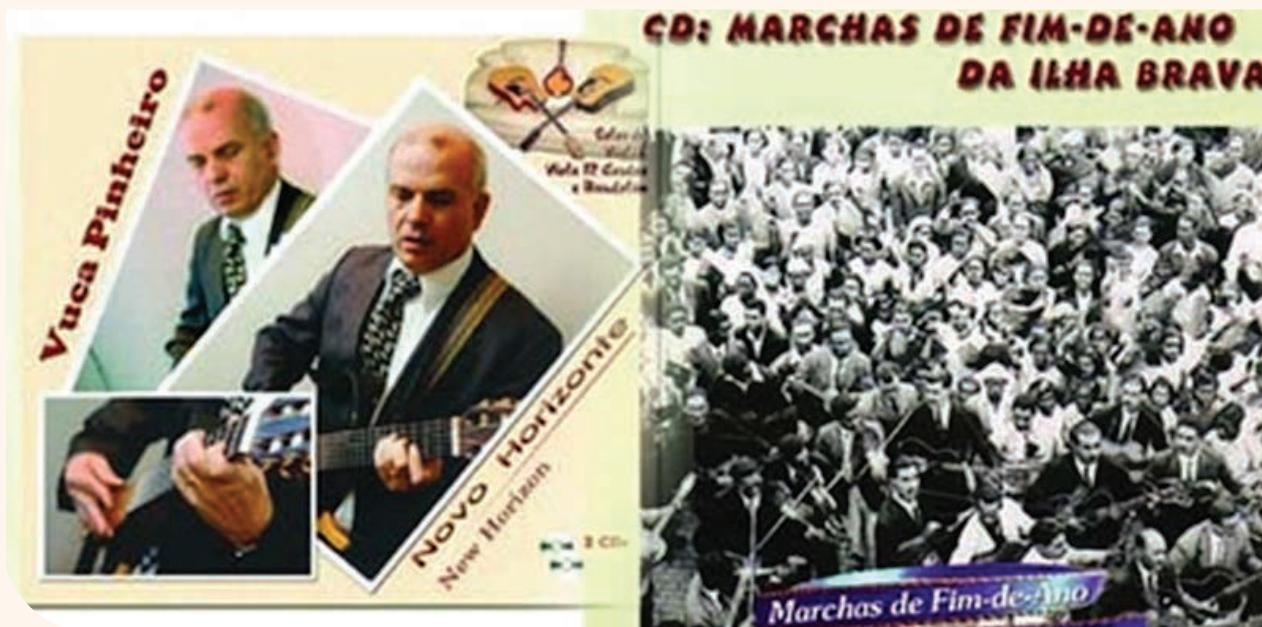
Como arranjador, produtor e director artístico (além de técnico de som e de ter executado vários instrumentos), publicou, através da sua empresa “BrazucaPublishing” um primeiro trabalho discográfico da cantora Duducha.

De 1987 a 1993 teve diversas incursões em radiodifusão, televisão e imprensa escrita, com destaque para o jornal *O Mundo Caboverdeano* que ajudou a criar e a definir formatos e conteúdos, e do qual foi o primeiro editor.

Nessa mesma altura continuou os seus estudos universitários tendo concluído um programa de “Master” ou licenciatura em Educação Bilingue pela Universidade de Massachusetts, onde hoje é professor, dando aulas de matemática e de computação.

Ainda uma vez ou outra ele produz alguns trabalhos artísticos, como a capa do seu primeiro disco *Força Di Cretcheu*, a capa do seu terceiro CD *Cretcheu Na Paz*, a capa do seu primeiro livro *Extractos da Poesia Caboverdeana*, e ainda as capas do CD *Cabo Verde Terra Sabe* da cantora Du-





ducha, *Nostalgia* de Luís Morais, do segundo álbum de Armando de Pina, do primeiro álbum de Nhela Sax e diversas capas para o grande e bem conhecido cantor Bana.

Sómente a partir de 1986, quando assumiu o compromisso de reerguer a revista *Farol*, ensaiou os primeiros passos em termos literários, produzindo alguns artigos e poemas que ocuparam as páginas dessa revista, do suplemento *Ernestina*, do jornal *Portuguese Times*, do extinto jornal cabover-

diano *Voz Di Povo* e da revista cultural *Arquipélago*.

Curiosamente, a sua primeira poesia foi escrita em inglês, denominada “My Imagination”, onde se pode analisar o teor extremamente romântico, idealista e humanista que caracteriza a sua poesia. Esse poema consta do seu primeiro livro de poemas, denominado *Extractos da Poesia Caboverdiana*, cujo trabalho de *layout* e composição tipográfica é mais um exemplo do talento pluralista deste dinâmico artista caboverdiano.

Para além da poesia, Vuca Pinheiro decidiu também publicar (no seu *webpage*) os seus pensamentos sobre princípios de psicologia e comportamento humano no seu *e-book* que recebeu o nome de *Desenvolvimento Comportamental*.

No ano de 2005 ele teve o grande prazer de produzir e dirigir artisticamente o álbum *Alma Caboverdiana* para o seu amigo de longa data, o bem conhecido artista caboverdiano Armando de Pina.

No seu mais recente álbum *Terra de Eugénio*, Vuca conseguiu juntar nada menos que 45 artistas caboverdianos, dos mais conhecidos aos menos conhecidos, que o

ajudaram a levantar a bandeira e a promover sentimentos de união entre músicos.

De 2007 a 2010 ele conseguiu incluir no seu apertado calendário a produção de 124 programas de rádio para o seu “Programa Mantenha”, onde diversos tópicos relacionados com a comunidade foram trazidos à baila e discutidos dentro da comunidade caboverdiana

Dos muitos artistas caboverdianos que já interpretaram as suas músicas (em CDs ou em apresentações ao vivo), encontramos nomes como Bana, Ildo Lobo, Tó Alves, Piduca Silva, Djosinha, Titina Rodrigues, Fantcha, Armando de Pina, Calú Bana, Sãozinha Fonseca, Gutty Duarte, Quirino Do-Canto, Duducha, Toi Pinto, Lela Violão, Maria de Sousa, Zé Rui, Lutchinha, e diversos outros.

Complementando toda essa actividade artística, ele ainda fundou (no ano 2000) e vem administrando, juntamente com a sua esposa, a empresa “BrazucaLearningCenter” que vem ministrando cursos nas áreas de Inglês, Matemática, Computação e Música às comunidades de língua oficial portuguesa de Nova Inglaterra ■





N

a sequência da atribuição do Prémio Camões a Arménio Vieira, em 2009, o Ministério da Cultura, então, fez uma cerimónia de homenagem ao poeta, no dia 08 de Junho, no Café Sofia, perante a sociedade civil praiense.

Nessa cerimónia, falou-se também das mensagens de felicitação ao poeta e a Cabo Verde, chegadas ao Ministério da Cultura, de entre as quais se destacam as do Coordenador do Sector Cultural da UCLA, Rui Lourido; da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas de Lisboa, e da Professora de Literatura Portuguesa, na Universidade do Porto, Maria Luísa Baptista que diz que Arménio Vieira é “uma voz singular, autêntica, cujo perfil estético se vem progressivamente definindo e apurando, numa produção vigorosa, succulenta, de leitura particularmente estimulante, ainda que por vezes enigmática.” Recorde-se que, logo após a notícia da atribuição do prémio, houve reacções de vá-

Arménio Vieira

– Vencedor do Grande Prémio Camões, em 2009

rias entidades nacionais e estrangeiras congratulando-se com o facto, sendo de se destacar a do Primeiro-Ministro cabo-verdiano, José Maria Neves, que afirmou que “*se trata de um marco na projecção da cultura das ilhas*” e que “*Arménio Vieira está entre os eleitos do sol pela sua dimensão cultural, pela qualidade do seu trabalho e do seu espírito criador e inovador.*”

O Ministro da Cultura de então, Manuel Veiga, ao se inteirar da atribuição do prémio enviou, imediatamente, um comunicado à imprensa dizendo que “foi com um sentimento de regozijo e orgulho que o Ministério da Cultura acolheu a notícia da atribuição do Grande Prémio Camões ao ilustre e conceituado escritor cabo-verdiano, Arménio Vieira, autor de obras de referência na literatura cabo-verdiana, que vem prestigiar ainda mais a cultura e literatura cabo-verdianas, porquanto representa o testemunho de que Cabo Verde tem contribuído

para o enriquecimento da cultura e literatura de língua portuguesa, e da literatura universal”.

Para destacar esse prémio, que, de facto, contribui para o enriquecimento do património literário e cultural de Cabo Verde, e que merece toda a nossa atenção, nada melhor que algumas palavras sobre as suas obras e percurso.

Recorde-se que o Prémio Camões foi instituído pelos governos do Brasil e Portugal, em 1988, e é considerado o mais importante prémio literário destinado a galardoar um autor de língua portuguesa pelo conjunto da sua obra ■

Arménio

e a sua escrita

Por: DANNY SPINOLA

22

SocA Magazine
Sociedade Caboverdeana de Autores



Vieira



Arménio Vieira possui uma escrita de tom intimista, confessional e coloquial, mas, na verdade, o que mais resalta e impressiona no seu fazer poético é o seu jeito peculiar de humor, a raia um pouco o sarcástico, a par de uma velada ironia (às vezes auto-ironia). Utiliza o humor com particular mestria, o que lhe confere um pendor encantatório e encantador de dizer, que cativa o leitor.

O seu ideário (ou imaginário) poético é caracterizado, *a priori*, pela simplicidade, que se consubstancia na forma fluída e fruída de comunicação – com frases vigorosas e sugestivas, cheias de ritmo e cadência; e em segundo lugar, pela contradição a que esta primeira impressão conduz, devido à ambiguidade ou dialéctica (movimento de conceitos e interpretações) que uma leitura aprofundada, com objectivo de aferências, revela:

As duas premissas atrás referidas são imprescindíveis para uma aproximação efectiva ou, se se quiser, para uma hermenêutica capaz da sua obra, porquanto se manifesta, à semelhança dos arquétipos modernistas, de uma complexidade lúdica aliciente, dado que o seu discurso se processa a dois níveis – do óbvio e do oculto –, num jogo de palavras e de conceitos (o que faz os referentes ganharem conotações dúplices em termos de significação). De atentar no tom alegórico e fabulário da maioria dos seus poemas. Também a natureza de discurso que pratica, ao jeito do surrealismo, eivado de humor, de semi-automatismo, e de referências várias da área sexual e erótica.

Não há dúvida que a palavra é, para Arménio Vieira, *boomerang*, moeda, espada. Serve-se dela não para nomear as coisas, mas sim para as sugerir; tampouco para as pronunciar, antes para as prenunciar. Utiliza as palavras tanto como flor, que serve para o amor como para a morte, seduzindo-as a seu bel-prazer e ao seu serviço.

“

Arménio Vieira utiliza o humor com particular mestria, o que lhe confere um pendor encantatório e encantador de dizer, que cativa o leitor



Sente-se que possui um estilo pessoalíssimo, inovador e criativo, ao mesmo tempo que marcado por intertextos às instâncias do conteúdo.

A forma de escrever e a liberdade na maneira de dizer são peculiares, pois a linguagem de Arménio Vieira é, a um tempo, profunda e figurada. O seu vigor metafórico, com personificações metonímicas, antíteses e sinestésias convincentes, é deveras impressionante, não tanto pelo uso em si, mas pelo rigoroso equilíbrio conseguido, que cria uma forte empatia no leitor, projectando os sentimentos, as emoções e a harmonia das coisas num campo lúdico e inesperado, cheio de novidades. Chega ao absurdo, ao paradoxo, a forma de contraste que utiliza, mas dentro de uma certa lógica, pois são jogos antitéticos, a modos do quiasmo, de fácil apreensão. Inverte todos os papéis.

Uma filosofia mística, preenche de grandes contradições humanas e da questão essencial do existir,

“

“O tema dos seus poemas é o homem, na sua relação social e humana: O drama da vida, cheio de conflitos e problemas de ordem vária.”

transparece, nitidamente, no delinear poético do poeta. Ele capta o mundo pelo lado inesperado e quase não consciente do homem, como se percepcionasse tudo numa outra dimensão. Utiliza o fantástico à sua maneira, de uma forma um tanto ou quanto enigmática.

O tema dos seus poemas, em geral, é o homem na sua relação social e humana: O drama da vida cheio de conflitos e problemas de ordem vária; a psicologia humana e os grandes males sociais são os seus temas predilectos e característicos. A sua tendência para pintar fortemente, embora de uma forma irónica e sarcástica, a tragédia, a desgraça e a miséria humana é marcante. Sabe, muito bem, descrever o dilaceramento e o abismo que se formam no interior das pessoas. Revela uma certa obsessão pela escuridão, pela agonia, pela solidão, pelo pesadelo e pela morte inevitável. O seu universo simbólico é bastante eloquente, entre o expressionismo e o grotesco.



“A psicologia humana, também, e os grandes males sociais são os seus temas predilectos e característicos. A sua tendência para pintar fortemente, embora de uma forma irónica e sarcástica, a tragédia, a desgraça e a miséria humana é marcante. Sabe, muito bem, descrever o dilaceramento e o abismo que se formam no interior das pessoas”

Galopando qual cavalo rebelde sobre o dorso dúplice das palavras, a escrita de Arménio Vieira atinge o ponto de ebulição ao revelar-se como o avatar da sátira e da denúncia – metamorfoseando as situações de uma realidade num “rictus” jocoso e mordaz.

Ao jeito do espectro solar, Arménio Vieira desdobra-se em miríades de cores no seu itinerário irreverente e satírico, atingindo todas as faixas sociais, em “flashes” significativos.

Convém, contudo, realçar o aspecto, talvez, mais importante na sua obra – o humanismo, o homem no centro de uma visão do mundo, e a questão crucial do existir: quem somos, afinal? Que fazemos aqui?

As obras de Arménio Vieira constituem uma referência na literatura caboverdiana, pelo seu estilo pessoal, inovador e criativo; pela sua forma de escrever, em que a liberdade de escrita e de pensamento se vingam, de forma magistral, ao lado da forma peculiar de comu-

nicação, que constitui a marca, mas, sobretudo, pelo aspecto, talvez, mais importante na sua obra – o humanismo, com o homem no centro de uma visão do mundo, e a questão crucial do existir: quem somos, afinal? Que fazemos aqui?

Para Elsa Rodrigues dos Santos *MITOgrafias* é uma obra onde “*está impressa a marca da grande qualidade, da sabedoria, da ironia fina com que trata os temas das arbitrariedades dos poderes (...) que o torna um dos expoentes máximos da cultura e da literatura cabo-verdianas*, enquanto que Fátima Fernandes, professora de Língua Portuguesa, destaca na obra de Arménio Vieira a “*construção da metáfora e da alegoria, construídas por um processo que o autor domina muito bem: a síntese*”. Frisa ainda a importância da intemporalidade e da universalidade dos seus textos, que “*não têm uma referência do espaço e do tempo como acontecia com outros autores, até aos anos 60*”. “É Literatura Nova”, classifica.

Para a professora, o Prémio Camões vem reconhecer “a capacidade do autor de explorar a metáfora” e a intemporalidade da sua obra. “É um homem intemporal com um tom inovador, que joga com o léxico, o surrealismo e lança um convite à ilusão”, defende.

Quanto à sua escrita ficcional, de facto, desde *O Eleito do Sol*, passando pelo *Inferno*, convém dizer que é necessário transpor toda uma simbologia estritamente irreal (característica da sua criação literária) de um universo simbólico e virtual, para um espaço concreto em que a textura e a estrutura do texto possuem um valor mais além do que uma simples leitura. Isto é, encarar a mensagem como um raio refracto, que vai dos recursos estilísticos, estéticos e ficcionais para a tessitura intrínseca do todo cromático, que é a intenção última ou a realidade anunciada, verdadeiramente.

Realmente, é quase difícil penetrar-se nas redes invisíveis destas obras, até ao seu âmago, a fim de se fazer uma interpretação plausível. Seria preciso levantar-se uma ponte de ligação entre as principais linhas de força e de expressão, o conteúdo e a mensagem, quer seja a nível das estruturas formais e narrativas que as enformam, quer a nível da concepção vivencial que nos textos dessas obras se impregna o tecido muscular da existência humana.

Toda a sua narrativa apresenta-se, nitidamente, como uma imagem, ou um símbolo. Ezra Pound diz que *“a imagem não é uma representação pictórica, mas aquilo que apresenta um complexo intelectual e emocional num instante temporal – uma unificação de ideias díspares”*

Por outro lado, o símbolo é aproveitado em campos muito variados: Biblicamente é usado segundo uma relação entre o “signo” e a “coisa significada” – relação metonímica ou metafórica, que, em literatura, é usada como um objecto que se refere a outro objecto, é o resultado de uma imagem, frequentemente utilizada com valor específico como um ícone, o que implica um sistema e uma certa convencionalidade.

A linguagem de Arménio Vieira está, pois, nessa linha: é fluente, permeável e cativante. Exerce uma forte empatia no leitor, o qual anseia, por assim dizer, discorrer de um só fôlego todos os trâmites que a consubstancia. As formas são coloquial, instintiva e desenvolta, assim como as estruturas e sequências narrativas.

As acções e as instâncias dramáticas desenvolvem-se num ambiente de franca bonomia, boémia e humor. A ironia e a sátira ganham um certo sabor próprio, ao se aliarem aos calões, gírias e regionalismos, tão próximos do nosso quotidiano.

As figuras de retórica são empregues com bastante propriedade, principalmente as comparações e metáforas, abundantes, que conseguem emprestar uma dimensão quase precisa aos quadros que sugerem.

O drama subjacente se dilui, então, perante este tom brincalhão, em jeito de eufemismo, o que reforça ainda mais a sensação de fantasia e sonho. Parece ser propositado tal facto, para desviar o leitor, num imediatismo de leitura, do verdadeiro objectivo ■

26

Soca Magazine
Sociedade Caboverdiana de Autores

5^{al} da Música



Um Espaço de Excelência



Com Música ao Vivo



Restaurante com Pratos Típicos

E um Atendimento de Qualidade

– Pequeno-Almoço • Almoço • Jantar –

5^a da Música
O teu Espaço de Convívio

De Segunda a Sábado com os melhores artistas do cartaz musical caboverdiano

Promover

a música e a cultura de Cabo Verde é fazer com que ela seja sempre o nosso cartão Postal.

Respeitar

a nossa musica é estar há 12 anos configurada para pagar o merecido direito de autor, numa altura em que não havia como fazer prevalecer esse direito. A Praia FM, a rádio mais ouvida de Santiago, orgulha-se em fomentar a promoção e o respeito pelas pessoas que se dedicam à criação musical.

www.praiafm.biz





ARMÉNIO Adroaldo Vieira e Silva nasceu na Cidade da Praia, em 29 de Janeiro de 1941. Fez os seus estudos liceais em Mindelo, e depois dedicou-se à meteorologia em Santiago, passando, de seguida, ao jornalismo.

Em 1964 foi para Portugal, em serviço militar. Em 1962 funda, com outros escritores: Oswaldo Osório, Jorge Miranda Alfama e...a Revista Seló (dois números apenas) com o propósito de romper com a forma de fazer poesia do movimento Claridade e Certeza, propondo uma nova estética e uma nova forma de protesto.

Arménio Vieira está incluído em várias antologias e revistas, designadamente em *Cabo Verde* (1962 e 1978), *Mákua* (1963), *Vértice* (1971), *No Reino de Caliban* (Manuel Ferreira, 1975), *Raízes* (Cabo Verde, 1978), *Contravento* (Luís Romano, 1982), *África* (1986), *50 Poetas Portugueses* (Manuel Ferreira, 1989), *Fragmentos, Pré-textos, etc.*, e tem publicado os seguintes livros: *Poemas* (poemas) – 1981; *O Eleito do Sol* (ficção) – 1989/1992; *No Inferno* (ficção) – 2001; *MilTOgrafias* (poemas) – 2006.

Arménio Vieira disse que, a título pessoal, já esperava “ganhar”, mas sublinhou que era ainda cedo para um autor de Cabo Verde ser distinguido. “A título pessoal, eu esperava o prémio. Mas por causa de ser Cabo Verde, admiti que fosse ainda um bocado cedo. É pequeno em relação à imensidão do Brasil, que tem centenas de escritores ótimos. E Portugal também. Seria muito difícil Cabo Verde apanhar o prémio”, disse, visivelmente emocionado.

“É uma honra pessoal. Eu sou o autor dos livros que ganharam o prémio, porque é atribuído à obra e não à pessoa. Acho que é uma honra para Cabo Verde. É histórico, Cabo Verde nunca tinha ganho. Desta vez lembraram-se do nosso pequeno país”, acrescentou Arménio Vieira.

O galardoado manifestou a esperança de que, a partir de agora, a sua obra venha a ser estudada em Cabo Verde e no estrangeiro. “Espero bem que sim, será mais estudada. Mas ainda não se estuda. Às vezes as pessoas compram livros mas não os lêem”, referiu ■



João Lopes Filho

NATURALIDADE: S. Nicolau - Cabo Verde
NACIONALIDADES: Cabo-verdiana e Portuguesa

I – HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

- Agregação em Antropologia, com especialidade em Estudos Africanos, pela Universidade Nova de Lisboa; Doutor em Antropologia, especialidade Etnologia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, com a classificação de APROVADO COM DISTINÇÃO E LOUVOR; Licenciado em Ciências Antropológicas e Etnológicas, pela Universidade Técnica de Lisboa; Licenciado em Ciências Sociais e Políticas, pela Universidade Técnica de Lisboa; Diplomado em Administração, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas; Engenheiro Técnico Agrário, pela Escola Agrícola de Santarém.

II – ACTIVIDADES PROFISSIONAIS

- Docente no Mestrado em Museologia e Património, F.C.S.H. – Universidade Nova de Lisboa; Docente no Mestrado em Literaturas e Culturas Africanas, da Universidade Nova de Lisboa; Docente nas licenciaturas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Departamento de Antropologia - U.N.L.); Coordenador e docente do Mestrado em Património e Desenvolvimento, da Universidade de Cabo Verde; Director da Comissão Coordenadora e docente do Mestrado em Património, Turismo e Desenvolvimento, da Universidade de Cabo Verde; Coordenador-Adjunto e docente do Mestrado em História Contemporânea (Universidade Portucalense - ISE); Coordenador-Adjunto e docente do Mestrado em Estudos Africanos (Universidade do Porto - ISE); Docente de licenciaturas na Universidade de Cabo Verde.

III - INVESTIGAÇÃO

- Investigador no Centro de Estudos de Sociologia, da Universidade Nova de Lisboa; no Centro de Estudos Africanos, da Universidade de Lisboa; no Centro de Estudos das Migrações e Relações Internacionais, da Universidade Aberta, Lisboa.

IV – DISTINÇÕES

- Troféu Prestígio “Al-UÉ, 1992” - Etnografia Africana; 1º Classe da Medalha do Vulcão, concedida pelo Presidente da República de Cabo Verde, em 2004; Medalha de Reconhecimento, concedida pela Câmara Municipal da Vila da Ribeira Brava, S. Nicolau, em 2007; Grande Prémio de Literatura SONANGOL-2010; Cidadão Honorário da Cidade Velha, pelo Município da Ribeira Grande de Santiago em 2011.

V – PUBLICAÇÕES (LIVROS)

– Cabo Verde

- *Cabo Verde - Apontamentos Etnográficos*, Lisboa, Ed. do Autor, 1976; *Estória, Estória... Contos Cabo-*

-Verdianos, Lisboa, Ulmeiro, 1978 (2ª ed. - 1983, Edição em inglês - 1995); *Cabo Verde - Subsídios para um Levantamento Cultural*, Lisboa, Plátano Editora, 1981; *Contribuição para o Estudo da Cultura Cabo-verdiana*, Lisboa, Ulmeiro, 1984; *Defesa do Património Sócio-Cultural de Cabo Verde*, Lisboa, Ulmeiro, 1985; *A Comunidade Cabo-Verdiana em Portugal* (co-autor), Lisboa, I.E.D., 1992; *Cabo Verde. Retalhos do Quotidiano*, Lisboa, Caminho, 1995; *Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde. Formação da Sociedade e mudança cultural*, (2 vols.), Lisboa, Ministério da Educação, 1996; *O Corpo e o Pão. O Vestuário e o Regime Alimentar Cabo-verdianos*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 1997; *Vozes da Cultura Cabo-verdiana*, Lisboa, Ulmeiro, 1998; *O Forte do Príncipe Real e a Defesa da Ilha de S. Nicolau*, Cascais, Edições Patrimónia, 1998; *Olhares Partilhados*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2002; *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*, Praia, Instituto Superior de Educação, 2003. *Subsídios para o estudo da abolição da escravatura*, Praia, Spleen, 2006; *Imigrantes em Terra de Emigrantes*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2007; *In Memoriam João Lopes*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2007; *Crónicas do Tempo que Passou*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2009; *Percursos & Destinos*, Luanda, União de Escritores Angolanos / Sonangol, 2010.

– Diversos

- *Introdução à Antropologia Cultural* (co-autores Mesquitela Lima e Benito Martinez), Lisboa, Presença, 1980; *Agrupamentos de Folclore. Ontem e Hoje*, Lisboa, INATEL, 2005; *A Cultura Tradicional no Estado Novo*, Lisboa, Fundação INATEL, 2010.

VI - INTEGRA AS SEGUINTE COLECTÂNEAS

- *Zeitschrift für Kulturaustausch*, Universität Mainz, Institut für Ethnologie und Afrikan – Studien, 1980; *Almanaque África – Literatura de Ficção*, Mockba, Xyaoxkectbehhar Jinhtepatypa, 1981; *Lexicoteca – Moderna Enciclopédia Universal*, Vol. IV, Lisboa, Círculo de Leitores, 1987; *Across the Atlantic: An Anthology of Cape Verdean Literature*, Southeastern Massachusetts University, Center for the Portuguese Speaking World, 1988; *Dicionário de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1997; *Dicionário Temático da Lusofonia*, Lisboa, Texto Editores, ACLUS, 2005; *Cabo Verde, 30 Anos de Edições (1975 – 2005)*, Praia, IBNL, 2005; *O Ano Mágico de 2006*, Praia, Ministério da Cultura, IBNL, 2008; *Simpósio Internacional sobre Cultura e Literatura Cabo-verdianas* (Mindelo, 1986), Praia, Ministério da Cultura, IBNL, 2010; *Clareza – A palavra dos outros*, Praia, Ministério da Cultura, IBNL, 2010. ■

– Vencedor do Grande Prémio de Literatura Sonangol

O Prémio Sonangol de Literatura, instituído em 1987 pela Sonangol, em colaboração com a UEA, é um projecto social vocacionado inicialmente à valorização dos escritores angolanos. Desde 1999 que o galardão passou a ser atribuído também a escritores de Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.



O homem e a

30

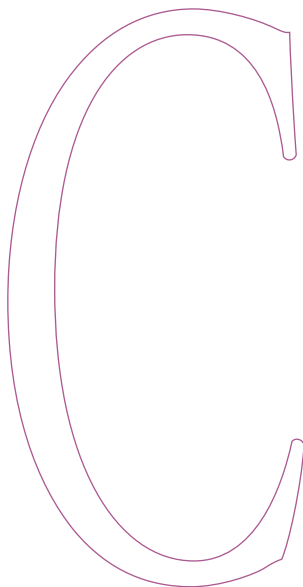




arte da escrita

Daniel

MEDINA



Como todas as outras artes, a literatura reflete as relações do homem com o mundo e com seus semelhantes. Na medida em que essas relações se transformam historicamente, a literatura também se transforma, pois que sensível às peculiaridades de cada época, de cada espaço geográfico – neste caso também arquipelágico – aos modos de encarar a vida, de problematizar a existência, de questionar a realidade, de organizar a convivência social, etc.

Este primeiro romance de João Lopes Filho inclui-se no âmbito da

literatura estética com um pendor essencialmente social e antropológico. A narrativa da própria vida plasmada em *Percursos & Destinos* dá-lhe constituição e insinua-se como forma de construção da consciência do estar no mundo. Ela traduz-se numa relação da própria literatura com os aspectos íntimos da vida, um espaço edificado sob a égide da intimidade.

Na tessitura desta primorosa obra de João Lopes Filho, temos a sensação, vezes sem conta, de que paira no ar o eterno mistério dessa necessidade de recriação das coisas em imagens, para terem mais vida, e da vida em poesia, para ser mais vivida.



Este primeiro romance de João Lopes Filho inclui-se no âmbito da literatura estética com um pendor essencialmente social e antropológico. A narrativa da própria vida plasmada em *Percursos & Destinos* dá-lhe constituição e insinua-se como forma de construção da consciência do estar no mundo.

A escrita tem um enorme poder. Mais do que qualquer imagem, a escrita, a boa escrita, é tanto ou mais do que a imagem. Ela pinta várias imagens numa tela só. Ela traduz um, vários sentimentos de uma, de várias pessoas, faz ver uma sucessão de quadros. Veicula som, movimento, tato e acorda sentimentos indizíveis nos leitores.

A esse propósito, José Saramago revela-nos num tom autobiográfico em *Caligrafia e Pintura* as razões da sua passagem da pintura para a escrita e como o impulso para a escrita nasce da dificuldade de exprimir numa tela tudo o que vê na pessoa que está a retratar.

Por isso, as obras de um determinado período histórico, ainda que se diferenciem umas das outras, possuem certas características comuns que as identificam. E *Percursos & Destinos* de João Lopes Filho já faz parte dessa história da literatura, não pelo facto de ter ganho o grande Prémio de Literatura da Sonangol, mas de na essência ter feito história pelo estilo e pelo caráter pleno e pujante desta obra de que todos nos orgulhamos.

Diz-nos Jean Paul Sartre, na sua obra *Les Mots*, que a leitura antecede sempre escrita. Porque, na realidade, à força de tanto ler surge inevitavelmente em nós a tentativa ou o desejo de fazermos qualquer coisa parecida, ou ainda, de criarmos as nossas próprias ficções, de darmos azo à nossa imaginação.

Sabemos que o nutriente de toda a obra literária é mesmo a imaginação. Toda a arte nasce da vontade de exprimir o que nos vai na alma, o que sentimos, o que vemos, o que lemos, o que nos comove, perturba ou apaixona. A música, a pintura, o desenho, o canto, a escultura, a poesia, a representação, o romance e o conto são expoentes máximos do que somos e daquilo que captamos do mundo que nos rodeia. O que chamamos de invenção, no campo literário, resulta das operações de linguagem que selecionam e combinam, promovendo articulações sintagmáticas que tecem um enredo, configuram uma personagem, armam uma cena, dando outra cara àquilo que um dia foi vivido no corpo, reinventando a existência, trazendo à tona tudo o que devia permanecer oculto no território secreto da memória.

A Literatura é, sem dúvida, um conjunto de informações, que ca-

racterizam a maneira em que viviam as pessoas de uma determinada época ou a actual sociedade. E é o que nós encontramos de forma ímpar e esteticamente bem conseguida nesta obra *Percursos & Destinos* de Lopes Filho.

O homem, como ser histórico, tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. As suas criações – entre elas a literatura – refletem o seu modo de ver e de estar no mundo. João Lopes Filho consegue de forma magistral neste livro espelhar vivências várias na sua perspectiva antropológica, social e de professor emérito e referenciado pelas suas experienticidades humanas e científicas.

Percursos & Destinos fala-nos da nossa génese social. Da história da cabo-verdianidade. E encontramos também aqui nesta obra – para além de nós – o próprio autor com o seu olhar social, com as suas vivências.

É o que chamamos, na literatura, de matérias confessionais. No entanto, mesmo nesses casos, não devemos entender os textos como simples biografias. Os factos pessoais são apenas parte da matéria



literária, o ponto de partida. Entre o que o autor viveu ou sentiu e a obra existem todas as medições da invenção, da imaginação. Existe, sobretudo, o trabalho criativo como palavra.

A ficção centra-se no encontro/desencontro de duas personagens: Bilunka e Djonsa, gente das nossas paragens que triangulam Cabo Verde, Portugal e Holanda (neste último caso para Djonsa) e Itália para Bilunka.

Nesta obra o narrador é exímio nesse cruzamento dos destinos através dos percursos de cada um. O

destino não se reverte em ingratidão e fatalidade – como habitualmente estamos habituados a pensar em termos de emigração – mas, sim, num percurso de vidas passíveis de encontrar as suas próprias saídas –, porque parece que tudo está é mesmo nas nossas mãos.

Cabo Verde está mais uma vez de parabéns. Mais um prémio vem para estas ilhas, fruto do esmero, do empenho e da tenacidade dos filhos da terra. Se a cultura deve servir de bandeira desfraldada aos ventos para nos darmos a conhecer numa interrelação profícua e benéfica com

os outros, ela hoje, na forma de literatura conhece mais um outro expoente.

Esta obra, *Percursos & Destinos*, simboliza, de certa forma, a génese dos nossos Percursos (de todos nós) e os Destinos que escolhemos ou não.

Esta obra singular inspira-nos. Este é um romance que convida à leitura de um só fôlego, porque está pejado de vida ■

João Lopes Filho



34

Sociedade Caboverdeana de Letras
SocA Magazine

35 anos de Escrita

- O ano de 2011 foi venturoso para si, pois recebeu várias distinções.

J.L.F. - Efectivamente no ano de 2011 conquistámos o importante galardão “Grande Prémio Sonangol de Literatura”, num concurso aberto a autores dos cinco PALOP e ao qual foram apresentados cinquenta e um originais, tendo o respectivo júri atribuído o referido prémio por unanimidade. Acontece que, também, fomos agraciados com a dig-

nidade de “Cidadão Honorário da Cidade Velha”, algo que nos honra sobremaneira visto se tratar de uma das urbes Património da Humanidade e o Município da Ribeira Brava – S. Nicolau concedeu-nos o “Diploma de Reconhecimento”, distinção que nos gratificou deveras, por ser o nosso berço natal.

Acresce que este conjunto de acontecimentos coincidiu justamente com o 35º aniversário da nossa primeira publicação (*Apontamentos*

Daniel
MEDINA

“

Porém, no que concerne ao início da escrita propriamente dita, incentivava-nos a elaborar breves descrições do quotidiano e habituou-nos a compor relatos de eventos locais que, depois, corrigia indicando como redigir correctamente. Uma grande escola!

Etnográficos – 1976), constituindo quase que uma celebração não programada da efeméride.

- *Gostaríamos de saber como se processou a sua iniciação na escrita?*

J.L.F. - Possuíamos na nossa casa, em S. Nicolau, uma biblioteca razoavelmente apetrechada e nesse recheio tivemos o privilégio de uma iniciação à leitura sabiamente orientada pelo nosso pai, que também nos inoculou o “vírus” da informação/conhecimento.

Complementarmente citaremos os “serões culturais” (se assim se lhes pode chamar), pois regularmente e em dias da semana pré-estabelecidos, aconteciam reuniões depois do jantar, nas quais participavam todos os membros da família, com leituras colectivas, debates de temas mais em voga, comentários a acontecimentos de relevo, enfim um rico alfofre em que germinava a “cultura geral” com que ele nos apetrechou.

Porém, no que concerne ao início da escrita propriamente dita, incentivava-nos a elaborar breves descrições do quotidiano e habituou-nos a compor relatos de eventos locais que, depois, corrigia indicando como redigir correctamente. Uma grande escola!

Neste entrecho cultural se preparou o fermento que, levedando, fez com que, ao longo de três décadas e meia, nos disponibilizássemos totalmente para a produção e publicação de um conjunto de trabalhos no quadro da nossa especialidade, preparados com a possível isenção e independência intelectual.

Dáí que numa retrospectiva não nos sintamos perseguidos pela nos-

talgia, nem nos penitenciamos pela opção seguida, porque temos feito tudo isso com enorme gosto e empenhamento.

Entretentes, nesse percurso vimos debruçando primordialmente sobre o gratificante estudo, valorização e divulgação da nossa socio-

cultura, tanto através da publicação de livros e artigos em revistas e jornais, como também leccionando nos diversos graus de ensino ou proferindo palestras e conferências e, ainda, participando em encontros, colóquios e congressos num significativo número de países, abordando sempre a temática cabo-verdiana.

- *Pode descrever-nos em breves traços o seu percurso académico?*

J.L.F. – Terminada a antiga instrução primária na nossa ilha natal, fizemos os estudos liceais no Liceu Gil Eanes, no Mindelo, com algumas interrupções, na medida em que iniciamos muito cedo a nossa actividade docente (como “Professor de Posto Escolar”, o escalão mais baixo do sistema de ensino na altura).

Como sempre fomos pessoa de muita inquietude pela necessidade do entendimento na busca do saber, depois abalançamos continuar os estudos em Portugal, começando pela Escola Agrícola de Santarém, onde dispensamos sempre a todos os exames e temos a honra de ter

“

Por isso, a nossa investigação encontra-se, essencialmente, marcada pela complementaridade entre a docência e a pesquisa, continuamente desenvolvida no contexto de um universo referencial: Cabo Verde.

sido o único estudante naquele estabelecimento de ensino que alcançou a nota de vinte valores na sua tese final.

Porém, assente na disponibilidade e abertura ao mundo do saber, resolvemos prosseguir um rumo deveras estimulante, ou seja a complementaridade do conhecimento adquirindo formatura em áreas que nos permitissem melhor estudar a sociedade cabo-verdiana. Cometimento assaz exigente, pois houve que arranjar um emprego e tentar conciliar simultaneamente trabalho, aulas e estudo, o que reconhecemos ter sido bastante árduo até a estabilização programática das actividades e conseguir superar dificuldades.

Mais tarde entramos para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, onde leccionámos durante cerca de vinte anos percorrendo toda a carreira universitária com algum êxito, visto termos conseguido formação especializada e a experiência que colocamos ao serviço de Cabo Verde, através dos nossos trabalhos e actuações correlacionadas.

Sucedo que nunca planeámos a vida com régua e esquadro, do mesmo modo como podemos afirmar jamais termos sido afectados pelo calculismo, motivo porque bastas vezes fomos prejudicados no ritmo de progressão na carreira profissional.

Reconhecemos, contudo, que o percurso não foi fácil, mas “subido a pulso” e sempre encarado positiva e orgulhosamente, porque quando uma coisa custa muito damos-lhe



“

O bichinho da pesquisa/conhecimento que nos passara o nosso pai, encontrou o ambiente para se desenvolver através dos contactos no meio académico com docentes eméritos e reconhecidos investigadores.

mais valor. Sublinhe-se, a propósito, que jamais auferimos qualquer subsídio ou bolsa de estudo por parte de seja que entidade for.

- E no que toca à sua actividade como investigador?

J.L.F. - O bichinho da pesquisa/conhecimento que nos passara o nosso pai, encontrou o ambiente para se desenvolver através dos contactos no meio académico com docentes eméritos e reconhecidos investigadores.

Nesse “caldo cultural” brotou o gérmen que trazíamos dos tais “serões culturais” e se incrementou ao tentarmos debruçar sobre a nossa terra e sua gente, vivências, saberes, usos, costumes e tradições, baseando-nos na nossa formação antropológica e áreas complementares.

Entretanto tivemos o privilégio de cruzar com António Carreira, disso resultando uma grande amizade que perdurou até ele falecer. Introduziu-nos no universo da pesquisa arquivista, que aliada ao sustentáculo académico nos possibilitou a feitura dos trabalhos que modestamente vimos dando à estampa.

Daí empenharmos sempre por apreender o que de mais estimulante e criativo encontrámos nessa trajetória, diligenciando articular a coerência científica com a ousadia em termos de investigação, alicerçando-nos na convicção que a meta se conquista na dignidade inovadora e consciente.

Reporte-se que nos primeiros tempos interessávamo-nos igualmente por tudo quanto se relacionasse com as diversas culturas.

Mais tarde apercebemo-nos que a dispersão não permite o aprofundamento das questões, pois à medida que o afunilamento das possibilidades aperta há que seleccionar.

Deste modo e a título exemplificativo, apesar de sermos um leitor quase que compulsivo, constatamos que já não temos tempo, no contexto do humanamente possível, para ler analiticamente todos os livros que possuímos, nem rere todos os que desejaríamos. Quanto a estes vemo-nos, por vezes, obrigados a eles regressar face à oportunidade de certos encadeamentos analíticos.

No âmbito interpretativo optamos pela interdisciplinaridade, caminhando para a multidisciplinaridade, o que alargou o universo das interligações dos nossos interesses no campo da investigação.

Trilhando esse caminho, decidimos pela via da especificidade centrada nos suportes estruturadores da nossa cultura miscigénica, no interior da qual está a confluência dos traços constitutivos de uma Identidade, que irmana o Cultural com o Nacional.

Por isso, a nossa investigação encontra-se, essencialmente, marcada pela complementaridade entre a docência e a pesquisa, continuamente desenvolvida no contexto de um universo referencial: Cabo Verde.

- Como resultado já vai em quase duas dezenas e meia de títulos...

J.L.F. – Alertámos para o facto de o nosso primeiro livro “*Aponta-*

mentos Etnográficos”, publicado no recuado ano de 1976, tratar-se de uma ousadia conduzida pela inexperiência de um estudante a quem faltava a necessária maturidade. Felizmente a obra foi bem aceite e se esgotou há bastantes anos, ao ponto de nos terem proposto por várias vezes a sua reedição. Porém, com conhecimentos posteriormente adquiridos e o acesso a mais informações sobre o tema, só tal aceitaríamos depois da imprescindível actualização, que vem sendo preterida por outras prioridades.

Por conseguinte, neste labor de pesquisa e escrita das obras que vimos divulgando com o intuito de partilha, temos a noção que não nos foi possível produzir o quanto desejaríamos, na medida em que é deveras rico o universo cultural cabo-verdiano, pelo que, embora absorvente e procurarmos dar o nosso melhor, fruímos a plena consciência que as nossas capacidades são limitadas.

No entanto, ao longo deste tempo de investigação, ensino e divulgação, actividades a que dedicamos todo o interesse e responsabilidade, procuramos regular a nossa conduta pelo apanágio que aconselha a humildade característica da sapiência.

Asseguramos, ainda, que nunca nos preocupamos com escrever textos transcendentais nem enveredamos por discursos burilados, mas antes cultivamos a idoneidade de jamais seguir acriticamente dogmas, visto sermos cónscios e consequentes dos objectivos em prol da nossa cultura e sua especificidade.



Com deficiências, é certo, vimos tentando dar o nosso melhor, partilhando as nossas escassas potencialidades criativas e no âmbito da investigação centrada primordialmente na temática cabo-verdiana.

- *Dividiu-se intelectualmente entre Cabo Verde e Portugal. Como é essa convivência?*

J.L.F. - Sobre este aspecto gostaríamos de dizer que quando viajámos para Portugal tínhamos a nossa personalidade já amoldada e, como tal, um forte apego à Terra-Mãe. Deste jeito, sempre que possível regressávamos ao local onde ficou o umbigo enterrado para gratificarmos a nossa Identidade Cultural.

Por isso encaramos este balançar, no vaivém entre Cabo Verde e Portugal, numa óptica da complementaridade, na medida em que possibilitou-nos adquirir a formação académica e experiência profissional com que nos apetrechamos para melhor estudar a nossa terra em diversas vertentes.

A comprovar está o facto de na nossa bibliografia apenas constarem três títulos que se desviaram da temática cabo-verdiana: *Introdução à Antropologia Cultural* (em co-autoria com dois docentes e que já vai em nove edições), *Agrupamentos de Folclore - Ontem e Hoje* (2004) e *A Cultura Popular no Estado Novo* (2010).

- *É conhecido pela sua frontalidade. Como tem gerido este comportamento? Vantagens e inconvenientes.*

J.L.F. - Ajuizamos estar sempre subjacente que, na base desse modo de agir, se acha a intenção/prevenção que a coerência seja uma preocupação dominante, conduzida como vontade de ser franca e linear a retórica da realidade/imparcialidade, estilo em que apostamos sem cair nos imediatismos, nem no trajecto da banalização.

Sucede que, igualmente, em intervenções e pronunciamentos públicos, nossos comentários são directos e produzidos com o intuito de contribuir para a melhor elucidação dos temas abordados. Daí o nosso propósito ser apenas colaborar por imperativos éticos e de cidadania, procurando não fulanizar os assuntos, mas tão-somente alertar a sociedade em geral e os responsáveis em particular.

Julgamos ter tido o cuidado de não agredir nem melindrar descabidamente pessoas ou entidades, visto a nossa motivação primordial ser o interesse público, não nos deixando, por isso, desviar do essencial nem resvalar para o logro de interesses instalados, que utilizam sistematicamente estratégias ambíguas em defesa de determinadas atitudes/situações, servindo-se

de justificações frágeis e despropositadas ou desferindo virulentos ataques com tiradas de bases falaciosas.

Constatamos, entretanto, termos sido por vezes estorvo para oportunismos ou rotinas e tantas vezes incompreendidos por parte de decisores a vários níveis, mas tal nunca fará esmorecer a nossa linha de conduta suportada pela neutralidade analítica.

Talvez por isso, alguns dos nossos textos se apresentem um tanto incómodos, convertendo o *Autor* num elemento de certo modo inconveniente ou mesmo inoportuno, ao desassossegar elementos abafados pela propensão da indiferença cultural ou anestesiados pela hipocrisia que anula o sentido crítico, tornando-os indivíduos sem capacidade de manifestar uma resí-tia de progresso mental com vista a acompanhar a dinâmica da “aldeia global”.

Por norma não utilizamos trocadilhos, os *sundbytes* como agora se diz, nem alinhamos na mediocridade das conhecidas “bocas de kriol”. Pelo contrário, preferimos ser discretos, não nos importando ficar atrás do palco, enquanto outros apenas “representam”, bastas vezes sem criatividade...

O bom conselho recomenda que, perante insidiosos questionamentos, se encare tais tratadistas com um irónico sorriso de compaixão, face aos seus malabarismos pseudo-intelectuais, mas totalmente descabidos por falta de argumentação.

Embora não seja nada fácil enfrentar tamanha obtusidade, derivada normalmente da falta de necessária compleição no que concerne ao papel do investigador, diligenciaremos estar sempre atentos na defesa da sociocultura cabo-verdiana. Neste sentido permita-se-nos recordar Edward Said(*) ao afirmar: “*O desassossego é o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros*”, normalmente “*mentes que nunca viajaram para além do confortável*”.

““

Constatamos, entretanto, termos sido por vezes estorvo para oportunismos ou rotinas e tantas vezes incompreendidos por parte de decisores a vários níveis, mas tal nunca fará esmorecer a nossa linha de conduta suportada pela neutralidade analítica.



Continuando nessa mesma linha de actuação, optámos por utilizar o valor do prémio com que fomos galardoados para lançar as bases de uma Fundação tendo como patrono João Lopes.

- Anunciou que com o valor do “Grande Prémio Sonangol de Literatura” vai criar a “Fundação João Lopes”

J.L.F. – Confirmamos que foi deveras gratificante para nós a atribuição deste Prémio e, melhor ainda, por unanimidade do júri. Ocorre que por considerarmos salutar o altruísmo social e elevada abnegação cultural que presidiram à criação do “Grande Prémio Sonangol de Literatura”, continuando nessa mesma linha de actuação,

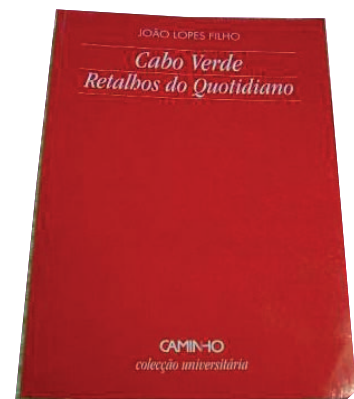
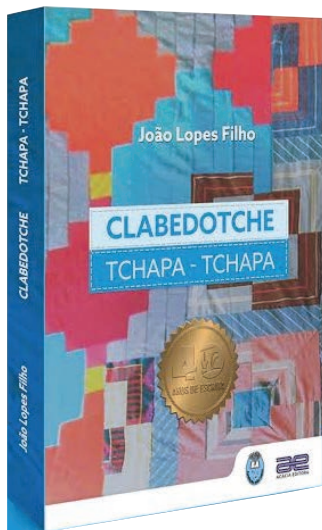
optámos por utilizar o valor do prémio com que fomos galardoados para lançar as bases de uma Fundação tendo como patrono João Lopes.

Pretendemos desta forma honrar a memória do nosso pai, elegendo-o tutelador de uma instituição de índole cultural aberta à fruição de todos os cabo-verdianos, no trilhado de procedimentos que sempre nos incentivou.

Para tanto a “Fundação João Lopes” propõe-se, em primeiro lu-

gar, servir Cabo Verde, a partir das seguintes vias de actuação:

- Desenvolver acções de ordem social, cultural, científica, educativa, artística e filantrópica.
- Incrementar a investigação e promover a divulgação das diversas vertentes do contexto sociocultural cabo-verdiano.
- Impulsionar uma dinâmica do conhecimento, valorização e promoção de Cabo Verde.





Contudo, ao instituímos a “Fundação João Lopes”, temos plena consciência que a concretização desses objectivos só será possível com a cooperação de todos, principalmente dos nossos amigos e parceiros, pelo que contamos com a colaboração de todos, seja qual for a área em que se disponibilizem a participar.

- Agora uma pergunta de foro pessoal. Como justifica a sua postura um tanto “reservada socialmente”?

J.L.F. – O homem é um animal de hábitos. Talvez pelo facto de ao longo de décadas termos passado a maior parte do tempo um tanto isolados, dedicando-nos a leituras, fazendo pesquisas ou no exercício da escrita, que exigem alguma concentração, tal poderá ter exercido alguma influência, apesar

de cultivarmos a abertura e o bom relacionamento com todo o tipo de pessoas, para além de nos adaptarmos perfeitamente a quaisquer ambientes ou patamares sociais.

Estamos convictos que quando se se refugia a ler ou escrever “ignorando” o que nos cerca, perde-se a essência da sociabilidade. Tanto mais, nos tempos que correm somos constantemente incentivados por um sem número de solicitações quase não sobrando tempo, mas numa atitude saudável, o bom senso aconselha a não nos alhearmos do nosso tecido sociocultural.

Certamente poderão verberar-nos algum “isolamento” ao seguirmos a ênfase de António Carreira – “para fazer investigação há que escolher entre a vida social e a pesquisa” – preceito que pode relegar para a auto-reclusão social

ou, também, remeter para uma pseudo-exclusão convocada pelos olhares de esguelha que vai nisso implicado, mercê de quantos alardeando hipotéticos eruditos, não olham a meios para singrar, desferindo de passagem solertes e despeitadas facadas a quem “imaginariamente lhes faça sombra”.

Acresce que, também, nos preocupamos sobremaneira com a prática da cidadania responsável, pautada por uma intervenção construtiva e sempre visando a partilha.

Poderemos mesmo aceitar o “intelectual” com que alguns nos apodam, mas no conceito que aparece em *Zola*, ou seja alguém que intervém na sociedade tendo em vista a justiça, o conhecimento e a cultura. Pelo menos são esses os propósitos por que sempre nos temos alumiado.



Daí que, conquanto sejamos detentores de uma paz interior, resultante da sagesa tranquila que vem de a experiência vivida nos ter ensinado que devemos inocular todas as manhãs em nós mesmos forças para inventarmos cada dia e tal nos proporcionar singular prazer e muita alegria, esta apenas se manifesta claramente no convívio com quem tenhamos bastante à vontade, por certo, devido à nossa natural timidez.

- No decurso dos tempos qual o maior erro que cometeu?

J.L.F. – Haverá alguém que nunca terá errado? Mas quanto aos erros cometidos, depois de superados não é bom conselho revisitar o que já está arrumado.

- A terminar, quais são os seus próximos projectos?

J.L.F. – Neste contexto foi recentemente colocado à disposição dos leitores o romance *Percursos & Destinos*, que foi a nossa primeira incursão nesse género literário.

Também fizemos no final de 2011 apresentações em Portugal do ensaio *A Cultura Tradicional no Estado Novo*, que resultou de uma pesquisa, com estudo de caso, em que damos a conhecer como o regime dirigido por Salazar se aproveitava sub-repticiamente de aspectos da cultura tradicional para a implantação e divulgação da sua política.

No âmbito de edições, está quase pronto para publicação um aprofundado estudo sobre as *Cerâmicas de Cabo Verde*, através do qual analisamos os diversos sistemas de

cos, optamos por deixar o final da estória em aberto, para que cada “pequeno leitor” a possa completar a seu gosto e imaginação.

Diríamos que, embora a nossa análise centralize-se primordialmente no ensaio, com esta obra completaremos uma trilogia no campo de ficção abarcando três escalões etários: *Percursos & Destinos* – adultos, *Vamos Conhecer Cabo Verde* – jovens, *O Gatinho Medroso* – crianças ■

* - Edward Said, *in Representações do Intelectual* - Capítulo “Exílio Intelectual. Expatriados e Marginais”.

“

Haverá alguém que nunca terá errado?
Mas quanto aos erros cometidos, depois de superados não é bom conselho revisitar o que já está arrumado.

trabalhar o barro nalgumas das ilhas e as transformações advindas da evolução nos centros oleiros do arquipélago.

Está igualmente a caminho do prelo mais uma tentativa-experiência, ou seja um livro infantil intitulado “*O Gatinho Medroso*”, cujo conteúdo se centra essencialmente em ilustrações de suporte ao texto, no sentido de melhor cumprir a sua função junto do respectivo público-alvo (incentivo à leitura por parte de crianças dos 5 – 8 anos). Igualmente com intuítos pedagógi-

o **pano** de Cabo Verde

Uma análise pormenorizada aplicada a vários modelos originais, pela utilização de cada motivo e os separadores utilizados para os distinguir dos motivos entre si

Por: JORGE OCTÁVIO S. SILVA

*“Os escravos das ilhas de Cabo Verde vêm todos da Costa da Guiné, Bissau, Cacheu, Serra Leoa, e outras: a compra deles faz-se com pólvora, espingardas, espadas, aguardente, **panos**, missangas e outros géneros, que muitos sabem.*

*É avaliado cada escravo, ou escrava, por certo número de vacas, estas ou são gordas ou são magras; cada vaca gorda computa-se por um certo número de frascos de pólvora, de espingardas, de frasqueiras de aguardente, etc., de **panos**, de certos fios de missanga; e cada vaca magra computa-se por o dobro, triplo ou quádruplo número destes últimos géneros (aguardente, **panos**, ou missanga, etc.). E quanto melhor é o escravo mais gorda deve ser a vaca, isto é maior número dos frascos de pólvora, espingardas, **panos**, etc.”*

Manuel Roiz Lucas de Senna: Dissertação sobre as ilhas de Cabo Verde, 1818.

O pano de Cabo Verde é feito com fio de algodão, normalmente produzido nas ilhas, aproveitando o produto das poucas plantas de algodão que ainda se vão encontrando e as poucas plantas de tinta que ainda existiam há alguns anos a esta parte.

Na altura da independência nacional, já havia poucos artesãos que conheciam este ofício, pelo que se teve de procurar os que ainda estavam em condições de passar essa técnica para, em programas específicos, se proceder à transferência desse conhecimento que vem desde os tempos do comércio de escravos.

Assim, nesse esforço de preservação cultural, depois da independência se deitou mãos à obra,

tendo sido criado centros de artesanato em S. Vicente e na Praia, tendo ficado a sede no Mindelo, a qual foi mantida durante muitos anos pelos técnicos em artes plásticas Manuel Figueira e sua esposa Luísa Queirós, tendo como colaboradores inicialmente alguns artesãos que se disponibilizaram a transmitir o seu saber para as gerações mais novas.

Este centro terá sido fechado numa dada altura e de novo reaberto, atendendo à falta que deixara no mercado artesanal do país.

Nos últimos tempos o pano de Cabo Verde tem sido fabricado por alguns artesãos, com fios importados, sendo raros os que conseguem algumas meadas fiadas pelas antigas fiandeiras que já escasseiam



pelo envelhecimento e a pouca importância dada pela juventude a este mister, pretendendo procurar outros afazeres mais lucrativos que satisfaçam as suas ambições de acordo com a evolução social do nosso país.

Numa análise do pano que, ao longo dos tempos, tem vindo a ser produzido em Cabo Verde, temos que concordar com António Carreira que distinguiu no seu trabalho de investigação diversos padrões diferentes, pelos motivos, pela qualidade e pelo material que os tornavam preferidos por uns ou por outros, conforme as suas posses e capacidade de apreciação. Aos nossos dias chegaram alguns deles, que chegaram a ser ilustrados naquele trabalho mas actualmente não se encontram disponíveis. Presentemente fabricam-se o *Pano d'Obra* e o *d'Obra Bitxu*, sendo que este não tem já as figuras animais de que nos fala Carreira.

Os *panos Singelo, Txan, Bitxu*, que marcaram a tecelagem antiga de Cabo Verde já não se fabricam, pois que o *Panu d'Obra* é mais valioso e por isso rende mais do que aqueles.

O *Pano Txan* era um pano de feitura simples, tendo apenas linhas longitudinais e transversais como padronização, sendo produzidos em duas cores que eram normalmente o branco e o azul ou branco e preto, tendo deixado de ser produzido, atendendo que a procura tem incidido no pano mais laborado. Este padrão era de fraco acabamento o que o tornava muito mais barato.

O *Panu Bitxu*, no qual se introduziam alguns motivos animais, sobretudo em determinados países da costa ocidental de África, pelo que, não havendo aquele destino, se tornou de fraca procura. Era também um pano de fraco acabamento, aguentando mal a concorrência dos demais padrões.

O *Panu d'Obra* é um pano muito laborado, em comparação com os demais. Nele são introduzidas várias figuras geométricas, nomeadamente o triângulo, o quadrado e o losango e algumas vezes o círculo ou elíptico. Encontram-se muitas vezes cruces simples ou mais trabalhadas. As cruces simples são feitas intercalando as cores opostas formando os braços e o corpo e as mais laboradas tendem quase sempre a formar as cruces das caravelas dos descobrimentos, aparecendo cada vez menos.

Essas figuras geométricas são normalmente vazias ou repletas com traços, nas cores contrastantes com os seus contornos. Ultimamente têm aparecido outras cores além do azul escuro e do preto, como o vermelho e o verde. Panos importados da costa oci-

dental de África, como o Senegal e Guiné-Bissau, trazem além de outras cores, padrões diferentes dos que encontramos nos panos de Cabo Verde.

O *Pano d'Obra Bitxu* é, como o próprio nome diz, um pano misto de *panu d'obra* com o *panu bitxu*, enriquecendo assim a padronização existente, embora as figuras animais tenham praticamente desaparecido. É geralmente fabricado para encurtar o tempo de produção, na medida em que a feitura dos motivos exige mais perícia e perfeição no acabamento de cada peça.

O pano de Cabo Verde, como se pode ver, é produzido em tiras que também eram chamadas bandas, tendo cada pano seis tiras. Cada tira cerca de cento e oitenta centímetros de comprimento e quinze a dezassete centímetros de largura. Cada pano, que é feito juntando as tiras entre si por costura manual, terá cento e oitenta centímetros de comprimento por noventa a cento e dois centímetros de largura.

Nos últimos tempos, sendo a procura muito grande, tem-se recorrido à importação de panos feitos nos países da costa ocidental de África, nomeadamente da Guiné-Bissau e do Senegal, os quais vêm com cerca de vinte a vinte e cinco centímetros de largura, marcadas espaçadamente em peças de cento e oitenta centímetros de comprimento. Estas tiras são apresentadas em rolos, podendo ser vendidos por inteiro ou em tiras, conforme o desejo do comprador. Os panos importados apresentam os desenhos diferentes do padronizado caboverdiano e numa variedade de cores muito grande. O fio utilizado no pano de Cabo Verde é totalmente artesanal, sendo por isso mais macio e flexível no manuseio.

Para uma possível utilização mais rápida e para dar aos criadores mais facilidade na criação de novas peças, o autor procedeu à separação dos motivos, ao mesmo tempo que distinguiu motivos e separadores, conforme passa a descrever, ao mesmo tempo que apresenta separadamente as ilustrações originais pela sua análise.

A descrição é feita separando os motivos dos separadores pois que o *Panu d'Obra* é feito dispondo os motivos e separadores por forma a que o próprio pano seja uma composição geométrica, tanto vertical como horizontalmente.

Começaremos por apresentar os motivos encontrados em alguns dos panos utilizados para o nosso trabalho, para depois apresentar os separadores, concluindo com a apresentação de tiras ou bandas e a sua junção, formando panos ■



MOTIVOS

Os motivos analisados são normalmente quadrados ou losangos, tendo em alguns casos a introdução de elipses na sua composição



Motivo 1

Formado por sete quadrados concêntricos, colocados no sentido dos losangos, tendo os três externos interrompidos nos vértices, sendo o interior em traço mais grosso e os dois externos em linhas muito finas. Os quatro quadrados interiores têm uma composição inversa, sendo o mais interno em traço mais grosso e os externos em linhas muito finas. O interior é preenchido por motivos em quadrículas e ao centro uma cruz estilizada, torcida em quarenta e cinco graus. O centro desta cruz tem um quadrado em pontilhado, traçado por uma diagonal horizontal, formada por três quadrados em preto. Os cantos do quadrado são preenchidos por três triângulos isósceles com um dos ângulos agudos virado para o lado do quadrado do desenho



Motivo 2

É um losango totalmente preenchido por um losango, simulando um movimento de expansão em virtude dos lados terem um sentido de continuidade ao infinito pelo preenchimento dos restantes espaços com traços paralelos a cada um dos lados. O centro do losango é preenchido por três elipses iguais ligados entre si e ao losango pelas diagonais maior e menor do mesmo que, por sua vez, ligam os centros dos lados do quadrado maior.



Motivo 3

É formado por três quadrados concêntricos, colocados no sentido dos losangos, sendo o externo num traço bastante mais grosso que os outros dois. O interior é preenchido por rectas verticais intercaladas por linhas verticais a tracejado, tendo os traços centrais interrompidos por um quadrado em branco. No pano apresentado no anexo deste trabalho este motivo é colocado intercalando o motivo 5, no todo ou em metades.



Motivo 4

É idêntico ao motivo seis, tendo os espaços interiores preenchidos por losangos cinza ou por triângulos e losangos mais pequenos.



Motivo 5

Formado por três quadrados concêntricos colocados em posição de losangos como se deles se tratasse, excepto porque têm os lados e os ângulos todos iguais. O quadrado externo é feito num traço mais grosso do que os outros dois. O quadrado interno é preenchido com diversas figuras geométricas, formando cruzes, quadrados e triângulos e ainda uma diagonal no eixo vertical, como que definindo a simetria nesse sentido.



Motivo 6

Motivo feito com tiras oblíquas em preto, formando losangos em branco. Sendo um motivo simples, poderá parecer e mesmo confundir com um separador. No entanto ele aparece muitas vezes mais laborado pela introdução de acabamentos por forma a enriquecê-lo, tornando-o num objecto artístico interessante. É assim, um quadrado preenchido por losangos.



Motivo 7

É o mesmo que o motivo 4, tendo os traços formados por linhas muito finas, obtendo uma tonalidade mais clara do mesmo padrão.



Motivo 8

É uma sequência de traços finos obliquamente, entrelaçando-se e formando losangos em branco






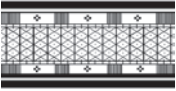
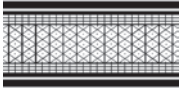

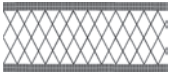


Motivo 9

É a repetição do motivo 8, tendo os losangos preenchidos em preto alternadamente, introduzindo novo visual à obra em que estiver inserido.

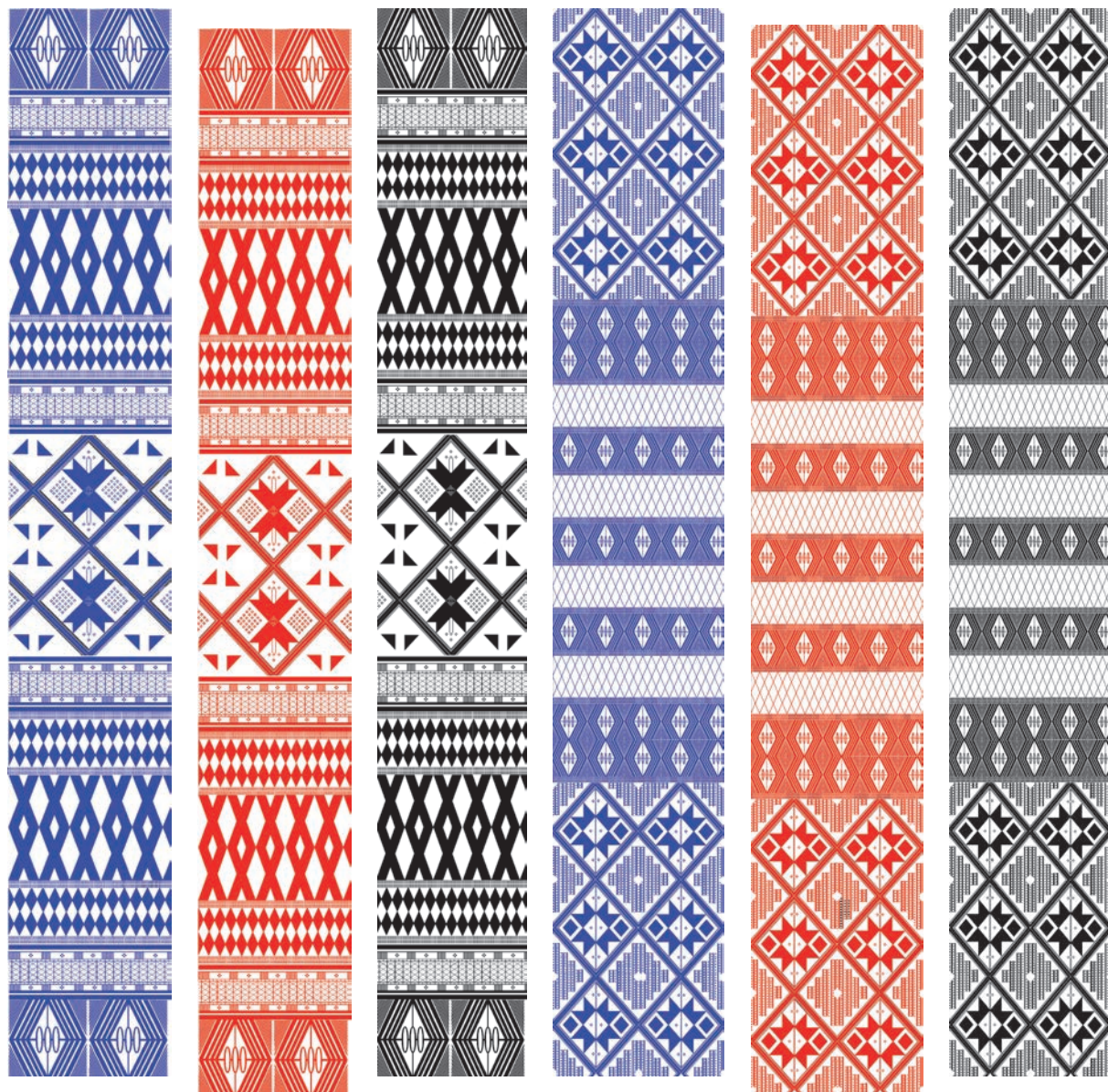
SEPARADORES

Os separadores são os traços transversais que, por vezes muito finos e outras vezes duma espessura razoável. Embora sejam na sua maioria linhas rectas, por vezes podem apresentar-se a tracejado.

Neste trabalho foram considerados separadores os objectos que se apresentam colocados por forma a separar uns dos outros os motivos principais e maiores.

| | |
|--|--|
| <p style="text-align: center;">Separador 1</p>  | <p>É formado por duas linhas feitas com vários traços verticais colocados ao longo de toda a tira. Causa um efeito que o diferencia dos motivos e de todos os outros separadores.</p> |
| <p style="text-align: center;">Separador 2</p>  <p>É feito por uma sequência de linhas oblíquas, intercaladas e formando uma sucessão de losangos na horizontal e transversais à tira.</p> | <p style="text-align: center;">Separador 3</p>  <p>É uma transversal formada por duas linhas grossas na horizontal separadas entre si por quatro feixes de traços finos na vertical, tendo entre si três cruces simples.</p> |
| <p style="text-align: center;">Separador 4</p>  <p>É uma composição formada por dois traços grossos na horizontal, preenchidos por uma composição de linhas horizontais, verticais e oblíquas, formando várias figuras geométricas, numa densidade harmónica de beleza e simetria, tanto na horizontal como na vertical. É um separador que enriquece qualquer pano, melhorando sobretudo a obra em que estiver inserido.</p> | <p style="text-align: center;">Separador 5</p>  <p>É diferente do anterior por se terem retirado dele a composição que contém as cruces simples, em cima e em baixo da composição. Mas, nem por isso se pode considerar menos bonito, embelezando de qualquer forma a obra em que for inserido.</p> |
| <p style="text-align: center;">Separador 6</p>  <p>Tendo em cima e em baixo o desenho do separador 1, é formado por linhas oblíquas em preto, compondo losangos e triângulos em branco. Embora de traçado simples, embeleza qualquer obra.</p> | <p style="text-align: center;">Separador 7</p>  <p>É um misto dos separadores um e dois, repetindo cada um deles duas vezes, estando o motivo do separador um nos limites superior e inferior.</p> |
| <p style="text-align: center;">Separador 8</p>  <p>É uma composição do separador 7, tendo duas linhas de losangos preenchidos em preto, enriquecendo a composição e dando um toque diferente a qualquer trabalho.</p> | |
| <p style="text-align: center;">Separador 9</p>  <p>Este separador é igual ao separador 1, sendo que os tracinhos que compõem as linhas são mais pequenos, reduzindo em altura a dimensão do separador.</p> | |

TIRAS OU BANDAS



46



Pestana
HOTELS & RESORTS



Pestana Trópico



HOTEL

CIDADE DA PRAIA • CABO VERDE

TAMBOR e também AMOR

na busca do sentir e da criação poética

Por: FÁTIMA FERNANDES

Há momentos da história de todos nós, e de cada um de nós em particular, que merecem o privilégio de se ir fazendo na História da Humanidade, em obras libertas de preconceito e de racionalidade mas abertas (porque libertadas pelas palavras) ao sentido, ao pensamento e à imaginação que o poder que esses grafemas mágicos e lhes confere. Para simplificar, ao conjunto desses momentos chamamos Vida e da vida se pode chamar Poesia, palavra clássica, *poiēsis* grega, cujo significado primordial está associado a uma arte de expressão ou registo de ideias, pensamentos, emoções de forma harmoniosa, resultado de uma inspiração, espécie de elevação de ideias em direcção ao olhar atento das musas celestes que despertam no homem, *bicho da terra tão pequeno*, o sentimento do belo.

Tambor é um desses exemplos de pequeno livro que pode traduzir a trajectória, os percursos e o drama existencial, em que o sentir poético parece confundir-se

com a vida-alma e a vivência do sujeito e sujeitos que nele circulam, se movem, dançam e buscam uma espécie de eternidade de satisfação plena. Porque a Vida é o que se vive, o que se experimenta a cada instante, se sofre ou se exalta em cada sentir, assim se pode afirmar que não existe Vida na palavra e/mas, paradoxalmente, é na palavra e através da palavra que a vida ganha vida em cada segundo das nossas existências, pois é ela que dá sentido aos nossos pensamentos e sentires desde a mais tenra percepção do ser humano, a partir do ventre materno e a que nos referiremos em tempo oportuno.

Para começar, caros amigos das palavras que ganham e dão vida na e à criação poética, este *Tambor* é um pequeno livro em dimensão que se faz grande na forma como o poder das palavras, traçadas no rumo do saber e da criação poética, ganham vida no som que as materializa no espaço em branco das folhas que se convidam à leitura.

“A Vida tem sido uma aventura.

*Também o é
Tentar descrevê-la.
Se o Livro Maior,
rodópia,
tanto sobre o concreto
como sobre o transcendente,
a Paz plena
do Homem na Terra
assume contornos
incomensuráveis,
na senda da sua própria
procura, no seu calce.
Propositadamente redondo,
como a própria
interiorização,
o Mundo do Homem
remete-o
quase sempre*

*- não obstante todos os avanços da ciência
para*

*o seu próprio ventre.
E todas as histórias,
narrando tempo e espaços Culturais,
de «mitos criadores» se imbuem
dramaticamente.”
A linha integradora reporta
a um Deus criador, amante,
em toda a sua força;
Despoleta, desabrocha,
tenuamente Se mostra
no berço que nos depositou,
redondo de ternura,
dependendo-nos na sua
sabedoria, quais filhos eternos,
com o inquestionável (?) umbilical, intacto.
Tal uma Mulher,
«aprendeu» a Terra-Mãe*

a amamentar-nos:

*Leite, Beleza e Força
conjugam-se no mesmo Verbo
e no mesmo Tempo do Gerador Amor.
«Quem possui o Quê»?
Fecundando-se de plena energia,
no enorme ventre da Terra,
penetrante
sob as mãos do Sol,
vibrante e irradiador de pulsão,
qual tambor
que se renova,
Tal o «sēmen de Deus» onde
Também
se Renova
a palavra húmida,
no ventre da Terra.*

Assim começa o discorrer poético desta tessitura que se regista simbolicamente sob o signo de *Tambor*. Título, objecto, instrumento, referência inspiradora para traduzir mundo, unidade, fertilidade, sonoridade, liberdade. Por se datar a sua apresentação no mês da poesia, da mulher, do início da primavera, e no dia do Pai essa força reveladora transformada em cada um de nós, fica neste espaço o convite para uma leitura atenta de cada ponto desse “livrinho”.

Trata-se de um desafio, pois os registos que os compõem parecem ter sido meticulosamente escolhidos e quem conhece um pouco da nossa expressão literária recente, poderá ver, ou melhor sentir, como o próprio autor o reconhece, a bênção do mago da escrita transcendental, o explorador do fonema, gramático da palavra-símbolo, pedreiro da escrita com a ilha desenhada no olho da cabra... que é Corsino Fortes.

Mas dir-vos-ei que é mais do que isso. *Tambor* convidou-nos a revisitar a sua simbologia e dar substância à tese de que ele, *Tambor*, embora muito inspirador para as culturas orientais, mas instrumento africano por excelência, merece, ainda que breve, uma referência especial. Senão vejamos:

Em África, e para os africanos, “...o tambor é, no sentido pleno da palavra o **Logos** da nossa cultura, identificando-se com a condição humana, de que é a expressão, ao mesmo tempo rei, artesão, guerreiro, caçador, rapaz na idade da iniciação, a sua voz múltipla traz em si a voz do homem, com o **ritmo vital da sua alma**, com todas as voltas do seu destino. Assim, também não é de admirar ver-se em certas funções especiais, o tambor nascer com o homem para morrer com ele” (in *Dicionário dos símbolos*).

Tudo o que acima foi citado, poderá ser encontrado neste livrinho, cujo título, acreditamos, não é de forma alguma inocente. Manifestação do ritmo do universo, associado ao curso do Sol e ao mesmo tempo ao curso da Água, utilizado nos rituais do chamamento da Chuva, portanto da Vida que pode esconder a própria morte quando trazida em excesso pela mãe Natureza, utilizado na guerra como apelo à descida dos favores celestes, o *Tambor* é um símbolo do Sagrado, da criação levada ao êxtase, e na magia do seu rufar se delinea a separação de dois mundos, por uma linha incorporada na árvore de vida que atravessa o mundo inferior dos homens, os dos



Tambor

combates, da caça à subsistência, da caça à fêmea para o afirmar da virilidade, da colheita que marca os ciclos de vida, para o mundo superior tranquilo e celeste, ou alegre. O *Tambor* é como uma barca espiritual, fazendo passar do mundo visível ao invisível, mediando a distância entre o céu e a terra.

Vida, morte, fecundidade e esperança, no acreditar do poder da mulher exaltado nas suas páginas, é um pequeno livro que se nos confunde entre a forma e o pensar poéticos, a narrativa e a prosa poética, mais adequada a um contexto comunicacional em que as palavras acompanham o pensamento. Porém um segundo elemento acentua essa confusão, porque essa forma ou registo gráfico, sob a alegoria do *Tambor*, ganha ritmos e movimentos de escrita na própria escrita. Logo, não é fácil acompanhar esse ritmo que se pensa convidando-nos a pensar. Leiam-nos procurando cumprir as pausas, apenas onde elas estiverem.

Há neste pequeno livro de vinte e duas composições, acompanhadas de desenhos-traço, registo do pensamento imagem, todo um movimento interno a cada passagem que nos obriga a uma espécie de dança intelectual, aparentemente camuflada pela vontade de contar ou metaforizar a representação simbólica, universal e maternal do *Tambor*, no espaço redondo divinal, no sentido genesíaco (que poderá ser a natureza, a mãe, a mulher, a semente, o sêmen, o símbolo fálico do objecto sexual masculino, a cabeça de um pénis que expele sonoridade na metáfora do sêmen reprodutor, imagem movimento de penetração no corpo da mulher, o ventre materno em garantia da reprodução da espécie, enfim), confunde-nos, dizíamos essa vontade de contar e o ritmo com que se conta. E aí poderá residir o segredo e a originalidade do acto desta criação poética que nos

convida a ler uma dança musicada, origem da própria significação poética.

Não interessa muito que seja o autor, Daniel Medina, a responder por essa criação, interessa mais que o sabor e o saber nos embalem na forma ingénua, do ser que reconhece em Tambor um símbolo da manifestação do ritmo do Universo. Leia-se a abertura do livrinho que diz:

A Mulher e a Terra
possuem o Homem

Ambas se transformam para nos alimentar.
e com sonoridades mil preenchem os espaços.

São o *Tambor desta Vida*

Assim, e por isso, não se espantem os leitores se vos dissermos que há toda uma carga simbólica, uma energia positiva, um percorrer de olhares, de sentimentos e movimentos que nos são revelados por este Tambor.

O terceiro elemento (diremos que não há duas sem três??, mas nesta apresentação os elementos são quatro) são os desenhos em traço fino e provocador que acompanham esta revelação poética. Porque eles também, mais do que simbólicos são extremamente convidativos à exploração da capacidade de olhar, interpretar, sentir, ver e dizer...

Ao prefaciá-la esta obra, Filinto Elísio, autor também de fina pena, deixa-nos uma observação de quem sabe sobre o que diz, ao afirmar:

O amanhã, astúcia de quem neste livro escreve, regista a referente poética pelos signos seguintes:

Mãe, terra, húmus, semente, ventre, seiva, sémen,

parto, vida, árvore e tambor.

Regista-o também num jogo de sintaxe em que o verbo, signo da génese, se substantiva a cada página e recusa, autonomizando-se da lógica do telúrico, ser realista e cartesiano.

Regista-o ainda na transposição, senão mesmo na subversão, da semântica, desconstruindo bíblicos sintagmas, quais sejam:

(...)

*Maçãs e outras serpentes (!) a descarnarem
Fugitivamente enfeitadas*

De machos e fêmeas

*Em noites grávidas de mil Carnavais
(mais palavras para quê???)*

Apenas uma nota final, em fecho de apresentação. Será inocente ou, pelo contrário, intencional e igualmente simbólico, o facto de este livrinho reunir um número de composições que se fecha em 22?!... Fomos à procura de uma explicação, para que os senhores não pensem que se trata de intuição feminina, pois, para nós, fêmea, mãe neste dia do pai e, acima de tudo, mulher, isso não poderia passar despercebidamente.

O número 22 é um número redondo por excelência. Graficamente reúne em dupla a soma de duas unidades (1+1=2, homem-mulher, mãe-filho, terra-céu, Água-Sol, vida-morte, muitas são as hipóteses a considerar)... Mas mais: de acordo com o *Dicionário dos símbolos* este número 22 “*simbolizaria a manifestação do ser na sua diversidade e na sua história, isto é, no espaço e no tempo... nos antigos o 22 é interpretado como símbolo de todas as formas naturais e de toda a história da criatura, e no pensamento simbólico dos Bambaras o 22 representa o total do tempo decorrido, do início da criação à conclusão da organização do mundo. É a conclusão da obra do criador, o termo das palavras, o número do universo.*”

E assim termina este nosso tempo de intervenção concluindo que *Tambor* quer nos chamar a atenção para reconhecermos o poder que a dupla mulher e poesia têm para os seres, sobretudo os masculinos, filhos, pais e homens deste universo. Pois a cada rufar do tambor “o bordão tombava sobre as feridas da Terra e ela se abria para abraçar o corpo que nela se havia frutificado.

Homem. Ciclo inicial proposto/comprido na orla dos deuses/Na auréola da ilha/ Na harmonia do Tambor/ No estalar trovoado do pau/No véu retesado/ Gretando vales da garganta do homem/Terra tombado com as serpentes coloridamente loucas com chocalhos galgando sinuosa pedras redondas/ Árvores a renascer de precipícios da mão da terra/ da tentação recriada no pecado do homem/ na satisfação de Deus”.

Bem-haja a mulher, as musas dos poetas, para que haja o homem e a mulher poetas e poetisas deste mundo! ■

Praia, 19 de Março de 2010

Alguns momentos da Revista

Fotos: TÔ GOMES



50

50CA Magazine
Sociedade Caboverdeana de Autismo



do lançamento Soca Magazine





FENACOOOP

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE CONSUMO

A Federação Nacional das Cooperativas - FENACOOOP tem feito um percurso meritório em prol da sociedade civil caboverdiana e do desenvolvimento de Cabo Verde, mas é, sobretudo, devido ao seu papel crescente como mecenas cultural que destacamos aqui o depoimento do seu actual Presidente, Francisco Vieira



Cabo Verde foi colónia de Portugal durante cerca de 5 séculos e tornou-se independente em Julho de 1975.

Sem recursos, com uma situação económica bastante débil, o país começou por enfrentar sérias dificuldades e contou sempre com a ajuda dos países amigos para conseguir paulatinamente vencer essas dificuldades e traçar o rumo do seu próprio desenvolvimento.

Uma dessas dificuldades prendia-se com a distribuição de géneros de consumo, sobretudo para as zonas rurais, pois, a inexistência de infra-estruturas, nomeadamente de redes viárias para a garantia de transporte desses géneros, dificultava sobremaneira esse nobre desiderato.

Perante esse bicudo problema e na busca de alternativas, cedo as comunidades rurais entenderam que a alternativa seria organizarem-se em cooperativas de consumo por forma a garantirem o seu próprio abastecimento.



Foi assim que na década de 70 surgiram as primeiras cooperativas em Cabo Verde, a maioria das quais de consumo, que, tendo um rápido desenvolvimento, assumiram plenamente as suas funções estatutárias, quer em matéria de distribuição e comercialização de géneros de consumo em condições favoráveis em todas as Ilhas de Cabo Verde, quer na vulgarização dos ideais cooperativos com a integração satisfatória das populações, em especial das mulheres chefes de família.

Esse desenvolvimento levou à criação de diversas Uniões de Cooperativas que, por sua vez, fundaram, em 1990, a FENACOOOP, no intuito de proporcionar às



cooperativas um melhor posicionamento no mercado, em termos concorrenciais, e maior desenvoltura na satisfação das necessidades dos seus associados.

De salientar, entretanto, que, em finais dos anos 80, verifica-se um certo recrudescimento das cooperativas em Cabo Verde, em virtude das vicissitudes várias porque passou o país e que culminaram com mudanças políticas que acabaram por ter reflexos directos nas cooperativas. Em consequência, muitas cooperativas começaram a experimentar sérias dificuldades acabando por suspender as suas actividades, fazendo diminuir consideravelmente o número de cooperativas em exercício.

A FENACOOP é, portanto, uma organização cooperativa de grau superior, criada com o objectivo de dar continuidade ao projecto de expansão e consolidação do grau de autonomia das cooperativas de consumo, ultrapassando assim as sérias dificuldades com que se debatia em matéria de obtenção de instalações comerciais adequadas, acesso ao mercado externo, capacitação técnica dos quadros, filiação na família cooperativa internacional, etc.

Por outro lado, ao se optar pela criação de um organismo totalmente privado e gerido em moldes empresariais, pretendeu-se imprimir à Federação nascente uma dinâmica adequada às novas necessidades do sector cooperativo, nomeadamente as de promoção de actividades sociais, de adequado posicionamento no mercado e as de estabelecimento de relações de inter-cooperação com organizações da nossa sub-região africana e do mundo.

Membro da Aliança Cooperativa Internacional e da OCPLP (Organização Cooperativista dos Povos de Língua Portuguesa) a FENACOOP tem, actualmente, presença em cinco das dez Ilhas do país, através dos seus membros, sendo:

- União das Cooperativas da Praia, na Ilha de Santiago
- Cooperativa S.Domingos, na Ilha de Santiago
- União das Cooperativas do Fogo, na Ilha do Fogo
- União das Cooperativas do Maio, na Ilha do Maio
- União das Cooperativas de Santo Antão, na Ilha de Santo Antão
- Cooperativa 12 de Fevereiro, na Ilha de S.Nicolau



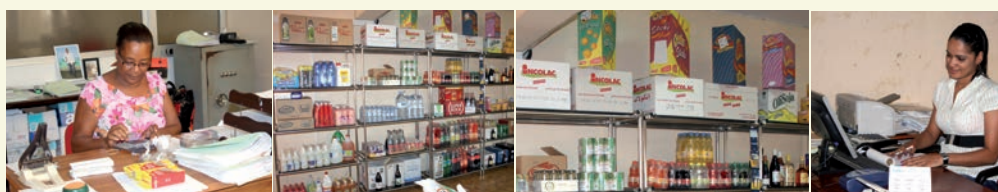
**FEDERAÇÃO
NACIONAL
DAS COOPERATIVAS
DE CONSUMO**



ESTAMOS EM:

- UNICOOP - PRAIA
- UNICOOP - FOGO
- UNICOOP - MAIO
- UNICOOP - STº ANTÃO
- COOP - S. DOMINGOS
- COOP - S. NICOLAU

Uma cooperativa de consumo ao seu dispôr



Que lhe garante o fornecimento de tudo o que precisa para o sucesso do seu negócio



FENACOOP

A sua Federação de Excelência



Nasceu a Associação de Cinema e Audiovisual de Cabo Verde

A Associação de Cinema e Audiovisual de Cabo Verde (ACACV) já está criada, desde o passado dia 31 de Março de 2012, data da assembleia constituinte realizada no Convento da Cidade Velha, no Município da Ribeira Grande, tendo a tomada de posse da Direcção ocorrida a 15 de Abril de 2012. De acordo com os seus estatutos, trata-se de uma associação sem fins lucrativos, que está engajada na promoção do cinema e audiovisual cabo-verdianos e na implementação de acções em prol do desenvolvimento deste sector. A criação desta nova entidade cultural é o culminar do esforço continuado de uma equipe de realizadores, produtores, criativos multimédia, guionistas e cinéfilos que labutam na área do audiovisual e cinema na cidade da Praia.

Nas circunstâncias que antecederam à criação desta associação, registaram-se impressões que se reverteram em perfeitos ruídos na comunicação, o que impediu que ela se efectivasse plenamente na consciência das pessoas. É, por exemplo, o caso do artigo publicado no *Liberal On Line* (02 Abril/12) que descrevia a associação como sendo de natureza sindical. Alguma opinião pública mal informada chegou mesmo a ver nela uma associação apenas limitada a realizadores, olvidando-se a imensa equipa de operadores de câmara, montadores, apresentadores de televisão, e cinéfilos, o que reflectiu muito na configuração da assembleia-geral que decorreu a 31 de Março. Note-se que a criação desta associação passou completamente ao lado do Núcleo Cinemédia da Direcção Nacional das Artes, pólo de audiovisual criado pelo actual Ministro da Cultura, Mário Lúcio Sousa. Os planos e as actividades deste pólo inovador nunca chegaram a contemplar os incentivos ou a criação de condições para o surgimento de uma associação para o sector. A sua presença não se fez sentir em todo o processo de criação, nem na assembleia constituinte nem na tomada de posse dos órgãos, e, até ao momento em que se escreve estas linhas, o Ministro da Cultura não emitiu nenhuma palavra sobre o assunto nos órgãos de comunicação social, apesar de já ter tido essa oportunidade, na entrevista que deu ao jornal *A Nação* (N.º 242 /



Mário Vaz Almeida *

Ano V/ 19 a 25 de Abril de 2012). Esse facto denota, evidentemente, indiferença ou desinteresse em relação ao assunto, sem que isso signifique, necessariamente, uma possível crispação no relacionamento desta instituição com estes ingentes representantes do cinema e audiovisual. A pairar no ar, fica o lapidar aviso desse membro do governo: “lá onde for a responsabilidade do Governo, que não haja dúvidas, assumiremos e tomaremos as medidas necessárias” (*sic*). E para confirmar este «estado de coisas», a primeira reacção da associação recém-criada não foi um prudente encontro com o Ministro da Cultura, o que seria um procedimento normal, já que no futuro é este Ministério que tutelará todas as acções e programas de incentivo para o sector em causa. Com esta falácia, *post hoc*, que se instalou, a primeira acção encetada, após a sua criação, foi, sim, um encontro dos órgãos directivos com o Vereador para a área da Cultura, Desportos e Formação Profissional da Câmara Municipal da Praia, com vista à criação de parcerias e

à instalação de uma sede na capital. Uma iniciativa que teve, diga-se, uma recepção positiva e assertiva da parte do Vereador, tendo este afirmado que a edilidade está aberta à criação de parcerias e à cedência de um espaço para a sede da associação, numa das artérias da cidade da Praia, o que poderá vir a confirmar-se, a breve trecho, num encontro planeado com o Presidente da Câmara Municipal da Praia.

Desde logo, um dos maiores desafios que se coloca a Associação, é o envolvimento de outras entidades que partilham da mesma paixão pelo audiovisual, nomeadamente a denominada “Cultura Móvel”, que tem movido uma série de acções em prol da cultura audiovisual, promovendo a criação de vídeos em telemóveis, *workshops* nas áreas de realização e sessões educativas nas escolas suburbanas. Pondera-se, ainda, a criação de um Festival Internacional do Filme Documentário, na capital do país, sem que, necessariamente, tenha que fazer «mosa» ao Festival Internacional de Filmes que já existe na Ilha do Sal. Um único país pode congrega várias mostras internacionais, como se pode verificar em Portugal ou na vizinha Espanha, países desenvolvidos em cuja experiência nos baseamos para formular os juízos ora avançados. A credibilidade e o futuro da associação recém-formada dependerão, contudo, do modo como a sua Direcção, presidida por Mário Benvindo Cabral,

souber gerir este desafio, no quadro da idiosincrasia cabo-verdiana, congregando e harmonizando as diferentes acções e os seus diferentes protagonistas, a nível nacional. A diáspora, essa, só responderá verdadeiramente, se a associação conseguir afirmar-se em pleno como a principal representante do cinema e audiovisual em Cabo Verde.

A premência de uma Lei para o Cinema e Audiovisual

Porém, a questão que se coloca é outra: como garantir a legitimação e sustentabilidade desta área de produção de saber e de prática artística que tem, já, os seus actores activos? *Raison d'Etat* ou equilíbrio das partes, uma vez que nenhuma acção de activismo cultural encontrará eco, no futuro, se não houver uma **Lei para o Cinema e Audiovisual**. A associação recém-nascida é um dado novo a ter em conta, no futuro, quando for a altura de se criar um quadro legal e normativo que deverá instituir, para a posteridade, nomeadamente: os serviços e organismos do sector, que deverão estar sob a tutela do Ministério da Cultura; o programa de apoio institucional e financeiro à produção cinematográfica e audiovisual nacional; as normas e taxas para a distribuição, exibição e difusão cinematográfica / audiovisual; o ensino artístico e formação profissional nesse domínio; a normativa de registo de empresas cinematográficas e de produtos audiovisuais; o modelo de financiamento para um fundo de investimento; assim como as modalidades de contribuição e de contratos de investimento.

O Governo deverá, na sequência dessa lei, regulamentar o sector, sob a tutela do Ministério da Cultura, partindo do princípio de que existe uma **cultura audiovisual activa** que expressa a realidade cabo-verdiana em termos artísticos, científicos e jornalísticos, e deve erigir essa regulamentação na linha da Convenção da UNESCO para a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (aprovada em Outubro de 2005) que o país subscreveu. Para colmatar esta lei e respectiva regulamentação, dever-se-á: criar, na prática, um modelo de distribuição do filme nacional aliando-o às estratégias de divulgação e *marketing* que instiguem o interesse do público; fazer a gestão cultural do cinema e do audiovisual nacionais; e, note-se, incentivar a investigação e pesquisa pública nesta área. Um conjunto de acções, que se pode, como em outras paragens, concentrar num único organismo, regra geral, em moldes de instituto. Tudo isso é, ainda, possível fazer-se na actual conjuntura política.

Ainda na sequência de uma Lei para o Cinema e Audiovisual e para melhor harmonizar o esforço privado com a legitimação e prática das instituições públicas do Estado, poderia ser criado um decreto-lei que instituisse um Consórcio Audiovisual público-privado, como a que actualmente opera na Galiza, ou seja, uma entidade que potencie, de modo institucional e sistemático, as acções tendentes ao desenvolvimento do sector audiovisual. Um consórcio desses deveria agrupar o Ministério da Cultura, a RTC, canais privados, Câmaras Municipais, Asso-

ciação e Universidades e, em termos de funcionamento, actuaria com um Conselho de Direcção e respectivo Presidente, e uma Comissão Executiva. As suas atribuições deveriam ser, no quadro dos valores universais: promover a utilização da língua cabo-verdiana, mediante o seu uso nos meios audiovisuais; promover e potenciar a actividade profissional e a criação do emprego; promover a investigação, a formação e o desenvolvimento tecnológico no sector audiovisual (daí o papel das universidades); impulsionar a produção própria, a co-produção e a distribuição; e, condição *sine qua non*, promover um melhor conhecimento da história e realidade cabo-verdianas.

Para o sector audiovisual em Cabo Verde isso acarreta, pois, um elevado grau de complexidade e, praticamente, não se vislumbra sinais de fumo no horizonte das políticas adoptadas até então para este sector. Para comprovar isso, basta olhar para o actual Plano Estratégico Intersectorial da Cultura – o PLEI do Ministério da Cultura – na única passagem em que se refere ao sector audiovisual: “Promover a produção nacional, nomeadamente, a produção de documentários e ficção, em parceria com as companhias de Teatro”. Isso é algo demasiado redutor para uma área cultural que requer muito mais do que uma cena de saltimbancos. É mais do que evidente que se deveria focalizar a atenção na criação de parcerias com a televisão pública ou privada e empresas audiovisuais privadas ■

* Pós-Graduado em Audiovisual

ORGÃOS ELEITOS

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente – Mário Vaz Almeida
Vice-Presidente – Chissana Magalhães
Secretario – Nelson Alves

DIRECÇÃO

Presidente – Mário Benvido Cabral
Vice-Presidente – Júlio Silvão Tavares
Secretario – Daniel Spínola
Tesoureiro – Aniceto Fonseca
Paulo Cabral
Abel Monteiro
João Paradela

CONSELHO FISCAL

Presidente – António Oliveira
Secretario – Celeste Moreira Rocha
Relator – Nuno Rebocho

PROGRAMA DA DIRECÇÃO ELEITA

- Criar o Blogue da associação tomando-o activo, no qual todos os associados tenham um papel interveniente permanente, fomentando a criação de fóruns de discussão temáticos;
- Fomentar, junto dos associados, a importância de se criar uma base de dados dos Associados, das suas obras, com os elementos técnicos de cada filme;
- Dinamizar e calendarizar acções de formação anual nas diferentes áreas do cinema e vídeo;
- Dinamizar e calendarizar mostra anual de filmes em diferentes formatos e suportes;
- Estabelecer contactos para parceria com diferentes instituições regionais, nacionais e estrangeiras, no país e no exterior;
- Estudar e socializar com outras instituições a possibilidade de se institucionalizar um internacional de filmes documentários;
- Dinamizar acções para surgimento da sede social da Associação;
- Criar e emitir cartão de identidade a todos os associados;
- Divulgar os trabalhos dos membros da associação quando em preparação, rodagem e exibição em sala ou difusão televisiva, organizando tertúlias sobre os filmes;
- Promover e estimular a realização de *workshops* simples mas eficazes, em conformidade com a condição económica da Associação;
- Promover parcerias com a SOCA – Sociedade Cabo-verdiana de Autores, para defesa dos direitos de autor (direitos conexos);
- Criar prémios e distinções para diferentes categorias de sócios.

Soca e Câmara Municipal de Ribeira Grande assinalam Dia de Poesia

Fotos: DANIEL MONTEIRO

Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde, 22 mar (Lusa) - Não é todos os dias que se vê um Presidente da República a declamar poesia em público.

Muito menos quando se tem poetas na audiência. Muito menos ainda, quando, mesmo ao lado, figura o seu antecessor.



Aconteceu quarta-feira à noite na Ribeira Grande de Santiago (Cidade Velha), quando Jorge Carlos Fonseca, presidente de Cabo Verde, depois de um começo algo tímido, se entusiasmou e começou a declamar poemas do seu irmão, Mário Fonseca, e também seus.

Autor de *O Silêncio Acusado de Alta Traição e de Incitamento ao Mau Hábito Geral*, publicado, disse, «nos longínquos finais dos anos 70», Jorge Carlos Fonseca, conhecido localmente por «Zona», fez questão de estar presente num sarau/jantar integrado no Dia Mundial da Poesia, promovido pela Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (SOCA).

«Zona», entre outros poemas, acabou por ler um seu - «Poema de uma Nota Só» -, integrado em *O Silêncio Acusado de Alta Traição?*, considerado por Arménio Vieira, ausente no jantar/sarau, como obra «vinhadamente surrealista», publicada numa altura em que o atual Chefe de Estado se assumia como «trotskista».

Tendo, de um lado, Pedro Pires e, do outro, o presidente da Câmara local, Manuel de Pina, o Chefe de Estado cabo-verdiano começou por ler/declamar um poema, depois dois, três, e depois quatro e cinco e, enfim, perdeu-se a conta.

Pedro Pires, a seu lado, ria, sorria, gargalhava com as tropelias de um Jorge Carlos Fonseca entusiasmado, acompanhado por uma das mais jovens e acarinhadas poetisas cabo-verdianas, Helena Lisboa, que lhe dedicou poemas, uns atrás dos outros, celebrando versos de Florbela Espanca, Mário Fonseca, Jorge Barbosa e de outros poetas.

O ex-presidente de Cabo Verde não declamou. «Não tenho jeito nenhum para as artes. Só faço discursos», brincou Pedro Pires, em resposta aos insistentes pedidos da assistência, composta por poetas de várias gerações.

No entanto, avisando a Lusa que «não é todos os dias que...», ainda lembrou os tempos que passou com o antigo Chefe de Estado senegalês Leopold Senghor, considerado «o presidente poeta» e o «defensor da negritude», mas não se atreveu a compará-lo a Jorge Carlos Fonseca.

Danny Spínola, presidente da SOCA, escritor e poeta, «disparou» poemas em jeito de Finaçon (uma espécie de Rap da poesia cabo-verdiana). Com uma velocidade estonteante e «poemando» em crioulo, deixou boquiaberta uma plateia que aplaudiu também com entusiasmo os portugueses Nuno Rebocho e Joaquim Emídeo, que leram alguns dos seus próprios poemas.



O jantar/sarau foi o culminar de um dia de intensa actividade poética na Cidade Velha, a 10 quilómetros a oeste da Cidade da Praia, que teve também como ponto alto o I Encontro Nacional de Poetas de Cabo Verde, reunindo cerca de dezena e meia de autores.

I Encontro Nacional de Poetas de Cabo Verde



Outro ponto alto foi a “arruada de poesia” pelas ruas e ruelas da Cidade Velha, com Danny Spínola, Helena Lisboa, Joaquim Emídeo, entre outros, a baterem à porta das casas do centro histórico da primeira capital de Cabo Verde (1462/1770) para apenas declamar poemas, sempre perante o olhar divertido de Pedro Pires, que os acompanhou.



A reação inicial dos residentes foi de surpresa, mas rapidamente se transformou em muita atenção para, no final, baterem palmas, mostrarem sorrisos e aplaudirem a iniciativa.

O Dia Mundial da Poesia associou-se ao da Árvore, pelo que a organização do evento, simbolicamente, pendurou pedaços de papel numa árvore, no Largo do Pelourinho, contendo poemas que as crianças da cidade correram para ler em voz alta e os guardar.

“Nunca tinha feito uma arruada. Tenho quase 60 anos e muitos como poeta e nunca vi nada assim. Foi surpreendente a reação das pessoas», disse à Lusa o poeta português Joaquim Emídeo, convidado para o evento, enquanto Helena Lisboa, também da organização, prometia «mais e melhor» para 2013 na Cidade Velha e, talvez, no Plateau, o centro histórico da Praia ■

José Sousa Dias – Agência Lusa

Vai ser filmado pelo cineasta Júlio Silvão o I Encontro Nacional de Poetas de Cabo Verde que decorre em Cidade Velha, no dia 21 de Março (Dia Mundial da Poesia), organizado pela SOCA (Sociedade de Autores), pela Biblioteca Nacional e pela Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago, o qual conta com o apoio da Associação Cabo-verdiana (de Lisboa) e da ONG Etnia (Centro CulturaCidades, também de Lisboa).

Todos os preparativos crescem de emoção e aumentam o número de escritores que estão a aderir a este evento: entre os poetas cabo-verdianos, contam-se, entre outros, Corsino Fortes, David Hoppfer Almada, José Luís Tavares, Danny Spínola, José Luís Hoppfer, Abraão Vicente, António Semedo Monteiro e Tchalé Figueira; mas os apoios estendem-se ao estrangeiro – do Brasil, de S. Tomé e Príncipe, de Angola e de Portugal –, estando garantida a presença do poeta português Joaquim António Emídeo, que quis estar presente neste acto.

Os poetas cabo-verdianos residentes em Portugal vão ter a possibilidade de se reunir nesse Dia Mundial da Poesia na Associação Caboverdiana: programas especiais estão a ser equacionados para esta Associação e para o Centro CulturaCidades, em Lisboa.

Para a reunião com os alunos do EBI de Santo António, foram destacados três escritores: Danny Spínola, Tchalé Figueira e, vindo de Portugal, Joaquim António Emídeo.

Convidam-se todos os escritores interessados em participar no I Encontro Nacional de Poetas de Cabo Verde a entrarem em contacto com o assessor Nuno Rebocho (tel. 9184839) a confirmar a sua presença, indicando se se deslocam em transporte particular ou se necessitam de transporte facultado pela Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago ■





Soca organiza semana cultural em Lisboa

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores – SOCA esteve presente em Lisboa, recentemente, e organizou, no âmbito da Feira “Sons Sabores e Saberes”, uma série de actividades culturais que decorreram num pavilhão da feira, na Alameda D. Afonso Henriques, de 31 de Maio a 03 de Junho.

No dia 01 de Junho fez a apresentação do livro *Crónica Que a Vida Conta*, de Daniel Medina, seguida de tertúlia de música e poesia com Daniel Rendall e Danny Spínola, tendo, no dia 02, realizado uma palestra sobre a Literatura Cabo-verdiana com o investigador e ensaísta José Luís Hopffer, também seguido de música e poesia; e no dia 03, para encerrar este ciclo de actividades culturais dos saberes da feira, o poeta Danny Spínola fez uma *performance* poética, em que disse poemas de vários autores cabo-verdianos e do próprio, em harmonia com a *performance* musical do músico e compositor Daniel Rendall, o qual esteve em destaque em todas estas actividades culturais.

Por falta de condições apropriadas, devido à desorganização dos responsáveis pela feira, não se efectuou a abertura da Exposição de Pintura Colectiva, que estava prevista para o dia 31 de Maio, com pinturas de David Levy, Leontina Ribeiro, Miguel Levy e Nela Barbosa, pelo que a SOCA fez uma parceria com a Associação Cabo-verdiana de Lisboa, onde organizou uma Exposição de Pintura Colectiva e uma tertúlia de música e poesia, onde estiveram presentes, também Daniel Rendall e Danny Spínola, com música e poesia.

A SOCA destaca ainda, no âmbito da sua participação na feira, enquanto organizadora de actividades culturais, que realizou uma Feira do Livro Cabo-verdiano em parceria com a Associação Cabo-verdiana de Lisboa, que, de facto, organizou e montou a feira do livro, em colaboração com o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

Segundo o Presidente da SOCA, as actividades organizadas pela SOCA decorreram bem, não obstante as inúmeras falhas e gaffes cometidas pela FASCAP e o seu presidente, António Furtado, organizador da feira “Sons Sabores e Saberes”, que não possui um mínimo de profissionalismo e *knowhow* para realizar uma actividade dessa envergadura, tendo em conta que não se preocupou com a actualização do programa discutido e aprovado, nem soube trabalhar a promoção e divulgação da feira para ter uma participação massiva, como era a expectativa de muitos, para além de não ter cumprido com a maioria das actividades programadas.

O Presidente da SOCA destaca ainda a postura pouco dignificante do Sr. Furtado que não honrou com o compromisso assumido, mostrando desrespeito e falta de consideração para com os artistas convidados para a feira, os quais tiveram de arcar com as despesas da sua estadia em Lisboa.

Sociedades Lusófonas de Autores preocupadas com os direitos autorais

Os direitos autorais e as novas formas de cooperação entre autores lusófonos foram os assuntos que suscitaram preocupação durante o III Encontro de Sociedades Lusófonas de Autores, que decorreu entre 04 e 08 de Março, em Maputo, Moçambique.

O presidente da Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA), Daniel Spínola, que representou o arquipélago nesse evento, disse hoje à Inforpress que os países lusófonos estão preocupados com a questão dos direitos autorais em Cabo Verde.

"Foram aprovadas uma moção de apelo ao Ministério de Cultura de Cabo Verde, e demais autoridades competentes na matéria de

A reunião serviu também para criar os comités para elaboração de pesquisa e estudo de direito comparado entre as legislações dos países lusófonos.

Durante o encontro, foi também criado o Comité do International Confederation of Authors and Composers Societies (CISAC), fundada em Paris em 1926.

Daniel Spínola aproveitou para reunir-se com o representante do CISAC, para oferecer-lhe os documentos e instruções necessários para que a SOCA passe de membro observador a membro efectivo dessa confederação.

Na sequência deste evento, Daniel Spínola manteve encontros com todas as sociedades de autores



direito autoral no país, para que se tome medidas necessárias no sentido de dissipar o actual clima de incerteza jurídica sobre a gestão dos direitos autorais que está a prejudicar o bom andamento das actividades nesse campo", indicou.

Segundo Daniel Spínola, essa decisão foi tomada após a reavaliação das novas estratégias de actuação das sociedades de autores e abordada a questão das novas perspectivas sobre as formas de cooperação e apoio entre as sociedades lusófonas.

O presidente da SOCA disse que foram analisadas informações sobre a gestão colectiva do direito de autor em cada um dos países que integram a Comunidade lusófona, através das comunicações apresentadas pelos respectivos representantes.

presentes, com as quais estabeleceu a intenção de representação recíproca e inteirou-se da situação da polícia criminal responsável pelas questões da propriedade intelectual que tem estado a actuar ao nível da pirataria.

O presidente da SOCA também participou num debate televisivo sobre os direitos autorais nos países africanos lusófonos.

No III Encontro de Sociedades Lusófonas de Autores estiveram presentes as sociedades de autores de Cabo Verde, Portugal, Angola e Moçambique. As Sociedades de Autores e Compositores Brasileiros (ABRAMOS, a SOCINPRO e UBC) fizeram-se também representar nesse encontro ■

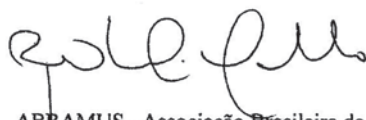
MOÇÃO

Reunidas na cidade de Maputo, no dia 5 de Março de 2012, por ocasião do III Encontro Lusófono de Sociedades de Autores, as entidades abaixo-assinadas, irmanadas na defesa da Cultura de todos os povos e nações que compartilham a Pátria Comum da Língua Portuguesa, e na promoção do Direito de Autor;

Tendo tido notícia de que, apesar do reconhecimento legal da sua constituição e legitimidade, através da publicação da Portaria n. 50/2009 do Ministério da Cultura da República de Cabo Verde, a SOCA – SOCIEDADE CABO-VERDIANA DE AUTORES tem vindo a ser confrontada com uma campanha tendente a desacreditar a sua imagem junto da opinião pública e dos usuários que têm vindo a utilizar as obras intelectuais protegidas do seu repertório de gestão sem assegurar o pagamento dos respectivos direitos autorais;

Decidiram aprovar esta moção no sentido de apelar ao Ministro da Cultura da República de Cabo Verde e demais autoridades competentes para que tomem de imediato as medidas necessárias para pôr termo de forma efectiva a esta situação, dissipando o actual clima de incerteza jurídica que tanto está a dificultar a prossecução das actividades deste organismo de gestão do direito de autor, o que muito prejudica não só os autores cabo-verdianos como todos os autores estrangeiros representados pela SOCA em Cabo Verde.

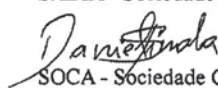
Maputo, 5 de Março de 2012



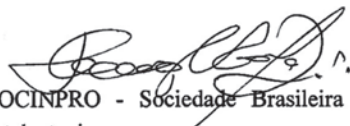
ABRAMUS - Associação Brasileira de Música e Artes



SADIA - Sociedade Angolana do Direito de Autor



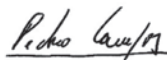
SOCA - Sociedade Cabo-Verdiana de Autores



SOCINPRO - Sociedade Brasileira de Administração e Protecção de Direitos Intelectuais



SOMAS - Sociedade Moçambicana de Autores



SPA - Sociedade Portuguesa de Autores



UBC - União Brasileira de Compositores

Pedro Rodrigues

Cantar

**O sentimento ímpar
dos cabo-verdianos**



Por: DANNY SPÍNOLA

Fotos: TÓ GOMES

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores – SOCA homenageou, no passado dia 02 de Maio, o músico e compositor Pedro Rodrigues.

Nessa cerimónia de homenagem que teve lugar no Restaurante Avis, no Platô, e contou com a participação de vários músicos e homens de cultura, a SOCA entregou um diploma de mérito ao músico e compositor e homem de cultura, Pedro Rodrigues.

Para assinalar aquele momento, a revista *SOCAMagazine* publica aqui as palavras do confrade e amigo Daniel Rendall e uma entrevista que faz uma resenha do percurso do homenageado.





Cantado e interpretado pelos grandes nomes da música cabo-verdiana, Pedro Rodrigues é dos poetas e compositores mais sublimes que Cabo Verde viu nascer.

Pedro Rodrigues, gostaríamos de ter uma conversa consigo, principalmente para conhecermos Pedro Rodrigues. Nós conhecemos, um pouco, mas há muita gente que não o conhece bem, não por não ser conhecido propriamente, mas, por, às vezes, não terem oportunidade de o conhecer. Começamos pelo início, como começou essas lides na música?

Bom, olha, a minha grande paixão, na minha juventude, inicialmente, foi desporto, de uma forma muito especial, o futebol. Em Angola cheguei a jogar por três clubes, cheguei, inclusive, a jogar por uma selecção, e em Portugal tive uma passagem muito curta pelo Vitória Setúbal.

Mas, era o que é aí no futebol? Jogava como avançado ou?...

Jogava no meio campo, mas durante muitos anos... Concretamen-

te, em relação à música, eu sempre gostei de música, me lembro, em Angola eu vi o Fernando Quejas... aqueles cantores mais antigos, mas, vá lá, o vírus entrou, de uma forma mais profunda, primeiro, em Portugal, que nós tínhamos lá, naquela fase que estive lá a estudar, nós tínhamos lá uma série de estudantes, e, no fim do dia, normalmente, havia aquelas reuniões de onde saía aquela tocatina, etc.

Tocatinas de noites cabo-verdianas!?

Mas, de uma forma mais concreta, foi exactamente na Guiné, quando fui lá fazer a tropa, porque a primeira composição que eu fiz foi “Batuque é Feitiço”, foi feito em 69 na Guiné. Eu me lembro, no quartel onde eu estava, os guerrilheiros fizeram um ataque tremendo, então, de uma forma assim muito espon-

tânea, peguei na viola, e fui para o meu quarto, lá para a caserna, aliás, e desenhei o “Batuque é Feitiço”, porque, realmente, naquilo eu apercebi-me que algo estaria a mudar. E que realmente o negro não chorava à toa, e sabia porque é que chorava, e então aí foi o primeiro pontapé de saída.

É uma música emblemática, mas já tinha aprendido a viola sozinho? Como é que foi?

Não, viola foi tudo por influência de amigos, nestas tocatinas de vez em quando também pegava na viola, aí é que eu comecei, portanto, nunca fiz uma formação assim específica da viola.

Então, desse primeiro tema na Guiné...

Exactamente, sim, foi ali efectivamente que terei iniciado, vá lá, essa fase musical que depois seria concretizado quando regressássemos a An-



gola, portanto, quando digo regressarmos estou falando desse grande amigo meu que, infelizmente, faleceu, Maiúca, viria a gravar este disco, porque até 74 era impossível gravar essa música.

Em 74, logo após o 25 de Abril o Maiúca gravou esta música em Angola com o conjunto “Os Mergulhos”. Realmente foi uma música que marcou durante muito tempo aquela fase. A partir daí diria que o segundo pontapé de saída seria exactamente a “Canseira sem Medida”, que também é outra música com uma certa particularidade, porque eu fiz esta música quando fui para São Tomé, integrado numa comitiva da nossa comunidade em Angola que foi festejar o 5 de Julho.

Como eu sempre joguei o futebol, eles convidaram-me no dia seguinte para ir jogar porque havia um encontro de futebol entre a comunidade cabo-verdiana radicada em Angola contra a de São Tomé. Tive tanto azar que, durante os anos todos que joguei o futebol nunca tive uma lesão, nesse dia partiram-me a perna, e eu vou para hospital, na altura São Tomé estava numa fase muito difícil, porque nem sequer havia gesso lá, inclusive no hospital, mas, entretanto, há uma

enfermeira nossa que entra, e fala comigo em crioulo, e ao meu lado estava um velho, que depois de ela sair, perguntou se era cabo-verdiano, disse-lhe que sim, e que vivia em Angola.

Essa música, “Canseira sem medida”, praticamente eu limitei-me a pôr a música, porque todo o conteúdo foi exactamente o pedido deste nosso compatriota, mas com tanto azar que no dia seguinte, quando olho para o lado, ele tinha falecido.

Foi sorte também ter feito esse...

Não, coitado, me tocou de uma forma muito profunda. Foi a forma dramática como ele pedia... só um objectivo, queria vir morrer em Cabo Verde. Na altura até o Baró, que era embaixador em Angola, tinha falado, também, com ele e estava tudo pronto, até inclusive para o trazer. Infelizmente ele faleceu. Então falar nessa música “Canseira sem Medida” foi o meu primeiro encontro com o conjunto que iria projectar, numa primeira fase, todas as minhas músicas, que foi “Os Tubarões”.

A partir da altura que dei estas músicas a Os Tubarões, o nosso relacionamento passou a ser permanente. “Os Tubarões” foram projec-

tando essas composições que depois também, praticamente tive o prazer imenso, e digo mesmo honra, de quase todas as grandes vozes daquela geração terem adaptado os meus caminhos, desde Bana, Cesária, o Miri Lobo, sei lá, o Tonecas Marta, Milocas, enfim o Tito Paris...

Mas foram exactamente “Os Tubarões” que projectaram inicialmente as minhas composições, e fizeram arranjos muito bons, que melhoraram grandemente o conteúdo destas músicas. Mas foi assim que comecei a...

Entretanto, estive muito tempo fora, mas vinha muitas vezes a Cabo Verde. A sua música está sempre muito marcada por Cabo Verde?

Sim, embora tenha tido um período um bocado prolongado sem vir, mas foram mais aspectos familiares e profissionais. Naquela fase, após a independência, eu vinha quase todos os anos a Cabo Verde. Mas também há uma variedade que nós temos de ter em conta, mesmo estando em Angola, estamos sempre próximos de Cabo Verde, porque a nossa comunidade tem essa particularidade muito boa, não perde a sua essência.



“

“Os Tubarões” foram projectando essas composições que depois também, praticamente tive o prazer imenso, e digo mesmo honra, de quase todas grandes vozes daquela geração terem adaptado os meus caminhos, desde Bana, Cesária, o Miri Lobo, sei lá, o Tonecas Marta, Milocas, em fim, o Tito Paris...

Nós temos lá bairros onde temos uma comunidade muito grande. Normalmente sempre nos reunimos nos fins-de-semana, onde, portanto, todo esse potencial cultural não se perde...

Tocatina, serenata...

Sim, portanto... Agora, nesta fase, como já estou efectivamente na situação de reforma, vai ser quase permanente essa minha articulação entre Angola e Cabo Verde.

Antes de continuarmos na música, gostaria que falasse um pouco da comunidade cabo-verdiana em Angola, da emigração desde aquele tempo...

Nossa comunidade, se calhar, sempre foi muito profunda em Angola, e integrou-se bem, desde as fases mais difíceis que foram aquelas fases após o 25 de Abril, com todas aquelas situações de guerra que nós vivemos, a nossa comunidade sempre participou de uma forma

activa, e ainda hoje. Agora, nós já temos é uma segunda geração, nascida em Angola, que praticamente já é bastante numerosa.

Já não tem uma ligação a Cabo Verde?

Sim, penso que aí há um pormenor, quer dizer, que tem de ser revisto. Era importante que essa juventude, que está lá, não perca nunca essa identidade também. Mas noto que efectivamente, para

já porque estão integrados totalmente em Angola e as situações específicas em Angola ajudaram essa situação, principalmente naquela fase de guerra, tivemos homens que tiveram que participar activamente.

Mas penso que a nossa comunidade, salvo algumas situações, que efectivamente têm que ser vistas, e nesse aspecto tenho que realçar que a nossa Embaixada e elementos da comunidade têm estado a organizar para apoiarmos estas comunidades mais carentes, que não são muitas mas que existem. Aí também eu penso que tem que se rever essa situação.

Muitas composições suas foram ainda interpretadas por essas grandes vozes? Mas canta também...

Não, esta é uma pergunta que costumam fazer-me muito, eu nunca me revii como intérprete. Eu assumi sempre essa condição de

a estes intérpretes que me dão também grande parte nessas composições. Mas, embora seja uma fase inicial e tenha pertencido a um conjunto, naquela fase, também, após o 25 de Abril, que era o “Grito de Povo”, que era constituído por metade de angolanos e cabo-verdianos, nesta fase, nesta primeira fase, era viola ritmo e também vocalista, mas, pronto, foi uma fase muito curta.

Agora, o problema, neste momento, que tenho impressão de familiares e de amigos, estou a prever um projecto onde vou recuperar todas as composições, que fui fazendo ao longo desses anos, para um CD que vai ter uma série de intérpretes, que também já se disponibilizaram em participar.

Em geral, como é que acontece a música, no seu caso?!...

Olha, a música para mim tem sido da forma mais espontânea, e nunca disse que vou fazer uma mú-

teúdo, a base fundamental da música. A mulher olhava para mim:

- O que é que vês?...

- Não é nada contigo!...

Eu então metia o fundamento da música para depois desenvolver; grande parte mesmo das minhas composições saíram de uma forma espontânea, ou através de acontecimentos, como foquei há bocado, “Batuque é Feitiço” e “Canseira sem medida”. Nunca disse que vou fazer música, elas aconteceram, quase sempre, numa forma a mais espontânea possível.

Aparece primeira a letra ou ao mesmo tempo a letra e a melodia?...

Normalmente, quando sou eu a compôr, as duas vertentes, elas quase surgem de uma forma simultânea; logicamente que depois são trabalhadas. Mas, eu tive um outro trabalho, que para mim foi, talvez, extremamente deliciante, embora muito mais trabalhoso, que foi musicar poesia daqueles poetas de raiz, porque, sinceramente, eu nunca me considereei um poeta, sou um letrista.

Agora, aquele poeta de raiz, quando fez as suas poesias, nunca pensou que iam ser musicadas, então, não há dúvidas que é um trabalho muito mais, vá lá, rigoroso; primeiro porque estamos a trabalhar poesias de terceiros que temos que respeitar, mas também é uma garantia, nós temos uma base, logo de partida que é qualidade.

Eu musiquei Pedro Cardoso, Luís Romano, Arménio Vieira, Manduca de Idite, de Angola também, Aires de Almeida Santos, o próprio presidente Agostinho Neto; para mim foram os trabalhos que mais me entusiasmaram. Só que, enquanto eu, por exemplo, na música minha posso levar, sei lá, uma semana, essas músicas levaram, sei lá, um mês, ou mais, para ser trabalhadas, mas foram talvez músicas que me projectaram a mim talvez. Mas, no fundo, foi sempre uma homenagem que eu quis fazer a esta faixa da nossa cultura que, para mim, foi, talvez, a mais marcante.

outra faixa, de composição, porque penso que o intérprete tem algumas características, que eu, pessoalmente, penso não ter. E também é uma verdade que se começa a banalizar um bocado essa situação de intérprete.

Portanto, por isso é que entreguei todas as minhas composições

sica. Lembrei-me, a minha mulher, às vezes, naquela fase inicial, quando ia para o Banco, para o serviço, uma coisa que me inspira bastante, é a rua, e eu ando muito a pé.

Às vezes, estava a caminhar, vinha uma ideia qualquer, eu, então, regressava à casa com muita pressa, pegava num gravador e metia o con-



Já agora, falou das homenagens, quais são as grandes referências que tem da música cabo-verdiana?

Olha, eu tive uma influência muito grande do meu avô Pedro Cardoso, pelas longas histórias que a minha mãe me contava sempre, e apontava o meu avô como exemplo. Portanto, tenho impressão que foi ele, de uma forma directa ou indirecta, que me arrastou para a música. Nós temos poetas de grande renome, e que efectivamente, quer dizer, penso eu, e acho que ninguém tem dúvidas que foram, talvez, os marcos da nossa resistência.

A música é outro planeta ou é algo que tem um papel muito forte na sociedade?

Eu penso que sim, nós, principalmente em Cabo Verde, penso que ninguém tem dúvidas que a música foi, talvez, os maiores baluartes da nossa resistência contra o colonialismo, para além dos combatentes. Desde os primórdios que a nossa cultura foi, efectivamente, baluarte da nossa resistência, onde a música teve sempre um papel preponderante, importantíssimo.

Portanto, a música, para mim, tem uma faceta muito boa, a música irmana e perdoa, e, portanto, penso que é uma faixa da nossa cultura que tem que ser defendida. Eu quero aqui frisar uma coisa, eu não tenho ideias fundamentalistas em relação a qualquer tipo de situação e na música também não. Penso, inclusive, que, hoje, a influência é inevitável; hoje os meios de intercomunicações são poderosíssimos, e penso que a influência, quando bem digerida, até é positiva.

Nós tivemos... costume sempre referir isto, naquela fase a seguir à independência a recuperação que se fez ao **funaná**, onde Catchás, por exemplo, permite um papel extraordinário. Quando pegou o funaná, deu-lhe aquela nova

roupagem, mas sem nunca perder os fundamentos do funaná.

Nós temos de ter em conta que o primeiro a julgar é o povo. O povo aceitou aquelas alterações de uma forma espontânea, isto é só para frisar, porque há aqui, de vez em quando, um lapso grande, que as pessoas pensam que progredir será apenas copiar...

Fazer outra coisa que não a música caboverdiana...



Não tem nada connosco, agora, também é verdade que a nossa música tem que evoluir em muitos aspectos; veja um aspecto que, para mim, é muito positivo, é no quadro da formação, por exemplo, dos nossos músicos, isso é importante. Estou convencido que... olha, por acaso acompanhei a parte final deste concurso, eu fiquei bastante satisfeito, vejo uma juventude perfeitamente integrada na nossa música, uma qualidade boa nos intérpretes, portanto estou convencido que não vamos ter problemas.

Embora..., quer dizer, sempre há um outro interveniente que é o Ministério da Cultura. Penso que a nível das escolas, se houver realmente, esse trabalho de não deixar que a essência daquilo que é nosso seja posta de lado, penso que temos já elementos também novos, com

qualidades que vão garantir, com certeza, essa permanência da nossa música; que a nossa música é muito reconhecida lá fora.

Tem umas composições meio satíricas, mas também um pouco humoristas...

Não, sim, como disse há bocado, muita coisa que eu fiz surgiu, por exemplo, de situações de paródia. Na paródia acontecia qualquer coisa, quase que automaticamente

eu começava logo a idealizar-me, por exemplo: “Badju na Fazenda” foi (embora não seja o conteúdo global), mas a base foi realmente aquilo que aconteceu.

E o CCC?

CCC, quer dizer, foi numa paródia, mas eu penso que a música também serve para divertir... sempre articulei essas situações, embora, por exemplo, numa fase inicial, e naquela altura estávamos a viver aquela fase eufórica da independência, onde praticamente as minhas músicas sempre tinham um conteúdo na altura, dito, revolucionário.

Era “Janeiro na Conacri”, “Na Tabanca”, uma série de situações. Portanto, penso que a música tem que abraçar todas estas situações, porque a música também é um

meio importantíssimo de se comunicar, podemos transmitir muita coisa através da música.

Já falou um pouco da situação da música em Cabo Verde, queria que falasse agora de outros intérpretes, não esses mais jovens, os mais velhos que fizeram algum percurso, já, que projectaram Cabo Verde...

Sim, eu já viajei por vários países. A nossa música é altamente reconhecida. Ultimamente todos nós acompanhamos, o projecto, por exemplo, da Cesária, tivemos sempre outros, “Voz de Cabo Verde” marcou uma época; o Bana, portanto estou convencido também... agora é que, às vezes, é uma questão de oportunidades e também de trabalho. Mas, fundamentalmente, às vezes, as pessoas ficam na obscuridade porque não têm uma oportunidade, portanto, isso também é um trabalho a fazer, como, para mim, um trabalho feito em relação à Cesária, e eventuais outros músicos nossos que se projectaram lá fora.

Mas não tenho dúvidas nenhuma que temos material básico para atingir esse objectivo. Agora, como sempre, é preciso trabalhar, também a nível empresarial. Às vezes faz falta esse trabalho empresarial que é para projectar esses músicos.

Para terminar, uma visão sua, global, da cultura cabo-verdiana.

Olha, por acaso, é um dos aspectos negativos que nós temos; por exemplo, em Angola é exactamente a recepção dessa informação da base nossa, em Angola quase não chega ao jornal. Eu, numa forma genérica, tudo o que eu sei



sobre Cabo Verde, vem através da televisão. Portanto eu penso, não sei, se em outras comunidades isso será tão evidente como em Angola, mas, em Angola, temos uma falta muito grande de informação, digo, cultural.

Eu próprio tenho algumas limitações, até ao fazer essa avaliação, porque o que nós recebemos lá é muito pouco. Penso que é uma área muito importante que tem que ser altamente valorizada por qualquer governo, e um aspecto que eu chamava atenção era realmente para essa necessidade de recebermos, (nós que vivemos quase em permanente no exterior), mais informação sobre a nossa cultura.

Quer acrescentar mais alguma coisa ou...

Olha, apenas queria agradecer, também, a oportunidade que me deram, e para dizer que, agora, com mais tempo, como já disse no início dessa conversa, já estou numa situação efectiva de reforma, vou à gaveta buscar, ainda algumas composições que estavam lá, trabalhá-las, e ver se até ao fim do ano eu consigo materializar esse objectivo que é o tal CD.

Já agora, as composições, mais ou menos quantas e...

Olha, por acaso só agora é que estou a criar uma pasta onde estou a recolher... mas sim, não deve fugir muito entre trinta e quarenta...

Mornas e coladeiras?

Fundamentalmente, embora tenha tido algumas situações, também, com a música angolana, mas aí 90% têm sido mornas e coladeiras. ■

Pedro Rodrigues – o músico e compositor num olhar do confrade e amigo Daniel Rendall



Foi com muito prazer que recebi o convite da Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) para falar de Pedro Rodrigues, um compositor muito apreciado, querido e respeitado por todos que de alma e coração se dedicam à composição e dela fazem a ponte necessária das mensagens que traduzem o seu sentir, das vivências na diáspora aos momentos que, vindo de férias, revivem as amizades de parentes, amigos e conhecidos, e ainda os acontecimentos que envolvem o seu estar na sua terra natal e na distância.

Falar de Pedro Rodrigues é uma grande responsabilidade, pois este homem, de estatura idêntica aos dos grandes compositores que conhecemos e que nos dão a alegria e o prazer de cantar Cabo Verde, suas gentes e vivências, partilhou-nos o seu sentir, nas vozes do Bana, do Mirri Lobo, do Tonecas e Ana Emília Marta, do Tito Paris, do Leonel Almeida, dos saudosos Ildo Lobo, Maiúca Marta e Cesária Évora, e de outras tantas vozes lindas, crioulas cabo-verdianas.

Lembramos do “Batuque é batuque, é dansa de negro”, de “30 ano di S. Tomé”, de “Bram-bram d’imigrason”, de “CCC”, de “Ken ki konxi Santiago”, de “S Vicente é um brazilin”, de “Ka no stragá nos Cabo-Verde” de “Fim de Semana em S. Vicente”, de “Djar Fogo”, de “Es bida di gossi bira mariado” de “Rosa di amor” e de tantos outros.

Este homem que, com sabedoria, soube magistralmente compor melodias para cantar os grandes poetas cabo-verdianos, como o avô Pedro Cardoso em “Koitado ken dixâ si Tera, si é dexa n’el si korason”, Corsino Fortes em “Golpe d’estód na paraíze”, Arménio Vieira em “Kanta ku alma sen ser maguádo”, Ovídio Martins em “Desculpa meu amor”, e Gabriel Mariano em “Sol na Txada”, e ainda um poema do poeta e médico, Agostinho Neto, primeiro Presidente de Angola.

Mas que também, com mestria, soube colocar a dignificação do africano e, em particular, do cabo-verdiano, como condição necessária para o reconhecimento das artes e da cultura do nosso povo.

Pedro Rodrigues merece o reconhecimento da Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA), que lhe confere um Diploma de Mérito, pela contribuição dada na elevação da Cultura Cabo-Verdiana.

Nós daqui lançamos, uma vez mais, o nosso grito de independência para os fazedores das Artes Plásticas, da Literatura, da Música e de toda a manifestação Tradicional Cultural, que enriquece cada espaço das nossas ilhas.

A não instrumentalização partidária da Cultura, que fez de nós um Povo, como Pátria e Nação Soberana.

Praia, 02 de Maio de 2012

Luís Lima

um invisual clarividente

LUÍS LIMA nasceu a 5 de Julho de 1952, em Paúl, ilha de Santo Antão, Cabo Verde. Luís Filipe Cardeal de Lima, de seu nome de baptismo, iniciou os seus estudos primários em Santo Antão, até aos 11 anos, quando vai para São Vicente, Mindelo.

Por: **DANNY SPÍNOLA**



Uma crise reumática, devido à mudança brusca de água fria, de uma ribeira, para uma pedra quente, onde se foi repousar, após um banho, prostrou-o na cama, aos 16 anos, tendo, então, intensificado o seu gosto pela escrita, que tinha começado aos 9 anos, ao compor o seu primeiro poema, “O Destemível”, dedicado a D. Afonso Henriques, que aconteceu ao se ter desafiado a si mesmo para escrever um poema e recitar, em vez de aceitar a imposição dos professores para recitar um poema de outrem, que não lhe dizia nada, e que ele nem sentia.

E desde de então não parou de escrever poemas e mais poemas, mas só começou a escrever para música aos vinte anos.

A crise reumática, que o tinha molestado aos 16 anos, foi alastrando-se, pelo seu corpo todo, durante 12 anos, até que acabou por cegá-lo, tornando-o num compositor de memória, porquanto tudo que faz, tem de ser arquitectado, muito bem, pela mente e guardado na memória, para depois ser transmitido.

Tem o hábito de compor de madrugada, hora aziaga e propícia para sua escrita, por ser o momento em que ele acorda e enche a cabeça de pensamentos, que não o largam até que sai alguma coisa, em geral morna.

“

Luís Lima escreve, essencialmente, poemas e composições, mas também pensamentos e textos para publicações em jornais e revistas, fazendo parte já de algumas antologias e edições especiais de música

Começou a fazer composição musical, por influência e insistência de alguns amigos, que o interpelavam para compor música de Cabo Verde.

A sua primeira composição musical foi a morna “Dor di nha dor”, interpretada pelo Bana e musicada pelo Paulino Vieira, seguindo-se “Kanter d’flisidad”, mais conhecido por “Rosa enjeitada”, também interpretada pelo Bana; “Anju négra”, interpretada pelo Paulino Vieira e “Barca d’amor”, interpretada pelo Váiss;

Compôs ainda a coladeira, “Kazód, kebród”, que o Paló canta e muito, muito mais mornas e coladeiras, interpretadas por outras grandes vozes, como o Váiss, o Miri lobo, e que constituem o nosso deleite.

Ele lembra que o poema “Dor d’Nha Dor” nascera de uma brincadeira de crianças, que têm o dom de levar os adultos para um mundo de sonho, fazendo-o esquecer-se da sua situação de prostração ao ponto de querer correr atrás deles, até se ter lembrado de que não conseguia andar fazendo surgir a morna “Dor d’ Nha Dor”.

Em geral faz composições para morna e coladeira, que são, maioritariamente, musicadas por Paulino Vieira, Ramiro Mendes, Váiss, Paló e outros, segundo a sua explicação de como é que as quer. Mas ele tem, também, composições musicadas por ele mesmo.

Faz tudo de cabeça, como, por exemplo, o poema “Africa um Dia”, que o Ramiro Mendes musicou, e que é interpretado por Bana:

“Na bóka, un palavra, dusura d’kretxeu/Na peitu, un kriansa, ternura di amor/Y, na olhar, fantasia di um séu abertu/Xei d’badalada, xei d’badalada Avé-Maria!/Sigi iluzon d’kretxeu/ Es mund d’promésa d’un/Flurid d’mil kor/Áfrika un dia.../Un surriz’ d’ ternura/Y kada vós y un karinh/Sen frontera d’amargura./Ó mulata, vós d’nha sulidaun,/Krensa d’nha orasaun/Bo bóka e d’meu na dusura d’kretxeu/ Bo korp e silense flor d’ rozera brava/Y na síplika d’es muzka lenta, skutál: skutá desej’ di un amor xei d’badalada/Y arkuiris./Ó dor d’un dia, ó mar d’agóra!/Falá marinher, bo “Barka Sagres”/Pa’l navegá n’es mund d’promésa di un bej’/Ma pa’l traze un abras’ d’irmon d’ aventural/Pa kretxeu di-meu, Áfrika, un dia...”.

Luís Lima escreve, essencialmente, poemas e composições, mas também pensamentos e textos para publicações em jornais e revistas, fazendo parte já de algumas antologias e edições especiais de música.

Com mais de mil poemas, em português, em crioulo cabo-verdiano, e até em francês, Luís Lima diz que ele gosta muito mesmo é de escrever sobre o amor, tanto o tal amor universal, platónico, como o amor carnal, epicurista, tal o exemplo do “Kanter d’ flisidad”, mais conhecido por “Rosa enjeitada”, que é um tema de amor, feito no dia internacional da mulher, dedicado, segundo ele, a cada mulher.

Gosta de escrever para assinalar ou exaltar grandes feitos, como o do Nelson Mandela, por exemplo, a quem ele dedicou o poema “Uma Lágrima e O Amor”, feito no dia em que foi libertado, depois traduzido para crioulo e musicado por Váiss, em que diz: “A lágrima que rola da minha face/É a dor que desfolha o meu peito/Deixado pelo néctar da rosa do meu sonho/A dor que desfolha o meu peito/Tem bandolins dedilhando canções/Tem pintores pintando conações/Tem sol nascente raiando madrugada/Trazendo cantares de cotovias/Embalando o esvoaçar de um povo negro/Sobre o olhar atento de um menino/Meditando o desabrochar de uma flor/Que, embora abrindo lentamente/



Com mais de mil poemas, em português, em crioulo cabo-verdiano, e até em francês, Luís Lima diz que ele gosta muito mesmo é de escrever sobre o amor, tanto o tal amor universal, platónico, como o amor carnal, epicurista, tal o exemplo do “Kanter d’ flisidad”, (...)

Vai despertando o sentimento/Que uma lágrima deixou pousar na terra do sorriso/E que um rouxinol ao romper da aurora mostrou-lhe a natureza! – Esta alegria, o chilrear do Amor”.

A música para ele é tudo! Não consegue imaginar-se sem as suas composições, porque a música leva-o a reflectir sobre a vida e as coisas, daí que, quando compõe, tenta, ao máximo, compor com sentimento e propriedade, mas, sobretudo, adaptado ao sentimento de quem quer que interprete a sua música. Aliás, ele faz questão de ouvir, de estudar e conhecer a voz de quem lhe pede uma composição, antes de compor para essa pessoa, pois ele acha que *cada artista tem a sua maneira de interpretar, tem o seu sentimento na voz, que é preciso ter em conta*. E, de facto, ele tem escrito essencialmente para a voz do Bana, que tão bem conhece e que, quanto a ele, não há igual, a não ser o Ildo Lobo, logo a seguir, não obstante o fenómeno Cesária Évora, que é, também, excelente.

Ele confessa que a música o põe a pensar, a meditar muito, e algumas vezes na solidão, que é o seu mundo

predilecto de imaginação, de criação e produção. Para ele, a solidão é importante porque leva-o a ver coisas que, de outra forma, não consegue ver, e, por isso, a solidão é uma forma de aprendizagem; de elevação, de depuração do nosso intelecto e sabedoria. E diz que *ele não vê com os olhos mas com o pensamento...*

Ele escreve para a música de Cabo Verde, sempre à moda antiga, na linha poética de antigamente, embora com um cunho e estilo próprio, e mais de acordo com os tempos modernos, da actualidade, e as novas melodias e orquestrações, porquanto o cabo-verdiano é um povo saudosista que gosta de lembrar o seu passado. Daí que seja importante, para ele, manter aquele estilo gente antigo. Ele faz questão de *abordar os problemas actuais, mas sempre com aquela linha melódica e poética clássica*.

Ele diz que quando está a compor, *costuma pensar que está a dar um pedacinho dele mesmo a Cabo Verde* e que só compõe pensando na contribuição que pode dar à música cabo-verdiana e não no seu próprio futuro, pois o que quer é contribuir para que Cabo Verde tenha um futuro musical de raiz forte e frutífera. E por isso faz questão de compor música que seja cabo-verdiana, pois, há muita música a que chamam música cabo-verdiana e que não tem nada da música de Cabo Verde.

Reconhece que a música de Cabo Verde já conheceu uma grande expansão, *com grandes intérpretes como a Cesária, que foi um fenómeno mundial, o Bana, e o Ildo Lobo, por exemplo, que foi também um grande cantor, um grande intérprete*.

Quanto a ele, Cabo Verde tem tido bons e excelentes artistas e compositores como o B. Léza, o Manel d’Novas, o Manel de Pina e tantos outros, como o nosso grande Eugénio Tavares, que foi um poeta de eleição, e um compositor de mornas e coladeras, das primeiras grandezas e fileiras.

Ele pensa que *“Se o homem emudecesse e o animal falasse, o homem traria para o olhar a alegria de se conhecer e de conhecer a liberdade”* ■

Marino

uma Voz que perdura

Por: DANNY SPÍNOLA

Marino Silva é um dos pioneiros de divulgação e promoção, junto com Fernando Quejas, da música cabo-verdiana.

É, sem dúvida alguma, um dos primeiros embaixadores da música cabo-verdiana, tendo acompanhado, com o seu violão e o seu agrupamento típico, nomes sonantes do então Conjunto de Cabo Verde que fez uma digressão a Portugal, integrando músicos e cantores de renome tais como Luís Rendall, Titina, Mité Costa, Taninho Évora, entre outros.

Segundo alguns apontamentos, «*Entre 1959 e 1974, Marino Silva actuou em Serões para Trabalhadores, nos chamados "Programas de Cabine" e em programas de televisão como "Presença do Ultramar", dedicado à música de Cabo Verde. Assumiu igualmente um papel activo em eventos performativos organizados pela crescente comunidade de cabo-verdianos em Lisboa (a partir da segunda metade da década de 60). As suas gravações no âmbito da música ligeira da Emissora tinham moldes semelhantes àqueles que organizaram a gravação do repertório interpretado por Quejas: violas e cavaquinho, interpretadas por Marino Silva e pelos músicos cabo-verdianos, que o acompanhavam, e que eram integrados na instrumentação da Orquestra*»

Cantor de corpo e alma, Marino Silva demandou Portugal nos anos 60, deixando saudades da sua voz e das serenatas boavistenses nas ilhas.

Exímio tocador de violão e cantor, Marino Silva destaca-se na historiografia musical cabo-verdiana como trovador de sensível pena e cantor, não só pela sua pujante e requintada discografia, onde podemos descobrir inéditas melodias e líricos recantos do nosso Cabo Verde.

Poeta das ilhas e suas gentes, Marino Silva é considerado um dos grandes cultores da música cabo-verdiana e um artista singular, pela sua simplicidade, afabilidade

e entrega despreziosa às tertúlias e convívios culturais cabo-verdianos.

Marino Silva cedo enveredou-se pelo mundo da música, tendo gravado o seu primeiro álbum nos anos sesenta.

Cantando o mundo e a vida, mas principalmente o amor, a mulher e a sua terra natal, Marino Silva possui uma vasta obra discográfica, onde perpassam temas líricos e românticos, com vibrações telúricas e coloridas da sua vivência e convivência.

Com um percurso marcado na linha dos grandes trovadores cabo-verdianos, Marino Silva procura, nas suas composições, expressões e aspectos fulgurantes do sabor ilhéu, movimentado e pacato, que enaltecem o sentimento genuinamente cabo-verdiano, tais como quando canta Eugénio Tavares, B. Léza, Armando de Pina e Manuel D'Novas.



Silva



Não há dúvida que Marino Silva é uma referência nos ritmos e ritos da cosmogonia musical cabo-verdiana, com lugar cativo nos corações de muitos, devido às suas belas interpretações e ao seu maravilhoso espólio discográfico, que ainda está à espera de uma maior atenção e de um estudo apurado, na medida em que possui um percurso que enaltece e engrandece a musicografia cabo-verdiana.

Segundo o próprio Marino Silva, foi bastante influenciado pela família, dado que os seus pais tocavam violão, e desde tenra idade adorava a música, pois a música para ele é um sentimento que brota espontaneamente da nossa pessoa.

Sempre gostou de ouvir Luís Rendall, Tazinho, o filho, Taninho Évora, e outros grandes músicos e grandes vozes de Cabo Verde, dos quais destaca B. Léza, que para ele é um compositor marcante.

Para ele uma boa música deve ser bem composta, com boa melodia e letra, sendo um bom arranjo imprescindível, mas a interpretação também é importante.

A música é algo indizível – diz ele – é algo que acontece quando menos se espera, que nos enche a alma e o espírito; é, também, algo que tem um certo valor social,

na medida em que alerta as pessoas relativamente a acontecimentos de várias ordens.

Acha que a música cabo-verdiana está bem situada, que surgem bons compositores, e também, infelizmente, maus. Mas que ela vai evoluindo, e que, felizmente, tem havido valores positivos na composição de músicas, nomeadamente da morna, tais como, por exemplo – diz ele – algumas das últimas criações de Manuel de Novas, “Querida verdianinha”, que são músicas que ele acha bonitas.

Ele crê que houve uma grande evolução na música cabo-verdiana; que há uma orquestração baseada no conhecimento de novos ritmos, com outro *feeling*, tal como no caso do funaná que foi algo marcante, que dantes não conhecia, porquanto só conhecia a morna, a coladeira e o machiche.

Acha que não há assim tanta influência de ritmos estrangeiros nas coladeiras e na morna, *que é nossa, mesmo nossa* – diz ele –, embora tenha a percepção que há outros ritmos que se situam paralelamente aos ritmos cabo-verdianos como, por exemplo, os da música angolana. ■

MARINO SILVA: DISCOGRAPHIE



FOLCLORE

DE CABO VERDE

(production Imavox)

1. Bia d'Lulutcha
2. Fruto Proibido (A.Cabral)
3. Alfacinha (L.Rendall - B.Leza)
4. Tchonbon di Mangui



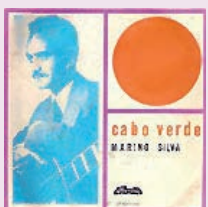
MORNAS E COLADEIRAS

1. Terezinha
2. Dia e Noite
3. Sina de Cabo Verde
4. Amdjer coque e bafa



CABO VERDE

1. Longe di bô nha cretcheu
2. Caba ques esparate
3. Travessa da peixeira
4. Lua cheia



CABO VERDE

1. Morgadinha
2. Chinta-li
3. Pilambacera
4. Mar Canta

Participe à la compilation Aquila "Cabo Verde: mornas e coladeras" avec les morceaux *Pick-Nick*, *Mar Di Furna* et *Sangue de Berona*.



MORNAS COLADERAS

1. Moreninha sem par
2. Bidjiça
3. N'hontono escaderor
4. Ronca di Mar



MORNAS CABO VERDE

1. Serpentina (Manuel d'Novas)
2. Mansidão (Luis Morais)
3. Fidjo Querido (Marino Silva)
4. Dor d'Sodade (B.Leza)

CABO VERDE



1. Armando (popular)
2. Mãe (Armando de Pina)
3. Mar é morada di sodade (A. de Pina)
4. Trazê azar (Luis Morais)

Les titres *Longe Di Bo'Nha Cretcheu*, *Cabá Qués Esparate* et *Longe Di Bo'Nha Cretcheu* sont sélectionnés pour figurer dans la compilation Alvorada "Cabo Verde: mornas e coladeras".

MORNA PA MAMÃE (réédité en CD)



1. Morna pa Mamãe (Miquinha)
2. Maré d'Cseïçon
3. Funk d'Palina (Luis Rendall)
4. Cadéra d'Barbêr (Miquinha)
5. Nha Chica d'Nha Maninha (Manuel d'Novas)
6. Mocinh Trivid (Miquinha)
7. Milu (Miquinha)
8. Rabilona
9. Tuquim (M. Santos)
10. Negoce d'Ti Lobe (Miquinha)

MUZKA E FOLKLOR DE CABO VERDE (réédité en CD)



1. Indecção d'Caixhina d'Foche
2. Jom d'Ebra (Manuel d'Novas)
3. Tchutchinha (Jotamonte)
4. Lor d'oi azul (Manuel d'Novas)
5. Jon da Lomba
6. Frio na Côrpe (Kakate)
7. Coladêra (Kakate)
8. Basculante (Cesario Duarte)
9. Grito de Dor (Tututa)
10. Bô ca tava pa sementêra (Manuel d'Novas)
11. Bia cretcheu estremecida (Jotamonte)
12. Tataruguinha (Jotamonte)

IMA COSTA: FOLCLORE DE CABO VERDE



Vinyl 33t d'Ima Costa (Fátima Alfa-ma) enregistré avec le groupe de Marino Silva.

biographie :: discographie :: video :: concerts :: photos :: commentaires

REQUIEM a Cesária Évora

A SOCA ao se inteirar da morte da cantora Cesária Évora, conhecida em Cabo verde e além fronteiras como a *Diva Dos Pés Descalços*, manifesta o seu pesar e consternação pela grande perda.

O passamento desta artista e intérprete, de renome internacional, considerada das mais importantes vozes das ilhas, que tem levado o nome de Cabo verde a quase todos os cantos do mundo, funcionando como uma verdadeira embaixadora além fronteiras, representa, para a SOCA, a interrupção de um percurso de ouro que já engrandeceu a música e a cultura caboverdianas.

É de se lembrar que ela recebeu o maior galardão da República Francesa, pelo então Presidente da República Francesa, Jacques Chirac, o que constitui um testemunho, incontornável, do importante papel que desempenhou na cena artística internacional, mais concretamente no mundo da música, reafirmando o seu valor enquanto um dos artistas cabo-verdianos de maior projecção mundial, reconhecido internacionalmente.

Reconhecimento que mereceu a atenção do Primeiro-Ministro, José Maria Neves, o qual disse que *“o que a Cesária faz com uma actuação (...) não há recursos que o Governo possa disponibilizar para projectar a imagem de Cabo Verde no mundo.”*

Intérprete excepcional, com uma forma de cantar muito própria e peculiar, que encantava e atraía a atenção de todos, Cesária Évora era, para além de tudo, pessoa

“

O passamento desta artista e intérprete representa, para a SOCA, a interrupção de um percurso de ouro que já engrandeceu a música e a cultura caboverdianas

humana e humilde, de grande coração de ouro.

A SOCA, em nome de todos os artistas que representa, nesse momento de dor e recolhimento, endereça à família enlutada, à população de S.Vicente, e a todos aqueles que estimavam a querida e saudosa Cise, as suas mais sentidas condolências ■



REQUIEM a *Maiúca Marta*

Por: JORGE SOARES SILVA

Aos 66 anos de idade, o desportista, cantor e compositor, Mário Marta, Maiúca, faleceu em Luanda, Angola, a 8 de Dezembro de 2011, onde exercia actividade bancária. Nascido na cidade da Praia, a 30 de Novembro de 1945, teria comemorado o seu aniversário dias antes.

Maiúca esteve internado no hospital Maria Pia, por poucos dias depois de passar mal, tendo a sua hospitalização provocado consternação junto de amigos e admiradores e desencadeado uma grande onda de solidariedade. Muitas pessoas responderam a um pedido para doar sangue na tentativa de salvar o músico.

Cabo Verde, Guiné (Bissau), Angola formaram o triângulo no percurso da sua vida, tendo vivido entre os vértices, deixando entre eles uma trajetória de amizade que envolvia amigos, familiares e companheiros de trabalho.

Acompanhado pelo conjunto os Merengues, de que fazia parte o Carlitos Vieira Dias, filho e continuador do Inesquecível Liceu Vieira Dias do conjunto *N'Gola Ritmos*, gravou, em 1975, a célebre canção *"Batuque é feitiço"* da autoria do compositor cabo-verdiano Pedro Rodrigues e *Viva Cabral*. Mais recentemente, gravou *"Mar Largo"*, em 2002. Este disco reflecte a vivência do autor que nasceu em Cabo Verde, viveu toda a adolescência e juventude na Guiné-Bissau, antes de se fixar em Angola.

Maiúca Marta deixou Guiné-Bissau, em 1972, para jogar futebol em Angola, no desportivo da Ganda, tendo sido o maior contrato até então assinado naquela colónia de Portugal, e por lá ficou. Antes, tinha jogado na Associação Académica da Praia e na da Guiné (Bissau), onde chegou a fazer parte da Seleção.

Em Angola, integrou os conjuntos *"Grito do Povo"* e *"Merengues"* e, recente-



mente, acompanhava o velho amigo Jorge Lima e outros músicos cabo-verdianos e angolanos que frequentavam o bar Xicala, na Ilha de Luanda.

Ele foi uma das figuras caboverdeanas radicadas em Angola, condecoradas pelo antigo Presidente de Cabo Verde, Pedro Pires, como reconhecimento das suas qualidades já referidas, de catalisador de amizades, aglutinador das relações entre caboverdeanos e angolanos e não só.

Maiúca era filho do enfermeiro Mário Marta, igualmente compositor, que lhe legou o nome. Mas, era também sobrinho, irmão, pai e tio de músicos, compositores, desportistas, como Joãozinho, Djódja, Tonecas, Emanuel, a irmã Eu-

nice Marta, a filha Eneida Marta, os filhos Gerson e Djelani. A sobrinha Mayra interpretou no cinema *"Os olhos azuis de Yonta"*, na Guiné. Djodji, um dos sobrinhos que tem marcado a música cabo-verdiana recente, é também um dos seus sobrinhos.

Descrever a vivência de Maiúca Marta em pormenor seria quase impossível, podendo correr o risco de errar por omissão, pelo que deixamos apenas um resumo para não deixar passar em branco a sua efémera passagem por este nosso mundo.

Referências à sua pessoa estão espalhadas por várias páginas na internet, em blogs, no Face Book, You Yube, ricos em informações memoráveis sobre a sua pessoa, bem documentados com fotografias e filmes, acompanhado de amigos e familiares.





SOCA NA DEMANDA DA VERDADE UM HISTORIAL NECESSÁRIO E IMPRESCINDÍVEL

Na história, encontramos muitos episódios e muitas máximas ligadas à ideia de que a história é soberana e magnânima quanto ao futuro e à verdade das coisas.

É nessa linha e ordem de ideia que elaboramos estas notas, a fim de revelarmos e preservarmos sempre as verdades de alguns fatos importantes do nosso percurso (enquanto instituição e entidade, numa determinada conjuntura), que precisam de ser esclarecidas, sob pena de ficarem escamoteadas, passíveis de erróneas interpretações relativamente a determinadas situações.

Pensamos que é fundamental e imprescindível avançar aqui informações sobre algumas situações e fatos da gestão do Ministro da Cultura, Mário Lúcio Sousa, relativamente à SOCA, para que todos possam tirar as suas próprias ilações e conclusões sobre as suas atitudes e decisões.

Sentimo-nos na obrigação de chamar a atenção para o caso, pois, pensamos ser importante que estejam a par desses dados, tendo em conta que temos de velar e defender os interesses dos nossos associados, dos autores e artistas em geral.

Achamos que é imprescindível um esclarecimento imediato e total do seu relacionamento com a SOCA e dos problemas que enfrentamos, para poderem analisar bem o seu desempenho, enquanto dirigente e servidor público, e fazerem o vosso próprio juízo de valor sobre o seu carácter e integridade, a partir de fatos concretos e não através de afirmações apenas.

Correndo o risco de pecarmos por demasiado rigor, achamos por bem, contudo, fazermos um pequeno historial deste processo para que possam apreender e compreender bem a questão em causa.

A SOCA, ao inteirar-se da designação do Sr. Ministro da Cultura para esse cargo, enviou-lhe uma carta, em 25 de Março, de 2011, felicitando-o e manifestando interesse numa colaboração aberta com o seu Ministério em prol da cultura.

Na sequência, o Sr. Ministro convidou a direção da SOCA para um encontro no seu gabinete, onde ele nos deu duas opções: ou estávamos com ele e aceitávamos as propostas que nos ia fazer, ou estávamos de fora e à nossa mercê.

Evidentemente que aceitamos as propostas avançadas, que iam, de fato, na linha do nosso programa de ação,

porquanto se propunha criar as condições para atingirmos o objetivo de arrecadação e distribuição dos direitos autorais, através das Finanças, das Alfândegas e da TELECOM, e da disponibilização de uma Sede condigna, à exceção da proposta de incluirmos o Sr. José da Silva (Djô da Silva) na direção, dirigindo o Departamento de Cobrança da SOCA, o que não aceitamos, por ser incompatível com o seu desempenho como empresário e produtor; também porque a direção da SOCA fora eleita pelos seus associados e só poderia entrar alguém com novas eleições, havendo o fato ainda de a nossa Instituição ter na sua Direção pessoas que poderiam desempenhar esse papel.

Numa outra instância, o Sr. Ministro pediu-nos que apresentássemos projetos culturais para financiamento, o que fizemos, prontamente, enviando, em 08 de Maio de 2011, uma proposta ambiciosa, abrangendo programas de rádio e televisão, para esclarecer e sensibilizar a população, os autores e artistas sobre questões autorais, contemplando uma Bienal de Artes plásticas, de nível internacional, que acabaria por se converter numa Galeria de Pintura Internacional, bem como a proposta de uma **Bienal de Arte Cabo-verdeana, Mostra de Produtos e Serviços - Diversão, Arte e Cultura** com as seguintes vertentes:

A – Stand Arte & Cultura,

- Exposição Coletiva de Pintura (jovens pintores);
- Exposições Individuais de Pintura;
- Exposição de Artesanato (Olaria, Cestaria, Madeira e outros) – Mercado e bazar de artesanato
- Exposição de Panaria e Bordados

B – Stand História Nacional

- Exposição sobre a história e a cultura de Cabo Verde (Conteúdos iconográficos, filatélico, numismático e cartográficos que representem a trajetória nacional, e outros temas de interesse histórico)

C – Stand Exposição Diversa

- Exposição/ Feira de livro; - Exposição de maquetes e projetos de arquitetura; - Exposição de corte e costura; - Exposição/mostra de produtos empresariais, fabris e outros.

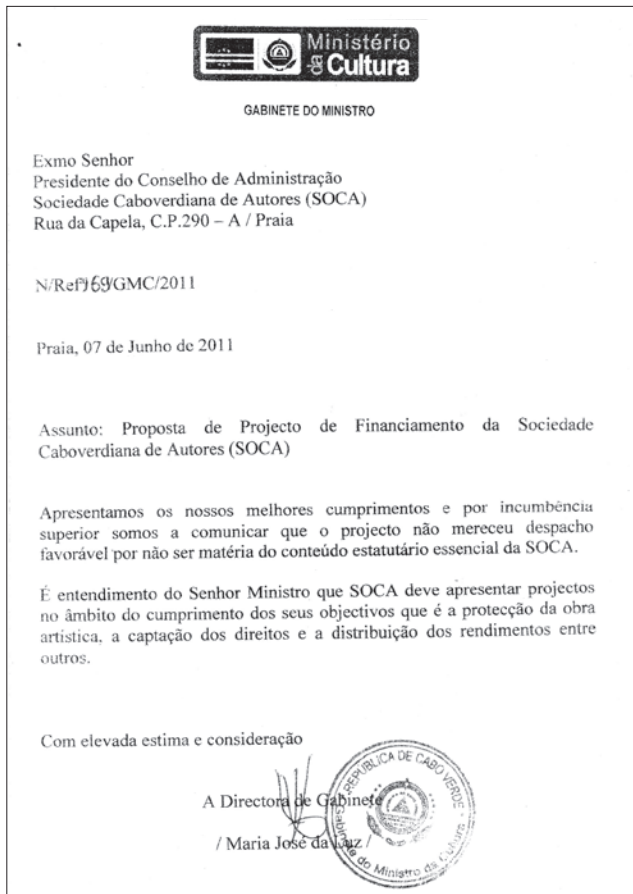
D – Stand Colóquios e Conferências

E – Stand Espetáculos e Performance – Festivais de Música

- Apresentação de Livros e Autógrafos
- Espetáculos/Festivais de Música, Poesia, Teatro e Dança
- Apresentação de Vídeos sobre a Cultura Nacional – Música, Artes Plásticas
- Manifestações Culturais Tradicionais (festas de romaria, etc.)

F – Stand Oficinas/Workshops

Entretanto, o Sr. Ministro mandou que nos enviassem uma nota, que recebemos em 07 de junho de 2011, dizendo que, por **“incumbência superior, o projeto não mereceu despacho favorável por não ser matéria de conteúdo estatutário essencial da SOCA”**.



E já vimos no que deu este nosso projeto.

Ainda, na sequência dessa audiência, o Sr. Ministro da Cultura organizou um encontro com artistas no salão da Biblioteca Nacional, no dia 10 de Junho de 2011 (ver Jornal A Semana online) em que a SOCA esteve presente na mesa, ao lado do Sr. Ministro, o qual prometeu criar todas as condições para a SOCA receber o montante devido aos artistas, no final daquele mesmo ano, cabendo à SOCA apenas o papel de distribuição (salientamos que a gravação do encontro, onde ele fez estas declarações, está disponível nas instalações da SOCA).

De fato, o Sr. Ministro mandou vir uma pessoa de fora do país, que já tinha trabalhado com o Sr. Djô da Silva, para avançar com o processo que permitiria à SOCA ter acesso à SACEM, que é uma organização congénere da SOCA, apesar de não ser tão necessário, visto que a SOCA tem participado como membro observador nas reuniões da CISAC, que é a Confederação Internacional das Sociedades de Autor e Compositor.

Entretanto, apesar de termos avançado com os documentos pedidos para o efeito, e de o Sr. Ministro não nos ter comunicado nada sobre a proposta feita nesse encontro com os artistas, e, portanto, não ter conseguido criar essas tais condições que nos permitiriam ter o montante para a distribuição, o Sr. Ministro convidou-nos, nos finais de Novembro, para mais um encontro no seu gabinete, onde disse que não tínhamos cumprido com o nosso trabalho e que devíamos fazer uma assembleia imediata para a eleição de uma nova direção, visto que havia muitos artistas a reclamar relativamente ao desempenho da SOCA. Dissemos-lhe, então, que nós não partilhávamos dessa opinião e que, no entanto, íamos ter um encontro com os Órgãos Sociais da SOCA para analisarmos a questão.

Após a reunião dos Órgãos Sociais, enviamos uma nota que espelhava o parecer unânime dos presentes, na qual se manifestava a confiança na Direção, salientando **“que foi registado com apreço a opinião do Sr. Ministro relativamente à SOCA, mas que a direção se manterá fiel ao mandato que lhe foi confiado pela Assembleia-geral, órgão soberano da SOCA”**.

De seguida, após o nosso pedido anual de desbloqueamento do subsídio, atribuído à SOCA pelo Primeiro-ministro em 2007, através do Ministério da Cultura, no valor de 1.490.000\$00, (um milhão, quatrocentos e noventa mil escudos cabo-verdianos), recebemos uma carta informando-nos que esse subsídio não seria atribuído devido **“a um corte de 12 mil contos no orçamento de 2012, o que representa 1/5 do seu orçamento de investimento e as restrições orçamentais impostas**

pela lei, etc., e que tendo em conta a natureza associativa, o orçamento do MC 2012 não prevê qualquer subsídio a associações”;

Salientamos aqui, que o arrazoado não corresponde à verdade, estando os 1.490.000 escudos até ao último momento de mudança de Governo no orçamento das finanças, na rubrica associações. Por outro lado, salientamos que, no ano anterior, tínhamos pedido ao Sr. Ministro da Cultura apenas metade do montante do subsídio anual, a fim de honrarmos alguns compromissos já assumidos, o que mereceu resposta negativa do Ministro da Cultura, levando-nos a comprometermo-nos pessoalmente na resolução desses problemas pendentes.

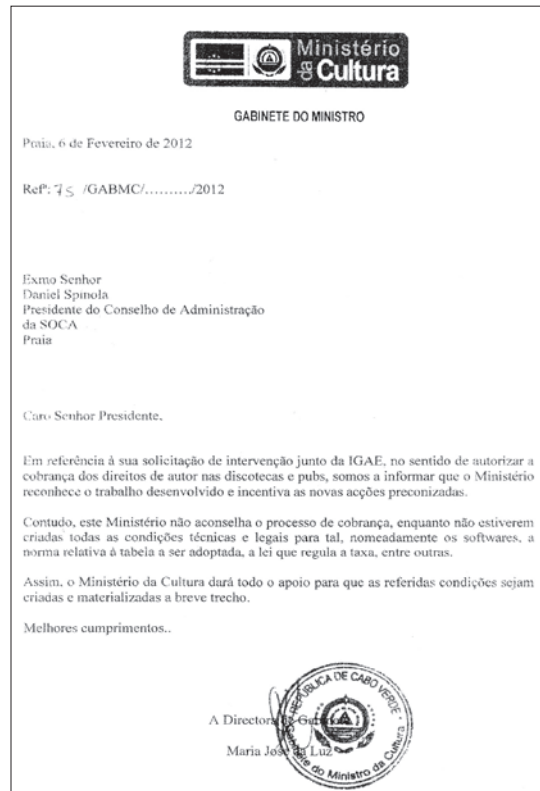
Entretanto, no ano seguinte, celebrou um acordo de pareceria no valor de 800.000\$00, que cumpriu apenas naquele ano e nunca mais, a não ser parcialmente, em uma ou outra ocasião, para pagar o salário da ajudante de serviços gerais, que teve de lhe enviar uma carta reclamando sobre a situação em que se encontrava.

Depois do Ministro da Cultura nos ter prometido um espaço para o funcionamento da sede da SOCA, e a possibilidade do Secretário Executivo integrar o Ministério da Cultura, sendo destacado a trabalhar na SOCA, sem que esses desideratos se cumprissem, como prometido, pois não se efetivaram, levando-nos a deixar a nossa sede e a ficar na mesma situação de trabalhar sem remuneração.

E como nunca cumpriu com a palavra dada, acabamos por guardar o nosso mobiliário na sala da Associação de Escritores Cabo-verdianos, no Palácio da Cultura, sem condições de funcionamento, durante mais de 3 anos.

Informamos ainda que a SOCA, após as várias tentativas junto à IGAE, carta datada de 13 de Dezembro de 2010, de entre outras, enquanto autoridade capacitada para pôr cobro à situação de ilegalidade relativamente aos direitos autorais e, conseqüentemente, possibilitar a arrecadação dos mesmos, sem que tivesse nenhuma resposta, enviou notas às tutelas da IGAE, em 03 de Janeiro de 2012, a saber: ao Ministério do Turismo, Indústria e Energia e ao Ministério da Cultura, solicitando os seus apoios junto à IGAE no sentido de aconselhar a colaborar com a SOCA para o bem do país e dos autores, ao que o Ministério da Cultura reagiu enviando-nos uma nota em que **“reconhece o**

trabalho desenvolvido e incentiva as novas ações preconizadas, mas não aconselha o processo de cobrança, enquanto não estiverem criadas todas as condições técnicas e legais para tal” (carta da Diretora de Gabinete do Ministro da Cultura, recebida em 06 de Fevereiro de 2012).



E aqui destacamos esta nota, que, afinal, mostra que trabalhamos e que desenvolvemos todo o processo de cobrança, e que o Sr. Ministro da Cultura nos aconselhou a não levar a cabo o processo de cobrança enquanto não estivessem criadas as condições para tal, não tendo dado nenhuma indicação à IGAE para nos apoiar, pelo que não nos podia cobrar o não cumprimento deste processo, visto que o governo não tinha criado os regulamentos e as condições necessários, segundo a sua perspetiva, para esse desiderato.

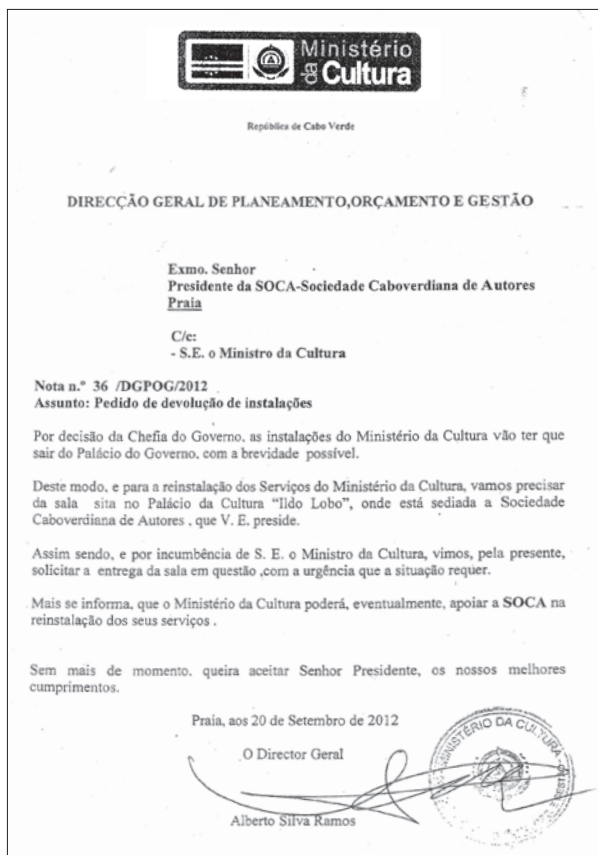
O absurdo, e até caricato, é que o Sr. Ministro, depois de nos ter enviado essa carta, foi inúmeras vezes à comunicação social dizer que a **“SOCA não está a cobrar os direitos e não está a cumprir a sua missão”**.

Após algum tempo de silêncio, o Ministério da Cultura convidou o Presidente do Conselho de Administração da SOCA para falar dos Direitos Autorais em Cabo Verde no Fórum MusiCabo Verde, na Cidade Velha, em Abril de 2012.

Nesse Fórum, depois da intervenção do Presidente da SOCA sobre os Direitos Autorais em Cabo Verde, nenhum dos artistas presentes levantou nenhuma questão sobre o desempenho da SOCA, tendo, apenas, o Sr. Djô da Silva e o Sr. Ministro da Cultura falado da SOCA, em vez dos direitos autorais, levando os presentes (quer cabo-verdianos, quer estrangeiros, convidados, quer ainda a comunicação social) a terem uma ideia distorcida do desempenho da SOCA, acabando por desvirtuar um pouco a situação, fazendo com que a SOCA reagisse enviando um Comunicado de Imprensa exigindo a reposição da

verdade dos factos, pois que o Sr. Ministro, no fim do Fórum fez uma declaração à imprensa dizendo que **“a partir daquele momento a SOCA tinha deixado de existir e o Grupo recém-criado tinha tomado o seu lugar como associação representativa e de gestão dos direitos autorais em Cabo Verde.”** É claro, enviamos uma nota à imprensa esclarecendo que havia legitimidade em haver outras associações do género, mas que nenhuma poderia tomar o lugar da SOCA e que o Sr. Ministro não tinha poderes para acabar com a SOCA e nem devia ter atitudes do género, enquanto governante, que devia funcionar como garante de criação de condições à sociedade civil e não um empecilho.

Depois, aquando de uma nossa Assembleia Extraordinária para discutirmos a melhor forma de resolvermos a situação deveras embaraçosa, e de retrocesso, em determinadas vertentes, em que nos encontrávamos, devido a um conjunto de fatores adversos, provocados por atitudes e decisões de algumas autoridades que deveriam ser nossos parceiros e não adversárias, **recebemos uma nota da Direção Nacional das Artes, reportamo-nos a uma missiva, enviada pelo DGPOG do Ministério da Cultura, em nota nº 36/DGPOG/2012, de 20 de Setembro de 2012, na qual alegavam que “por decisão da Chefia do Governo, as instalações do Ministério da Cultura teriam de sair do Palácio do Governo”, pelo que solicitavam a entrega da sala ocupada pela SOCA no edifício do Palácio da Cultura Ilido Lobo, com a máxima urgência.**



Este pedido, que chegou nas vésperas da nossa assembleia extraordinária, solicitava a entrega imediata da sala onde estávamos instalados, que era o espaço da Associação dos Escritores Cabo-verdianos (uma sala pequena), oferecido pelo Primeiro-Ministro à AEC, havia então mais de dez anos. A nota dizia que era **“para a reinstalação dos Serviços do Ministério da Cultura, que ia sair do Palácio do Governo, por decisão da Chefia do Governo”**. Entretanto, nunca mais saíram do Palácio do Governo, e, o interessante, também, é que havia, nesse mesmo dia e na mesma hora da nossa assembleia, a constituição da Associação de Músicos e Compositores.

Tendo o assunto merecido destaque em alguns Órgãos da Comunicação Social, o Sr. Ministro da Cultura convidou-nos para um diálogo, que aceitamos imediatamente, propondo o seu alargamento aos Órgãos Sociais da SOCA, que se efetivou, tendo o Sr. Ministro prometido publicamente, então, que ia atribuir um montante para o funcionamento da SOCA, nomeadamente para o arrendamento de um espaço para a sede da SOCA e para um mínimo de pessoal administrativo, não tendo nunca acontecido nada disso, não obstante termos enviado os documentos pedidos e de nos termos encontrado com o Sr. Ministro para lhe reforçar essa necessidade, visto que tínhamos um descoberto no banco para ser pago, decorrente do corte de subsidio (que nos era atribuído) o que nos impossibilitou o pagamento normal de arrendamento da sede em que estávamos, na ASA., pois, ele não cumpriu com a sua palavra, nem criando-nos condições no Palácio da Cultura para funcionarmos, nem honrando os compromissos dos protocolos assinados.

A determinada altura, de 2012, o Sr. Ministro da Cultura, Mário Lúcio Sousa, chamou todos os membros da Direção da SOCA, nomeadamente: Daniel Medina, Giordano Custódio, José Maria Barreto e Manuela Barbosa, para irem ao seu gabinete assinar uma carta, que teria sido escrita e enviada pela própria Direção, manifestando supostamente desagrado com o Presidente, Danny Spínola, que já não queriam, segundo ele, que continuasse à frente da SOCA e consequentemente que fosse destituído do cargo.

O curioso disto é que a carta apareceu sem nenhuma autoria e assinatura dos membros da direção pelo que teve, ele mesmo, de chamar a todos para o efeito, tendo como resposta de todos que estavam a 100%, de acordo com Danny Spínola como Presidente da SOCA. Assim sendo, como ninguém da direção assumiu a autoria da carta, perguntamos: quem a teria escrito? restando apenas o visado, o Presidente da SOCA, a quem não chamou para assiná-la, e o Sr. Ministro da Cultura, Mário Lúcio Sousa, que misteriosamente consegue a proeza, desse calibre ter uma carta de direção sem nenhuma assinatura dos membros da direção.

O mais flagrante de tudo isto, ainda, é que ele enviou a carta ao Primeiro-ministro, sem nenhuma assinatura da Direção, o que levou o assessor do mesmo, para a área da cultura, por incumbência do próprio PM, a chamar-nos para esclarecimentos sobre o que se passava, ficando o caso suspenso, sem nenhum desfecho concreto (após o repúdio da Direção quanto à questão).

A verdade, é que, mesmo que houvesse uma carta, verdadeira, escrita e assinada pela Direção a manifestar o seu desagrado com o Presidente da SOCA, essa carta teria de ser dirigida, obviamente, à Mesa da Assembleia-geral da SOCA, que é a única soberana relativamente a assuntos do género, e nunca ao Sr. Ministro da Cultura, que não tem nenhum poder nessa matéria. E ele devia, pelo menos, saber isso.

No início de 2013, o Sr. Ministro da Cultura, Mário Lúcio Sousa, disse, numa sessão parlamentar, que a Direção da SOCA não fez nada e que se dependesse dele e não fossemos de uma organização privada, ele demitir-nos-ia. E disse ainda que a SOCA era uma pedra no seu sapato, de entre outras coisas (como uma forma de represália à direção por não ter assinado a inventada carta que lhe foi parar miraculosamente às mãos?). E perguntamos, sabendo ele isso, porque ficou sempre a tentar dirigir as coisas da SOCA e a denegrir a sua imagem, dizendo que era ilegal, que não estávamos a fazer nada, e exigindo-nos para reunirmos em Assembleia-geral para eleição de novos órgãos sociais?

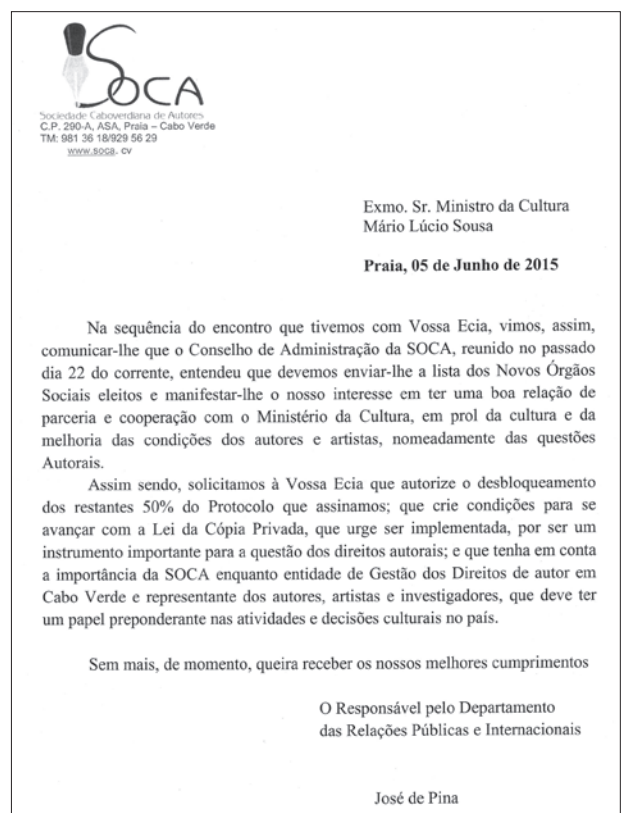
É claro, reagimos imediatamente, enviando uma carta aos grupos parlamentares, em 11 de Fevereiro de 2013, com o conhecimento do Presidente da Assembleia Nacional, requerendo um encontro para repor a verdade das coisas, reunindo em anexo todo o material relativo às nossas atividades, comprovativo irrefutável do trabalho feito até então, nomeadamente: A Tabela das Taxas que elaboramos para a cobrança dos Direitos de Autor, as cartas enviadas, reiterativamente, a 80 lugares cobrando os direitos: as cartas enviadas à IGAE e às suas tutelas, Ministério da Cultura e Ministério da Economia e Competitividade, pedindo colaboração na demanda das cobranças dos direitos autorais; as cinco revistas SOCAMagazine editadas, os cinco livros dos nossos associados publicados, as imagens das mais de dez homenagens feitas aos nossos autores, artistas, associados e as parcerias com várias entidades e instituições públicas e privadas, de entre várias outras.

Evidentemente, fizemo-la acompanhar de documentos comprovativos das atitudes pouco dignas, nada éticas e isentas de profissionalismo do Sr. Ministro relativamente à SOCA.

E uma vez mais chamou-nos ao seu Gabinete para nos pedir desculpas, dizendo que tudo aquilo não passara de ruído e que reconhecia o bom trabalho que a SOCA já tinha feito.

Finalmente, quase nas vésperas da despedida do seu governo, o Sr. Ministro resolve estar de bem com todos e dar uma de dialogante e trabalhador para o bem de todos, tendo criado o BUDA (Bureau de Direitos de Autor) como interlocutor do Governo, quanto às questões autorais, após a integração do IPICV no Instituto de Gestão Qualidade e Propriedade Intelectual.

Convidou-nos, de facto, para analisarmos a proposta de Cópia Privada, que nós tínhamos exigido que fosse criada, em carta que lhe dirigimos em 05 de Junho de 2015,



e propôs alugar um espaço para dividirmos com o BUDA e a SCM. Evidentemente que agradecemos o gesto, dizendo, entretanto, que não ficaria bem, enquanto organização privada, estarmos no mesmo espaço que uma instituição estatal, e comunicamos-lhe que já tínhamos conseguido uma sede em parceria com a ACL. Na sequência da conversa, ficámos de ver a possibilidade de conseguir aí um espaço para a SCM, o que de facto conseguimos e pusemos à sua disposição.

De seguida, o Sr. Ministro manifestou interesse em inaugurar a nossa sede, prontificando-se a providenciar uma verba para o restauro do edifício.

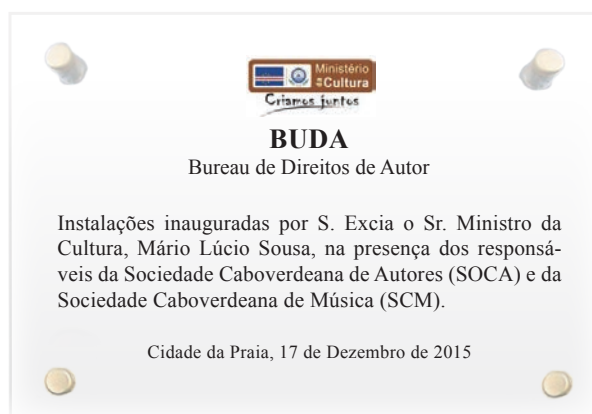
O curioso, mais uma vez, é que o Sr. Ministro, sem nos consultar, nem falar connosco, mandou fazer uma placa para a inauguração da sede da SOCA e ficou a propagandear que nos tinha arranjado uma sede e que já havia diálogo connosco.

É claro que devíamos ficar perplexos com tudo isso, visto que nós é que devíamos mandar fazer a placa, ou, no mínimo, devíamos dialogar sobre o assunto. Mas, quando vimos os dizeres da placa, compreendemos, de imediato, a atitude, pois que, pelo seu dizer e configuração, com o logo do Ministério da Cultura a encimar, seguido do logo do BUDA, dificilmente se diria que se tratava da inauguração da Sede da SOCA, que deve ter o seu logo e nada mais, em se tratando de organização privada. E esse era o objetivo, não nos dar o devido valor. Com os dizeres da inauguração, então, é que não se discernia nada que nos fizesse ver que se tratava da inauguração da sede da SOCA, pois que se refere a *“instalações inauguradas”*, sem nenhuma menção a quais, *“perante os representantes da SOCA e SCM,”* sem estarem, pelos vistos, os seus Presidentes presentes. Fica deveras difícil entender este tal diálogo, que não passa de monólogo, e logro numa tentativa de fingir que há algo, que na verdade não há, sendo flagrante a tentativa de desvirtuar as coisas dando a impressão de que fora ele que nos tinha conseguido a sede. (Placa em anexo)

Soubemos, recentemente, que o Sr. Ministro da Cultura, andou a enviar mensagens aos músicos, e artistas em geral, denegrindo a imagem da SOCA e do

seu Presidente, dizendo que estes não faziam nada para defender os seus direitos e que eram contra os artistas mesmo, instando-os a terem o mesmo comportamento destrutivo.

Soubemos isto pela boca de uma das vítimas dele nesta trama de difamação (que acabou por descobrir que eram falsas tudo o que o Sr. Ministro tinha dito), e que teve a coragem, a dignidade e a elegância de nos pedir desculpas pelo facto de ter caído nessa malha traiçoeira, falando mal de nós. E quantos é que não descobriram isso? E quantos é que não tiveram esta atitude superior e altruísta para nos confessar o seu deslize?



Na verdade, nem tudo foi dito aqui, mas abstermo-nos, por ora, de alongarmos sobre este assunto, tendo em conta que já se disse o essencial.

Pelo Presidente da Soca



Daniel Spínola

PROGRAMA DE ACTIVIDADES

SOCA Em Movimento – Uma Dinâmica Imparável
“Para uma autoria digna e Próspera.”

FEVEREIRO

– **Dia 12, segunda-feira**

17:00H –, Sede da SOCA – Sessão Especial sobre a SOCA: Tânea Lopes (fala na abertura), Roberta Dominici (balanço de 2017), Tereza Furtado (Direitos Autorais), Maria de Jesus B. Furtado e Sandra Solene C. Duarte (experiência acerca da pesquisa sobre a SOCA)

– **Dia 15, quinta-feira**

18:00H – Sede da SOCA - **Chá da tarde com artistas não-associados**

– **Dia 16, sexta-feira,**

Liceu Domingos Ramos -17:00H - Palestra: Como Funciona a Lei dos Direitos Autorais em Cabo Verde, por Tereza Furtado

Liceu Domingos Ramos - 17:30H – Palestra: A Importância da Arte na Formação do Ser-humano, por Gadalomba

– **Dia 19, segunda-feira**

17:00H – Sede da SOCA - **convívio Aniversário da SOCA**

MARÇO

– **Dia 03 de Março – sábado – GALA DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS E HOMENAGEM A TITINA RODRIGUES**

– **Dia 21 de Março, quarta-feira – COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA POESIA, Cidade Velha,**

– **17:00H – Plantação de Árvore**

– **17:30H – Lembrando Ovídio Martins,** por António Silva Roque, **Projeção Vídeo e Recital Poético com poemas de Ovídio Martins.**

– **18:00H – Cerimónia de Exaltação do Dia Mundial da Poesia,** por um Membro da ACL.

– **18:30H – Sessão de Projeção Vídeo – Retrospectiva em vídeo/Projeção do Pôr de Sol Poético na Presidência da República, (Retrospectiva do Dia Mundial da Poesia – 21 de março de 2013).**

– **19:00H – Distribuição de Direitos da Cópia Privada aos Escritores com Sessão de Música e Poesia**

23 de março, sexta-feira - Exposição de Pintura No Feminino em Saudação ao Dia Internacional da Mulher e do Dia da Mulher Cabo-Verdiana, com distribuição de Direitos da Cópia Privada aos Artistas Plásticos.

ABRIL

– **Dia 13 de Abril, sexta-feira - convívio de associados**

– **Dia 20 de Abril, sábado – Lisboa,** Lançamento da Revista SOCAMagazine – Entrega de Direitos Autorais e Artísticos.

– **Dia 28 e 29 de Abril, Sábado e Domingo – Encontro com Autores e Artistas – Esclarecimentos sobre direitos autorais,** Assomada e Tarrafal

MAIO

– **Dia 05 de Maio – Assembleia Extraordinária da SOCA, seguida de lançamento da Revista SOCA Magazine.**

– **Dia 19 de Maio, Sábado - Exposição de fotografias Percurso da SOCA,** com fotos de Albino Baptista e Tó Gomes; Lançamento Oficial de um Concurso de Fotografia sobre a Cidade Velha – Sessão de Projeção Vídeo – *Retrospectiva em vídeo/Projeção do Pôr de Sol Poético na Presidência da República, (Retrospectiva do Dia Mundial da Poesia – 21 de março de 2013).*

– **Dia 25 de Maio, sexta-feira - Inauguração da Biblioteca Arnaldo França - visita de alunos.**

– **Dia 26 de Maio, sábado – Grande Espetáculo Musical, no Auditório Jorge Barbosa, com Distribuição de Direitos Autorais e Artísticos**

JUNHO

– **Dia 09, sábado, Sal – Encontro com Autores e Artistas do Sal,** com esclarecimentos sobre questões autorais.

– **Dia 16, sábado, Boavista – Encontro com Autores e Artistas da Boavista,** com esclarecimentos sobre questões autorais,

DA SOCA PARA 2018

– **Dia 23 de junho, sábado, Santa Cruz** – Encontro com Autores e Artistas de Santa Cruz, com esclarecimentos sobre questões autorais.

JULHO

– **Dia 07 de Julho, sábado** – Estados Unidos – Lançamento da Revista SOCA Magazine, encontro com artistas e Homenagens a alguns Autores e Artistas.

– **Dia 27 de julho, sexta-feira** – Encontro com Autores e Artistas do Fogo, com esclarecimentos sobre questões autorais,

– **Dia 03 de Agosto, sexta-feira**

– Lançamento do livro de poemas *Germinações* de José Luís Hopffer Almada (Liceu Domingos Ramos ou Biblioteca Nacional)

AGOSTO

– **Dia 24 de agosto, sexta-feira, Lançamento do livro de Celina Lizardo,**

SETEMBRO

– **Dia 29 de setembro, sábado – FÓRUM SOBRE DIREITOS AUTORAIS E CONEXOS.**

OUTUBRO

– **Dia 12 de outubro, sexta-feira** - convívio de associados

17 de OUTUBRO, quarta-feira

COMEMORAÇÃO DO DIA NACIONAL DA CULTURA:

17:00H – Abertura Oficial, com a intervenção de um Representante da SOCA

17:30H – FEIRA DO LIVRO E TERTULIA LITERÁRIA E MUSICAL

18:00H – Sessão de Homenagens a: Casal Marta (Emília e Tonecas Marta), Kaká Barbosa, Zezé e Zeca di Nha Reinalda...

18:30H – PÔR-DE-SOL POÉTICO-MUSICAL, COM:

- **TERTÚLIA POÉTICA** – Sessão de Música & Poesia, com o Músico Pedro Moreno e performance poética Antologia Crioula, com o Poeta Danny Spínola, projeção do Vídeo-poema Adon y Éva do autor.

- **SESSÃO MUSICAL, Com:** Nany Vaz, Teté, Zezinha Rodrigues e...

Dia 18 de OUTUBRO, quinta-feira

15:30H – Conheça os Nossos Autores: Especial Perfis em Arte / Cultura, Projeção Vídeo

16:00H – Sessão Especial: Agora Falo Eu com os escritores Augusta Teixeira, Alberto Lopes, Carlos Graça, Daniel Mendes, Madalena Neves e João Lopes Filho, em Conversa de Escritor, Moderado pelo Académico Daniel Medina

16:30H – Sessão de Projeção Vídeo do Livro *Os Avatares das Ilhas*, de Danny Spínola

18:30H – Encerramento: Sessão de Música & Poesia.

NOVEMBRO

– **Dia 24 de novembro, sábado** – BIENAL DE ARTES PLÁSTICAS.

15:00H – Abertura da BIENAL

DEZEMBRO

– **Dia 01, sábado**

10:00H – Assembleia-geral da SOCA, Biblioteca Nacional, com - Exposição das fotografias do Concurso de Fotografia sobre Cidade Velha.

– **Dia 15 de dezembro** - Encontro de Natal de associados e equipe da SOCA.

– **Dia 20 de dezembro** - Entrega de presentes no Centro de idosos de Vila nova.



**Estamos
ligados**



CV Telecom